


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PAULO SANTIAGO DE SOUSA

**VOCABULÁRIO ESPECIALIZADO DOS
PASSARICULTORES DA REGIÃO
METROPOLITANA DE BELÉM**



ARARAQUARA – S.P.
2023

PAULO SANTIAGO DE SOUSA

VOCABULÁRIO ESPECIALIZADO DOS PASSARICULTORES DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/ Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Bolsa: CAPES/ PROEX.

ARARAQUARA – S.P.

2023

S725v

Sousa, Paulo Santiago de

Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região
Metropolitana de Belém / Paulo Santiago de Sousa. -- Araraquara,
2023

195 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

1. Vocabulário especializado. 2. Terminologia. 3.
Socioterminologia. 4. Passaricultores. 5. Região Metropolitana de
Belém. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade
de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

PAULO SANTIAGO DE SOUSA

VOCABULÁRIO ESPECIALIZADO DOS PASSARICULTORES DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/ Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Bolsa: CAPES/ PROEX.

Data da defesa: 25/05/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientadora: Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel
Faculdade de Letras – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Membro Titular: Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques
CCHS, Departamento de Letras – Univerisdade Federal do Mato Grosso do Sul

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais

Suplente: Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira
Faculdade de Letras Portugêses/Espanhol - Campus de Três Lagoas – UFMS

Suplente: Profa. Dra. Daniela de Souza Silva Costa
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação – FAALC/UFMS

Suplente: Profa. Dra. Regiani Aparecida Santos Zacarias
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais **Jaime** e **Nazaré**,
pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)¹ - Código de Financiamento 001, cujo suporte foi essencial para a realização desta pesquisa de doutorado.

Primeiramente, agradeço-te, meu Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. Teus planos para minha vida são sempre maiores que meus próprios sonhos.

À minha orientadora Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakaua, grande pesquisadora dos Estudos do Léxico. Agradeço pelo seu apoio e consideração. A senhora nunca perdeu a confiança em meu trabalho, dando-me orientações e conselhos valiosos durante os momentos mais desafiadores da pesquisa doutoral.

Agradeço aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Palavras não são capazes de expressar tamanha gratidão.

Aos professores da Pós-graduação pelos cursos ministrados e pelo conhecimento compartilhado e que, com empenho, se dedicam à arte de ensinar: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva (FCLAr), Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (FCLAr), Profa. Dra. Regiani Aparecida Santos Zacarias (FCLAr), Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti (FCLAr), Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues (FCLAr), Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves (*in memoriam*), Profa. Dra. Claudia Zavaglia (Unesp/ Ibilce), Profa. Dra. Adriana Zavaglia (USP), Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli (UFSCar) e Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira (UFMS).

À Seção de Pós-graduação pelo atendimento solícito e pelas informações objetivas;

Aos passaricultores da Região Metropolitana de Belém, por doarem parte de seu tempo, concedendo-me entrevistas e esclarecimentos.

Aos meus amigos de Pós-graduação, particularmente Bruna, Gustavo, Mirella e Jorge, pelos momentos de aprendizagens acadêmicas e pelas boas conversas.

Aos meus irmãos e sobrinhos, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização desta pesquisa.

Aos meus familiares e amigos pelo incentivo e orações, que sonharam junto comigo e, tantas vezes, enxugaram minhas lágrimas. E minha eterna gratidão a todos que estiveram comigo fisicamente ou conectados pelas constantes orações. Com certeza, eu não estaria me sentindo feliz e realizado sem o companheirismo e amizades tão verdadeiras.

¹ Processo 88887.364017/2019-00.

É preciso desvendar o mistério de como se estrutura o léxico da nossa língua.

(BIDERMAN, 1998, p.178)

Não existe comunicação profissional sem terminologia.

(KRIEGER, 2006, p. 164)

*Desde seus primórdios, a espécie humana mantém íntima relação com a fauna silvestre.
Desenhos rupestres nas cavernas habitadas por nossos ancestrais já retratavam esta relação.*

(CSERMAK JUNIOR, 2007, p. 1)

RESUMO

Nesta tese, fez-se uma pesquisa sobre o vocabulário especializado dos passaricultores da Região Metropolitana de Belém (RMB). Para tanto, foi necessário conhecer a atividade da criação de aves passeriformes, denominada passaricultura. O objetivo geral deste estudo é catalogar e estudar as unidades terminológicas mais usuais na oralidade dos passaricultores da RMB nos momentos em que eles discorrem sobre a criação de aves silvestres em ambientes domésticos. Os objetivos específicos tencionaram estabelecer discussões que relacionam língua, cultura e léxico, visando à compreensão de situações que favorecem o surgimento e a circulação dos termos especializados que compõem o repertório linguístico do grupo sociocultural dos passaricultores da RMB; desenvolver reflexões linguísticas e culturais acerca das unidades terminológicas presentes no protótipo do VE; elaborar um protótipo do vocabulário especializado monolíngue em língua portuguesa referente à atividade da criação de aves passeriformes da RMB, e sistematizar e disponibilizar a nomenclatura do VE, contendo todos os termos coletados e validados. Com estes propósitos, buscaram-se, nos aportes teóricos de Cascudo (1973), Sick (1997), Magalhães (2002), dentre outros, bases para discutir sobre o hábito da criação de aves em cativeiro desde o período colonial até os dias atuais em território brasileiro. Para analisar o léxico especializado dos passaricultores, os estudos teóricos de Biderman (1987; 2001), Galisson (1987; 1989), Cabré (1993; 1999), Gaudin (1993), Gouadec (1994), Faulstich (1995; 2006), Diki-Kidiri (2000), Duranti (2000), Barros (2004), Krieger (2004), Krieger; Finatto (2004), Lara (2006), Barbosa (2008), constituíram a base desta pesquisa. Quanto à metodologia, a abordagem é qualiquantitativa, tendo a pesquisa de campo como procedimento, com uso de gravações de entrevistas aplicadas a 12 participantes da mencionada região geográfica por meio de um questionário semiaberto. Na discussão dos resultados, analisaram-se os sintagmas com pivô terminológico, pois estão presentes no *corpus* com alta frequência. Considera-se que o estudo é relevante à medida que evidencia uma atividade cultural antiga e em expansão, mas carente de pesquisas, sobretudo no campo linguístico. Apresenta-se, portanto, uma obra terminográfica, sendo um protótipo de um vocabulário especializado onde os termos coletados trazem imbricados em suas definições marcas da cultura e história da criação de passeriformes, demonstrando uma relação sócio-histórica entre o homem e as aves.

Palavras-chave: Vocabulário especializado; Terminologia; Socioterminologia; Passaricultores; Região Metropolitana de Belém.

ABSTRACT

In this thesis, a study was conducted on the specialized vocabulary of bird breeders in the Metropolitan Area of Belém, Brazil (MAB). To do so, it was necessary to understand the activity of breeding passerine birds, known as "passaricultura" in Portuguese. The general objective of this study was to catalog and study the most common terminological units used orally by bird breeders in the MAB when discussing the breeding of wild birds in domestic environments. The specific objectives were to discuss the relationship between language, culture, and lexicon with the aim of understanding situations that favor the emergence and circulation of specialized terms that make up the linguistic repertoire of the sociocultural group of bird breeders in the MAB. Additionally, the study aimed to develop linguistic and cultural reflections on the terminological units present in the prototype of the specialized vocabulary, to create a prototype of a monolingual specialized vocabulary in the Portuguese language related to the activity of breeding passerine birds in the MAB, and to systematize and provide the nomenclature of the specialized vocabulary containing all the collected and validated terms. To achieve these purposes, theoretical contributions from Cascudo (1973), Sick (1997), Magalhães (2002), among other authors, were used to discuss the practice of bird breeding in captivity from the colonial period to the present day in the Brazilian territory. To analyze the specialized lexicon of bird breeders, the theoretical studies of Biderman (1987; 2001), Galisson (1987; 1989), Cabré (1993; 1999), Gaudin (1993), Gouadec (1994), Faulstich (1995; 2006), Diki-Kidiri (2000), Duranti (2000), Barros (2004), Krieger (2004), Krieger; Finatto (2004), Lara (2006), Barbosa (2008), and Lara (2006) were used. Regarding the methodology, a qualitative-quantitative approach was employed with field research as the procedure, using recorded interviews conducted with 12 participants from the aforementioned area through a semi-open questionnaire. In the discussion of the results, syntagms with terminological pivots were analyzed as they frequently occurred in the corpus. This study is considered relevant because it highlights an ancient and expanding cultural activity that lacks research, particularly in the linguistic field. Thus, it is a terminographic study that can be used as a prototype for specialized vocabulary. The terms collected are cultural and historical markers of the breeding of passerine birds, showing a relationship between people and birds over time.

Keywords: Specialized vocabulary; Terminology; Socioterminology; Bird breeders; Metropolitan Region of Belém.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Sabiá-da-praia (<i>Mimus gilvus</i>)	23
Figura 2	Criança indígena Terena	25
Figura 3	Criança indígena Tenetehar	25
Figura 4	Mapa estratégico do IBAMA 2016/2019	28
Figura 5	Léxico da língua geral e da língua especializada	50
Figura 6	Municípios integrantes da Região Metropolitana de Belém	84
Figura 7	Árvore de domínio da atividade da passaricultura da RMB	93
Figura 8	Tela inicial do <i>AntConc</i>	96
Figura 9	Janela <i>Word List</i> do <i>AntConc</i>	97
Figura 10	Tela da ferramenta <i>Word List</i> em ordem alfabética com o termo <i>curió</i> em destaque	97
Figura 11	Ferramenta <i>Clusters / N-Grams</i> : O termo <i>curió</i> e lexias próximas	98
Figura 12	Ferramenta <i>Clusters / N-Grams</i> : palavras à direita do termo <i>curió</i>	99
Figura 13	Visualização do verbete “Passaricultor” no <i>software Lexique Pro</i>	103
Figura 14	Visualização de verbetes - versão para impressão	105
Figura 15	Visualização de verbetes - versão digital	105
Figura 16	Termo-entrada principal	107
Figura 17	Termo-entrada variante	108
Figura 18	Curió (<i>Oryzoborus angolensis</i>)	114
Figura 19	Notas do canto praia clássico	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Termos marcados culturalmente	46
Quadro 2	Termos simples	51
Quadro 3	Termos complexos	52
Quadro 4	Teorias contemporâneas que abordam o léxico especializado	56
Quadro 5	Pontos de comparação entre a TGT e a TC	65
Quadro 6	Tipologia de definições	72
Quadro 7	Termo “roda”	73
Quadro 8	Termo “temporada”	74
Quadro 9	Termo “curió”	74
Quadro 10	Termos “gaiola, gaiola de armada e gaiola voadeira”	76
Quadro 11	GPDE do termo “gaiola”	76
Quadro 12	Termos “corruchiar, engolir nota e fibrado”	78
Quadro 13	Normas de transcrição grafemática das entrevistas	90
Quadro 14	Etiquetas e Componentes usados no software <i>Lexique Pro</i>	100
Quadro 15	Sintagmas terminológicos	111
Quadro 16	Fraseologismos com termo <i>curió</i>	115
Quadro 17	Fraseologismos com termo <i>canto</i>	117
Quadro 18	Fraseologismos com termo <i>gaiola</i>	119

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Termos dos passaricultores da RMB	111
Gráfico 2	Fraseologismos com o termo <i>curió</i>	116
Gráfico 3	Fraseologismos com o termo <i>canto</i>	119
Gráfico 4	Fraseologismos com o termo <i>gaiola</i>	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Informações sobre o CCPP	32
Tabela 2	População dos municípios da RMB em 2021	83
Tabela 3	Características geográficas da RMB	85

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Torneio de canto realizado em Belém Pará, 2022	36
Imagem 2	Troféus dado aos campeões de torneios	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCPP	Clube de Criadores de Pássaros do Pará
COBRAP	Confederação Brasileira de Criadores de Pássaros Nativos
COPANT	Comissão Pan-americana de Normas Técnicas
DE	Definições Enciclopédicas
DL	Definições Lexicográficas
DS	Definição por sinonímia
DT	Definição Terminológica
FT	Ficha Terminológica
GPDE	Definição por Gênero Próximo e Diferença Específica
IBGE	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IMED	Instituto de Medicina, Estudos e Desenvolvimento
IN 10/2011	INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 10/2011, de 20 de setembro de 2011
ISO	International Organizations for Standardisation (Organização Internacional de Padronização)
LE	Língua de Especialidade
L1	Locutor 1
L2	Locutor 2
ONGs	Organização Não Governamental
RENCTAS	Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres
SEMAS	Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Sustentabilidade
RMB	Região Metropolitana de Belém
ST	Sintagma Terminológico
TC	Terminologia Cultural
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	Teoria Geral da Terminologia
UFE	Unidade Fraseológica Especializada
UT	Unidade Terminológica
VE	Vocabulário especializado
VEPRMB	Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	AVES SILVESTRES DO BRASIL	22
2.1	Primeiros registros da criação e as políticas de combate ao tráfico de pássaros	22
2.2	Caminhos da legalização na criação de passeriformes	29
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	39
3.1	Léxico e cultura	39
3.2	Lexicultura	44
3.3	Terminologia	48
3.3.1	Caracterização de uma língua de especialidade (LE)	52
3.3.2	Teorias contemporâneas que abordam o léxico especializado	56
3.3.2.1	Socioterminologia: dimensão social do termo	57
3.3.2.2	Terminologia Cultural: dimensão cultural do termo	63
3.4	Terminografia	66
3.4.1	Vocabulário especializado enquanto produto terminográfico	67
3.4.2	Definição terminológica	70
3.4.3	Normalização terminológica	79
4	METODOLOGIA	83
4.1	Lócus da pesquisa	83
4.2	Técnica e instrumento de coleta de dados usados na pesquisa de campo	86
4.3	Participantes da pesquisa	87
4.3.1	Critérios adotados para seleção dos participantes	87
4.3.2	Perfil dos participantes	88
4.4	Dados quantitativos do <i>corpus</i>	89
4.5	Procedimentos da transcrição dos áudios	89
4.6	Delimitação da pesquisa terminológica	90
4.6.1	Público alvo	90
4.6.2	Tipo de obra	91
4.7	Elaboração da árvore de domínio	91
4.8	Tratamento do <i>corpus</i> e seleção dos candidatos a termos	95
4.9	Organização do vocabulário especializado	99
4.9.1	Como ler o vocabulário especializado	106

5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	110
5.1	Distribuição das categorias gramaticais no VEPRMB	110
5.2	Sintagmas terminológicos	110
5.3	Fraseologismos com termo <i>curió</i>	113
5.4	Fraseologismos com termo <i>canto</i>	117
5.5	Fraseologismos com termo <i>gaiola</i>	119
5.6	Protótipo do Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém	122
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS	136
	APÊNDICES	149
	APÊNDICE A - Nomenclatura do Vocabulário Especializado	150
	APÊNDICE B – Questionário	163
	APÊNDICE C - <i>Corpus</i> oral - transcrição grafemática	166
	ANEXOS	185
	ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP	186
	ANEXO B - Termo de Consentimento	190
	ANEXO C - Informações sobre a pesquisa emitidas pelo CEP	191
	ANEXO D - Comprovante de envio do Projeto	194
	ANEXO E – Folha de Rosto – Plataforma Brasil	195

1 INTRODUÇÃO

A terminologia, entendida como unidade lexical das comunicações em contextos especializados, tem existência na história humana desde a Antiguidade. Rondeau (1984) e Barros (2004) mencionam que as línguas de especialidade estavam presentes na terminologia dos filósofos da Grécia antiga, nos falares dos comerciantes cretas, na arte militar dos povos antigos, artefatos para defesa pessoal, instrumentos de trabalho, listas de termos com equivalentes etc. O uso de termos não é uma atividade linguística dos últimos séculos, tampouco está restrito a alguns segmentos sociais, mas sempre existiu para usos comunicativos nas necessidades do ser humano.

Contudo, há de se destacar que mesmo a terminologia estando presente nas atividades do homem desde tempos remotos, seu reconhecimento e história, quando observada pela ótica do “manejo e controle social do(s) vocabulários especializado(s), como objeto de teorias e descrições linguísticas”, é recente (KRIEGER, 2001, p. 45).

O século XX é o marco pelo interesse dos estudos terminológicos, uma vez que a ciência, a tecnologia e a globalização apresentam um acelerado desenvolvimento no cenário mundial. Com isso, houve a necessidade de uma comunicação precisa no uso de termos técnicos, para atender a demandas específicas de cada setor profissional, para evitar equívocos no manuseio de máquinas, equipamentos tecnológicos, favorecendo o fluxo de informações de cada área do conhecimento em franco processo de expansão.

Foi no final do século XX, mais especificamente nas décadas de 1930 a 1960, que o engenheiro austríaco Eugen Bernhard Casper Wüster estabeleceu as bases teóricas da disciplina Teoria Geral da Terminologia (TGT), cuja finalidade foi estabelecer critérios normativos de conceitos e termos nas áreas científicas e tecnológicas, sem considerar aspectos relativos ao funcionamento da linguagem com sua natureza variacionista. Em torno da TGT se constituiu a Escola de Terminologia de Viena, que deu origem ao Comitê de Terminologia da *International Standardization Organization* (ISO), entidade que congrega associações de padronização/normatização terminológica de diversos países.

Para aquele momento histórico, a TGT teve contribuição, propondo a comunicação precisa nas relações de comércio internacional. Felber (1984, p.15) destaca algumas dessas contribuições: a natureza, relação e descrição dos conceitos, “a formação de termos, a normalização de conceitos e termos, a internacionalização de conceitos e termos”. Os estudos de Wüster, que outrora foram válidos, deram vazão ao surgimento de novas teorias que

discutem o papel, a circulação e a importância dos termos em perspectivas mais condizentes com as necessidades comunicativas contemporâneas.

Com o advento dos estudos teóricos e aplicados da Terminologia, enquanto disciplina das Ciências do Léxico, nas últimas décadas do século passado e nestas primeiras décadas do século XXI, multiplicaram-se as pesquisas com enfoque voltado para o termo técnico. O benefício dessas pesquisas para as universidades e para a comunidade em geral consiste na possibilidade de os pesquisadores realizarem o mapeamento, a sistematização e a divulgação de terminologias e suas implicações de uso para os grupos sociais que as utilizam, bem como, os interessados em conhecer os costumes e comportamentos profissionais e culturais que são expressos no uso cotidiano dos termos. Dicionários técnicos, glossários, vocabulários especializados tanto impressos quanto eletrônicos alcançaram ampla divulgação, facilitando a comunicação entre os variados segmentos da sociedade.

Diante deste cenário, estudantes de graduação e pós-graduação, capitaneados por pesquisadores já experientes nas pesquisas sobre o léxico especializado, passaram a olhar às possibilidades de estudos e propor projetos de pesquisas com a finalidade de mapear a terminologia de atividades científicas e culturais, amparados por teorias e suas respectivas metodologias que melhor trouxessem resultados qualitativos e quantitativos aos *corpora* coletados.

Estudos com base, por exemplo, na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), Socioterminologia, Terminologia Cultural tiveram expressiva adesão dos pesquisadores. A diversidade de atividades e os termos usados no seu fazer diário despertam curiosidades de pesquisadores e das demais pessoas que ouvem ou leem itens lexicais simples e sintagmáticos peculiares a essas atividades. Nessa perspectiva iniciou-se o anseio por se desenvolver uma pesquisa voltada para a terminologia dos passaricultores da Região Metropolitana de Belém (RMB).

Regressando no tempo, menciona-se a pesquisa de Mestrado intitulada “O léxico dos passarinhos da região do Caeté: um estudo socioterminológico”, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, *campus* universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará, que lançou os primeiros olhares a respeito dos termos empregados pelos criadores de aves passeriformes daquela região. Essa pesquisa demonstrou o quanto se podia diversificar o espaço geográfico e *corpus* a ser investigado, para oferecer um panorama da terminologia dos sujeitos sociais denominados de passaricultores.

Mas como desenvolver esta pesquisa de tese? Quais os objetivos a serem alcançados? Quais referenciais teóricos podem embasar as discussões? Qual metodologia é mais adequada para fazer o percurso e chegar a resultados significativos? De que forma se podem divulgar os dados coletados? Uma obra terminográfica é adequada para divulgar os resultados? Qual? E os benefícios da pesquisa? A quem interessa? Quais suas contribuições para os estudos da linguagem?

São questionamentos que motivaram o pesquisador a submeter um pré-projeto de tese para a seleção do curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Araraquara. Uma vez aprovado no processo seletivo, iniciam-se as atividades de escrita do trabalho, que no decorrer dos quatro anos de estudos foram se aprimorando até chegar ao texto a ser apresentado e defendido.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, realizar um estudo relativo à terminologia presente na oralidade dos passaricultores da Região Metropolitana de Belém (RMB), quando dialogam sobre a atividade da passicultura, a partir de um *corpus* representativo oriundo de gravações de entrevistas com esses sujeitos sociais, que possibilitam o reconhecimento de uma língua de especialidade, apresentada em um vocabulário especializado (VE), cujos termos se situam na prática da tradição cultural, social e profissional.

Os objetivos específicos que nortearam a elaboração da tese foram:

I) estabelecer discussões que relacionam língua, cultura e léxico, visando à compreensão de situações que favorecem o surgimento e circulação dos termos especializados que compõem o repertório linguístico do grupo sociocultural dos passaricultores da RMB;

II) desenvolver reflexões linguísticas e culturais acerca das unidades terminológicas presentes no protótipo do VE;

III) elaborar um protótipo do vocabulário especializado monolíngue em língua portuguesa referente à atividade da criação de aves passeriformes da RMB;

IV) sistematizar e disponibilizar a nomenclatura do VE, contendo todos os termos coletados e validados,

Com base na coleta e estudo das unidades léxicas empregadas pelo grupo dos passaricultores permitiu-se não só a elaboração de um protótipo de vocabulário terminológico, mas a constatação da existência de uma linguagem especializada, que se constitui por meio da relação entre língua, cultura e sociedade.

Para tanto, estruturou-se em quatro partes o formato capitular desta tese. No primeiro capítulo discorre-se sobre os primeiros registros da criação de aves silvestres em cativeiro,

enfatizando que no período colonial do atual território brasileiro se iniciou um processo de comércio ilegal da avifauna. Pesquisadores como Cascudo (1973), Sick (1997) e Magalhães (2002) desenvolveram estudos que descrevem esse cenário de exploração de animais e destacam o papel dos povos indígenas na retirada de aves do ambiente silvestre, na maioria das vezes para atender aos anseios dos colonizadores, já que antes da invasão dos europeus não havia exploração da fauna. Ainda neste capítulo demonstra-se o itinerário traçado pelos órgãos governamentais para combater a ilegalidade na comercialização de pássaros e legislações voltadas para orientar a criação legalizada de passeriformes em ambiente doméstico, surgindo os clubes e associações de criadores de aves em diversas regiões do Brasil, inclusive na RMB.

No segundo capítulo discutem-se as relações entre língua, cultura e léxico. E na Lexicultura proposta por Robert Galisson analisam-se evidências de que a cultura está expressa em certas palavras usadas pelos passaricultores, dando a elas significados específicos. Os tópicos seguintes do capítulo estão direcionados à Terminologia, à Terminologia Cultural, à Socioterminologia, à Terminografia, incluindo as definições terminológicas e o vocabulário especializado enquanto obra terminográfica, ambas vertentes teóricas corroboram para as discussões dos dados inventariados na pesquisa.

A metodologia, descrita no terceiro capítulo, situa o leitor no espaço geográfico delimitado para a coleta de dados, a Região Metropolitana de Belém. Ademais, explicita o tipo de pesquisa e os instrumentos usados para coleta do *corpus*, informações sobre colaboradores da pesquisa, critérios adotados para seleção dos participantes, procedimentos da transcrição dos áudios, elaboração da árvore de domínio, tratamento do *corpus* e seleção dos candidatos a termos, organização do vocabulário especializado e instruções sobre a leitura do VE.

A apresentação e discussão dos resultados, bem como o protótipo do vocabulário especializado dos passaricultores da RMB compõem o quarto capítulo. O protótipo do VE é composto por cinquenta verbetes que demonstram parte da terminologia dos criadores de aves passeriformes. E que indicam o modelo de elaboração da obra terminográfica adotada pelo autor.

Estão disponíveis nos apêndices, o Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, o roteiro de questionário usado nas entrevistas, a transcrição grafemática de uma entrevista e a nomenclatura do VE.

Com isso, acredita-se que a pesquisa possa contribuir com as Ciências do Léxico, discutindo possibilidades de se realizar estudos dos termos usados nas atividades culturais de

diversos grupos. Além disso, oportuniza conhecer traços da história, da cultura, dos comportamentos dos criadores de aves silvestres, desde o período colonial até a atualidade, afinal as aves continuam cantando e encantando os humanos.

2 AS AVES SILVESTRES DO BRASIL

Neste capítulo discute-se a respeito dos primeiros registros da criação de aves em terras brasileiras, com ênfase na prática dos povos originários e dos colonizadores europeus, bem como as políticas precursoras de combate ao tráfico de animais silvestres, mais especificamente da avifauna. Evidencia-se criticamente o percurso trilhado por órgãos governamentais e ONGs na tentativa de diminuir o aprisionamento ilegal de pássaros e a busca de soluções para o manejo adequado das espécies de passeriformes. No decorrer do texto são citadas partes do discurso oral dos doze passaricultores entrevistados pelo pesquisador, sendo referenciados pelos nomes fictícios, Sr. Augustin, Sr. Benson, Sr. Dorney, Sr. Elliott, Sr. Franklin, Sr. Gardner, Sr. Lars, Sr. Marius, Sr. Muñoz, Sr. Olivier, Sr. Rohan, Sr. Russel.

2.1 Os primeiros registros da criação e as políticas de combate ao tráfico de pássaros

Nos primeiros versos da Canção do Exílio “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá/as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá”, o poeta Gonçalves Dias (1823-1864), um dos maiores representantes do romantismo brasileiro na literatura, exaltou a biodiversidade das aves presentes em terras brasileiras. Para Alves e Silva (2000), o pássaro exaltado referia-se possivelmente ao sabiá-da-praia², que naquela época era muito comum na faixa de vegetação próxima à praia, no litoral brasileiro, principalmente no estado do Rio de Janeiro.

² Ave passeriforme da família *Mimidae*, com nome científico *Mimus gilvus*, que em latim significa imitador, por isso é possível ouvir notável maestria em seus cantos, normalmente imitando outras aves (PESSOA, 2012).

Figura 1: Sabiá-da-praia (*Mimus gilvus*)



Fonte: https://ebird.org/species/tromoc1?siteLanguage=pt_BR

A Canção do Exílio trouxe uma sensação poética tão agradável que se notabilizou, fazendo-se presente em diversos materiais impressos e eletrônicos, sobretudo aqueles dedicados ao ensino da literatura brasileira. Seus belos versos com rimas dóceis trazem mistos de sensações a quem os ouve ou declame; é um poema que se faz presente na memória e imaginação do povo brasileiro, por sua capacidade de remeter o leitor à recordação do lugar de origem pela presença da avifauna representada pelo ilustre sabiá, com seu canto distintivo, saudoso e memorável. Canção do Exílio é um poema que não se limita a um público, época ou nível de escolarização, pois tem em sua gênese a inclinação para o encanto e fascinação.

A presença do sabiá no poema Canção do Exílio é um indicativo da relação entre homem e ave. As aves cantam e os homens se encantam. Como não se deixar arrebatado pelo canto das aves? Melodias serenas, altivas, estridentes que retumbam no pensamento humano e o faz desejar estar próximo dos pássaros. Este desejo em escutar o canto que vem da fauna é muito antigo; o homem não resistiu à escuta dos cantos avifaunísticos e tomou a atitude de trazer os pássaros para perto de si. A princípio, os humanos primitivos exploraram a fauna silvestre como fonte de subsistência, ato comum no processo de sobrevivência naquela época, o que ficou demonstrado em desenhos rupestres nas cavernas em que habitavam. Contudo, havia um nível de equilíbrio ambiental aceitável; as espécies não corriam risco de extinção pela ação humana. Os maiores impactos relacionados à extinção de espécies de aves aconteceram em decorrência de alterações antrópicas de seus *habitats* do que, propriamente, pela ação humana por meio da caça predatória, destaca Wilson (1993).

Verdade (2004) afirma que desde os seus primórdios, a espécie humana mantém uma estreita relação com a fauna silvestre, visto que os desenhos rupestres nas cavernas habitadas por nossos ancestrais já retratavam uma proximidade de convívio. Pedreschi (1992), por sua vez, assegura que o vestuário e alguns alimentos consumidos pelos primeiros homínídeos procediam da caça dos animais que habitavam a área geográfica desses ancestrais, entretanto o primeiro registro escrito do homem como caçador aparece nos escritos da Bíblia, no livro de Gênesis³.

No Brasil, de acordo com Cascudo (1973), os indígenas participaram do início da exploração da avifauna silvestre, no entanto, domavam animais, e, sobretudo, aves, com finalidades recreativas, por apreço à sonoridade do canto e pela satisfação à exuberância desses silvestres. Não havia intenções comerciais, e ainda, por terem grande conhecimento do modo de vida das espécies, os indígenas mantinham a alimentação correta de cada ave, sem maus-tratos e com critérios, causando raras ameaças à sobrevivência dos animais.

Jules Crevaux (1879, p. 32) faz uma descrição de sua chegada entre os ameríndios: “Jacamins, jacus, araras vêm esvoaçar em torno de mim; uma pequena onça amansada se lança de uma vez sobre minhas costas e rasga minha jaqueta. Namaoli faz um gesto e todos esses animais batem em retirada...”. Animais e indígenas, por muitas vezes, compartilhavam do mesmo espaço de vivência, evidentemente com algumas exceções, porque há uma relação natural de predador e presa e vice-versa. Calavia Saez (2010) relata que o general Couto de Magalhães escreveu em sua obra *O Selvagem*, que uma visita às aldeias era como estar em um museu vivo de zoologia, pois era constante a existência de aves (araras, papagaios, avestruzes, mutuns) e outros animais (macacos de diversas espécies, porcos, bicho-preguiça, quatis, veados, jiboias e jacarés). As figuras a seguir ilustram a presença de convívio dos animais com os indígenas nas aldeias.

³ Gênesis é considerado o livro da Criação, na tradição judaico-cristã. Nesse livro, no capítulo 10, versículo 9 encontra-se a seguinte passagem: “Os meninos cresceram. Esaú tornou-se Caçador habilidoso e vivia percorrendo os campos, ao passo que Jacó cuidava do rebanho e vivia nas tendas.” Esse trecho confirma as informações de Pedreschi (1992).

Figura 2: Criança indígena Terena

Fonte: Jainane Cotócio⁴

Figura 3: Criança indígena Tenetehar

Fonte: Arte Lunetas⁵

Os estudos de Magalhães (2002, p. 10) informam que “Os primeiros registros de animais silvestres brasileiros enviados a outros países são da época do “descobrimento” do Brasil com a chegada dos portugueses a este país”. O trecho a seguir da Carta de Pero Vaz de Caminha para o Rei D. Manuel do dia 1º de maio de 1500 é uma indicação do panorama que viria a acontecer com os animais silvestres:

Resgataram lá por cascavéis e outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes (...) Vossa Alteza todas estas coisas verá, porque o Capitão vo-las há de mandar, segundo ele disse.

É certo que os indígenas já caçavam animais antes do “descobrimento”, contudo foi com a chegada dos europeus que se iniciou a caça predatória, o que fica explícito no trecho da carta enviada ao Rei D. Manuel (PEREIRA, 2002). Afonso Ribeiro, um condenado de Portugal, foi o primeiro caçador de papagaios e cascavéis; ele viajava na expedição de Cabral para ser abandonado distante de sua terra natal.

A Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (RENCTAS), no ano de 2001, afirma que a expressão “Terra dos Papagaios” foi o nome dado por três anos ao Brasil pelos invasores europeus, em virtude das aves que faziam sucesso na Europa, por sua

⁴ Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/aos-3-anos-joelaine-ja-mostra-ao-mundo-o-orgulho-em-ser-terena>. Acesso em 05 de set. de 2022.

⁵ Disponível em: <https://lunetas.com.br/xerimbabo-animais-da-floresta-e-criancas/>. Acesso em 05 de set. de 2022.

beleza, já no início do século XVI. Pereira (2002) destaca que a caça aos animais crescia muito rápido no período colonial, principalmente às aves, devido à cobiça pelas penas para enfeite de roupas, pois isso dava a ideia de *status* socioeconômico, como é o caso de um manto todo coberto de penas de tucano, de D. Pedro II, que está guardado no Museu do Império, na cidade de Petrópolis.

O pesquisador ornitólogo Sick (1997) informa que a chegada dos europeus em terras brasileiras, nos primeiros séculos de colonização, provocou mudanças consideráveis na amistosidade existente entre homem e pássaros. Siqueira Mendes e Mendes Mendonça (2018, p. 32) salientam que “O contato dos povos indígenas brasileiros com os europeus, durante a colonização, mudou inevitavelmente sua relação com o seu ecossistema”. Iniciou-se uma exploração dos recursos naturais, e agora os próprios indígenas são usados como colaboradores dessa caça predatória (RENCTAS, 2009; PADRONE, 2004).

Há relatos dos exploradores Spix e Martius (1881), no livro *Viagem pelo Brasil*, de que os índios Xavantes foram vistos no início do século XIX, às margens do rio Tapajós, comerciando com os viajantes: os indígenas trocavam animais, penas de pássaros, mel e cera de abelhas, por instrumentos de ferro, espelhos, cordas, apitos e cachaça. De 1830 a 1850, os habitantes nativos, além da prática da caça para sua subsistência, vendiam animais vivos e peles silvestres (SIQUEIRA MENDES; MENDES MENDONÇA, 2018).

Segundo Magalhães (2002, p. 11) “Quando o comércio de animais silvestres se tornou uma atividade lucrativa, havia então um novo ramo de negócios, com pessoas (geralmente viajantes) que eram especializados em obter animais para vender”. Assim, para se atender à demanda do mercado europeu, teve início o extermínio de várias espécies de animais, pois se tinha a impressão de que a abundância de recursos naturais do novo território era inesgotável, o que intensificou a história de exploração comercial da fauna silvestre brasileira (RENCTAS 2001).

Os estudos realizados por Costa (2012) mostram que, rapidamente, o Brasil tornou-se um dos principais países fornecedores de animais silvestres para o resto do mundo, principalmente para o continente europeu, sendo as aves um dos principais alvos de captura, aprisionamento e tráfico.

No final do século XIX, a comercialização da fauna silvestre do Brasil para a Europa foi sistematizada e, a partir disso, deu-se início ao processo de extermínio de várias espécies de animais brasileiros para atender a “necessidade” do mercado estrangeiro, principalmente os passeriformes, por possuírem valores significativos no mercado, com apreciáveis habilidades

canoras e por serem considerados capazes de se tornar animais de estimação, a exemplo de papagaios e araras (PREUSS; SCHAEGLER, 2011).

Sick (1997) descreve que o comércio ilegal de aves foi uma atividade intensa e lucrativa durante séculos de colonização do Brasil. Como se não bastasse, esse comércio se perpetuou ao longo do tempo em nosso país, levando muitas espécies avifaunísticas a uma drástica diminuição ou mesmo à extinção a ponto de serem necessárias políticas que assegurassem a proteção e preservação da fauna e aplicassem multas aos que aprisionavam e comercializam aves ilegalmente (RENCTAS, 2001; PEREIRA; BRITO, 2005; FERREIRA; GLOCK 2004). As aves são os animais mais procurados por esse tipo de tráfico no Brasil, por sua beleza, canto e alta diversidade, representando 82% apreendidos nos anos de 1999 e 2000 (36.370 espécimes) (IBGE, 2004). Araújo (2007) afirma que Papagaios, coleiros, cardeais e pintassilgos constam nas apreensões em todos os anos, indicando serem as espécies comumente traficadas.

Desde o período colonial pôde-se observar a existência de intervenção humana em nossa fauna brasileira, identificada através da domesticação e exportação de animais silvestres que eram levados à Europa pelos colonizadores. Papagaios e araras foram os principais alvos de interesses dos colonizadores em relação à avifauna brasileira. Isso se deve a beleza exótica, à facilidade em serem mantidas em cativeiro e à rápida adaptação dessas aves entre os seres humanos (RENCTAS, 2009).

Destro *et al.* (2012, p. 4) salientam que a Política Nacional de Meio Ambiente, a fiscalização de ilícitos relacionados aos animais silvestres, sob a responsabilidade da Polícia Militar Ambiental dos Estados, “tem aumentado progressivamente em número e eficiência, graças aos esforços contínuos de descentralização de responsabilidades no país”. E com a criação do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis)⁶, em 22 de fevereiro de 1989, mesmo que tardia, tendo por base os anos de exploração da fauna, tem contribuído para diminuir o tráfico de animais e fiscalizar atos ilegais quanto à manutenção em cativeiro de todas as espécies nativas, mesmo que ainda esteja distante de coibir o suficiente tais ilegalidades.

Uma matéria publicada no site Papagaios do Brasil, em 23 de dezembro de 2019, com o título “Combate ao tráfico de animais silvestres: entenda quais as penalidades e como é a atuação do IBAMA”, assegura que esse órgão fiscaliza:

⁶ O IBAMA surgiu a partir da fusão de quatro órgãos: Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), Superintendência de Pesca (Sudepe) e Superintendência da Borracha (Sudhevea). Os órgãos fusionados que culminou na do IBAMA teve por finalidade integrar a gestão ambiental em nosso país.

[...] criadores clandestinos, criadores regulamentados que escondem ilegalidades e traficantes de animais que realizam vendas pela internet. Ele também recebe, acolhe, trata e destina milhares de papagaios que são retirados de situações ilegais como tráfico ou maus-tratos, através dos Centros de Triagem de Animais Silvestres (Cetas). Somado a isso, o órgão controla importações e exportações de papagaios da fauna nativa e da fauna exótica (espécies que não são naturais do país) e emite licenças de importação e exportação que servem para garantir o trânsito internacional de animais em situação regular sob o aspecto ambiental.⁷

O IBAMA trabalha isoladamente na esfera administrativa e em conjunto com outros órgãos de fiscalização do campo criminal. Há aplicação de multas, apreensão de animais e suspensão de atividades ilícitas pelos órgãos responsáveis pela ação investigativa. As atividades do IBAMA são muito necessárias para combater o tráfico da vida silvestre, que é um crime extremamente lucrativo para os infratores, mas com graves consequências para o meio ambiente. Hernandez, Fernanda e Carvalho (2006) asseguram que as penalidades aplicadas são relativamente pequenas, e os processos instaurados são escassos, o que pouco coíbe a ação ilegal. Além disso, os pesquisadores desse tema enfrentam a falta de dados organizados e sistematizados para realizar pesquisas que ajudem a reprimir o comércio espúrio das espécies faunísticas (DESTRO *et al.*, 2012). A seguir, consta o mapa estratégico do IBAMA, com missão, visão e valores bem definidos.

Figura 4: Mapa estratégico do IBAMA 2016/2019



Fonte: <http://www.ibama.gov.br/cif/186-acesso-a-informacao/institucional/1306-sobreoibama>

⁷ Disponível em: <http://papagaiosdobrasil.com.br/2019/12/23/combate-ao-traffic-de-animais-silvestres-penalidades-atuacao-ibama/>. Acesso em 05 de set. 2022.

Pelo que se observa na figura, é notória a organização e importância do IBAMA para a proteção do meio ambiente, mas na prática ainda há muito que se melhorar, para a drástica diminuição de atos criminosos, uma vez que se presencia o comércio clandestino de aves em muitos municípios brasileiros, e esporadicamente se vê em noticiários ações de órgãos competentes, combatendo infrações à fauna brasileira, que deveriam ser mais recorrentes, conforme o que destaca em uma publicação feita no dia 03 de Março de 2016, na qual afirma que “Na semana do Dia Mundial da Vida Selvagem, esse órgão apreendeu 1.342 armadilhas e redes de neblina em seis Estados, com a aplicação de R\$ 286,6 mil em multas”.⁸ Mesmo com missão, visão e valores sistematicamente organizados; com ações fiscalização e apreensão, o tráfico de passeriformes ainda se realiza com frequência, desafiando as autoridades constituídas e a sociedade em geral.

No que concerne à destinação de animais silvestres apreendidos, é importante destacar as medidas tomadas pelo IBAMA, de acordo com o que consta no art. 107 do Decreto nº 6.514/2008:

1) Soltura em habitat natural quando o animal está apto para o retorno à natureza, quando saudável.

2) Entrega para jardins zoológicos, fundações, entidades de caráter científico, centros de triagem, criadouros regulares ou entidades assemelhadas, desde que permaneçam sob responsabilidade de técnicos habilitados.

3) Entrega para guarda doméstica provisória, situação em que receberão cuidados de pessoas físicas que desejam ajudar os animais vitimados pelo tráfico e que não sofreram penalidades relacionadas à fauna silvestre.

Para que o combate ao tráfico de animais silvestres tenha mais eficácia passa necessariamente pela conscientização da sociedade, pela disponibilidade de informações, e pela organização dos órgãos de controle ambiental. Costa *et al.* (2018) alerta que sem essa articulação, a tendência é que atos ilegais continuem a acontecer com um nível de incidências elevado, prejudicando ainda mais a existência das espécies de aves da fauna brasileira.

2.2 Os caminhos da legalização na criação de passeriformes

Neste tópico destaca-se que, mesmo com a criação do IBAMA, Secretarias Estaduais e Municipais de Meio Ambiente e a atuação de diversas ONGs, a criação e manutenção de

⁸ Disponível em: https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/noticias/copy_of_noticias/noticias-2016/dia-mundial-da-vida-selvagem-ibama-combate-o-trafico-de-animais-e-apreende-1-342-armadilhas-de-captura. Acesso em 05 de set. 2022.

pássaros em cativeiro de maneira ilegal é uma prática ainda (re)corrente, contudo algumas ações já começam a sinalizar para o exercício da legalidade.

Pereira (2002), diz que no mundo, o tráfico de animais silvestres movimentava cerca de 20 bilhões de dólares por ano. E o Brasil participa com um total de aproximadamente 700 milhões de dólares. Há estimativas de que o país participa muito mais do tráfico com uma parcela entre 10 a 15% do comércio mundial. Dos animais capturados, 30% são exportados, daí percebe-se que a maioria dos animais silvestres é comercializada dentro do próprio país (MAGALHÃES, 2002).

Dados da IMED (2019) confirmam que “O Brasil é um dos países que mais exporta animais silvestres ilegalmente no mundo. A estimativa é de que esse negócio movimentava mais de 1 bilhão de dólares e de que mais de 12 milhões de animais sejam comercializados anualmente”.⁹ Neves e Erbesdobler (2020, p. 2) corroboram com essas informações ao dizerem que a captura e tráfico de animais silvestres “é um problema que se espalha por todo o território brasileiro, em todos os setores da sociedade, com diversas ramificações e interligações com outras atividades ilegais, dificultando ainda mais o seu controle”.

As leis de proteção à fauna silvestre em terras brasileiras estão em vigor desde o ano de 1967. O Congresso Nacional sancionou a LEI Nº 5.197, DE 3 DE JANEIRO DE 1967, que em seu Art. 1º consta:

Os animais de quaisquer espécies em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais são propriedades do Estado, sendo proibida a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha.

No que se refere ao tráfico de animais, o RENCTAS (2001) traz um dado relevante: pessoas pertencentes à estrutura social mais humilde economicamente são as que mais fornecem espécies da fauna para o tráfico, ganhando pouco com tal prática. Esses fornecedores transferem os animais capturados para os intermediários, e estes vendem os mesmos para os consumidores finais.

Percebe-se, na esteira dos estudos de Magalhães (2002, p. 8), que as leis, concernentes à fauna, “não são cumpridas, na maioria das vezes, faltando uma rigidez na aplicação das mesmas. Além disso, há um desconhecimento dessas leis por parte da população”. A fiscalização também é precária; são poucos os fiscais para atuar no vasto território nacional. Para o IBAMA (2001a), há dificuldades na fiscalização dos principais aeroportos brasileiros,

⁹ Disponível em <https://www.imed.edu.br/institucional/apresentacao-imed>. Acesso em 09 de jul. 2022.

rotas constantes do tráfico silvestre, em decorrência, principalmente, da agilidade em que as operações de embarque e desembarque acontecem e pela carência de agentes ambientais nesses espaços.

Tendo em vista a problemática causada às espécies nativas pela captura, tráfico e busca por políticas sustentáveis de criação de animais, foi fundada em 12 de outubro de 2002, a Confederação Brasileira de Criadores de Pássaros Nativos – COBRAP, uma entidade registrada sem finalidades lucrativas, independente do Poder Público, que no Sistema Confederativo assegura:

[...] é a instância máxima de decisão, de coordenação e de execução do movimento organizado de criadores de pássaros nativos de origem silvestre em todo o Brasil, sendo composta por Federações as quais reúnem as Associações, Ligas, Clubes, Cooperativas e Sociedades de criadores de pássaros nativos existentes nos Estados-Membros e no Distrito Federal.¹⁰

A fundação da COBRAP, com missão, visão e valores bem definidos foi uma iniciativa importante e necessária para ajudar na coordenação de movimentos e diretrizes concernentes à criação de aves silvestres em ambiente doméstico. Desde a fundação da COBRAP, diversos clubes, ligas e associações foram criados nos estados brasileiros, atendendo às condições e exigências dos órgãos competentes.

Na cidade de Belém, capital do estado do Pará, foi fundado o Clube de Criadores de Pássaros do Pará (CCPP), que congrega muitos passaricultores dos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Izabel. Esses criadores se reúnem para participar de torneios de canto e fibra¹¹ em locais adequados. Esses locais são fiscalizados pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMAS) e recebem a autorização para a realização dos torneios. Geralmente os pássaros que competem nos torneios são curiós e bicudos, sendo proibida a participação de pessoas que não tenham registro válido no IBAMA, na classe de criador amadorista.

Sobre o CCPP, foi possível fazer o levantamento de alguns dados.

¹⁰ Disponível em <https://cobrap.org.br/sobre-a-cobrap>. Acesso em 02 de set. de 2021.

¹¹ O torneio de canto tem por objetivo avaliar a qualidade e o tempo em que os pássaros emitem as notas musicais requeridas pelos organizadores do evento. Já o torneio de fibra avalia a quantidade de notas musicais emitidas pelos pássaros, sem a preocupação de julgar a qualidade.

Tabela 1: Informações sobre o CCPP

	Fundação	22/09/2000
CCPP	Primeiros diretores	Catarino Lima, Edson Roldan e José Mendonça
	Quant. de sócios em 2000	55 sócios
	Quant. de sócios em 2009	350 sócios
	Diretor de 2014 a 2021	Carlos Alberto
	Diretores atuais	João Paulo e Leandro Fragata
	Quant. de sócios em 2022	41 sócios

Fonte: Informações fornecidas por Leandro Fragata – elaboração própria.

O número de associados teve um crescimento no ano de 2009, mas atualmente mantem-se estável, se comparado a sua fase inicial. Muito embora a quantidade de membros do grupo não apresente no momento um crescimento, o mesmo não se pode dizer em relação ao número de criadores de aves canoras, denominados de passaricultores e popularmente conhecidos como *passarinheiros* na RMB. É perceptível o aumento considerável de sujeitos que praticam a passaricultura, é o que diz o Sr. Benson: *“tem muita... muita gente né? buscando criar aves de forma legal sabe? embora tenha burocracia... mas éh:: assim... digo assim mesmo”*. Esse fato se confirmou na pesquisa desta tese de doutorado quando, na oportunidade, foram entrevistados 12 participantes, todos eles devidamente autorizados para realizarem técnicas de reprodução e manutenção de passeriformes em ambientes domésticos, visando à conservação das espécies e manutenção adequada, uma vez que de acordo com o Sr. Marius, os passaricultores querem:

[...] criar pássaros éh:: de forma legalizada sabe? porque ajuda a conservar esses animais... e evita... éh... evita que o desaparecimento... nossa luta é pra esse fim... gostamos dos pássaros... do curió... do bicudo... trinca ferro... e de outros... mas queremos eles sejam criados de forma adequada... nada de maltratar os animais... isso é crime...

Por outro lado, há um número considerável de pessoas que capturam e aprisionam pássaros nativos, principalmente nos municípios do interior paraense, onde a fiscalização praticamente inexistente. Há sempre um discurso dos que mantêm aves de forma clandestina pautado na “desculpa” do cuidado apropriado, contudo não é o que se vê, a começar pelo tamanho das gaiolas, geralmente muito pequenas, que sequer permite que o pássaro realize pequenos voos, além de maus-tratos em relação aos espaços em que as gaiolas são colocadas, comidas inadequadas, exposição das aves a ambientes impróprios etc. Embora até ocorra a prática do bom cuidado por parte de alguns sujeitos, mas a atitude da captura da ave de seu espaço nativo e a convivência de pessoas a essa atitude já configura crime ambiental.

Assim, capturar e manter em cativeiro pássaros da fauna silvestre infringe o que rege a Criação Amadora e Comercial de Passeriformes Nativos, cujas orientações foram efetivadas pela Instrução Normativa N° 10/2011, de 20 de setembro de 2011, do IBAMA. Por outro lado, a atividade da passaricultura, devidamente amparada pela referida legislação, vem se consolidando pelo aumento do número de novos criadores de aves canoras na RMB, o que fica explicitado no relato do passaricultor Sr. Augustin:

não podemos negar que... éh:: o número de criadores legalizados tem crescido por aqui... aos poucos é... as pessoas vão tomando consciência de criar de forma legal... antes era mais difícil ser um criador legal... tinha muita burocracia né? muito documento para ... preparar ... mas hoje o cadastro é mais fácil... e você tem a opção de ter uma ave de criadouro legal... sabe? a gente tem lutado muito e agora os frutos estão chegando... tem alguns... ou me::... melhor tem muitos... que ainda capturam aves da natureza... mas isso tem que acabar... né?

Os criadores de aves estão organizados em categorias de acordo com a referida Instrução, de 20 de setembro de 2011, a saber:

1. CRIADOR AMADOR DE PASSERIFORMES DA FAUNA SILVESTRE NATIVA: Pessoa física que mantém em cativeiro, sem finalidade comercial, indivíduos das espécies de aves nativas da Ordem Passeriformes.
2. CRIADOR COMERCIAL DE PASSERIFORMES DA FAUNA SILVESTRE NATIVA: Pessoa física ou jurídica que mantém e reproduz, com finalidade comercial, indivíduos das espécies de aves nativas da Ordem Passeriformes.
3. COMPRADOR DE PASSERIFORMES DA FAUNA SILVESTRE NATIVA: Pessoa física que mantém indivíduos de Passeriformes da espécie silvestre nativa, adquiridos de criador comercial, sem finalidade de reprodução ou comercial.

Tendo em vista o número crescente de passaricultores na RMB, é possível assegurar que há intencionalidades quando se cria ou se mantém um pássaro em ambiente doméstico¹², as quais podem ser para comercialização, reprodução ou recriação, consoante o que está expresso na supracitada Instrução Normativa. Com o crescimento do número de criadores é

¹² Os passaricultores preferem o uso do sintagma *ambiente doméstico* em detrimento de *cativeiro*, tendo em vista que as aves estão integradas em espaços muito familiares.

natural que eles se comuniquem por meio de um léxico temático, pois é na interação entre sujeitos que compartilham de conhecimentos e saberes, que emergem e circulam terminologias, marcando uma das formas de identidade dos que se agregam em grupos. E como toda atividade social, cultural, econômica tem seu distintivo, a dos criadores de passeriformes da RMB não se diferencia: tem seus hábitos e linguagem peculiares, sobretudo pela quantidade de termos usados por esses agentes sociais quando estão dialogando sobre as diversas formas de manejo, alimentos, remédios, torneios, tipos de cantos, espécies e linhagens genéticas dos passarinhos.

A criação de aves é dinâmica, uma vez que envolve pessoas das mais diversas classes socioeconômicas. Pássaros que têm características altivas no canto, bravura e boas procedências hereditárias¹³ despertam olhar e cobiça de criadores, que são capazes de realizar compras e negócios altamente lucrativos. Um curió, sabiá, bicudo etc. são apreciados e adquiridos, na maioria das vezes, pelo prazer de se ter um passarinho vencedor de torneios de canto, fibra, rodas ou qualquer outro tipo de competição organizada pelos clubes e associações. Apresentar, passear com um pássaro campeão é motivo de orgulho, satisfação, alegria e boas conversas. Nisso consiste uma prática cultural, que faz parte da vida de muitas pessoas desde sua infância, pois o meio em que habita o instiga à criação e conservação de aves. Quando o pesquisador interpela o passaricultor a respeito do que motiva alguém a iniciar a criação de aves, a resposta do Sr. Russel é bem enfática: *“eu acredito que é cultural... não tem outra explicação... a pessoa nasce já com... com a criação... ninguém resolve criar pássaro é:: do dia pra noite...”*. No decorrer da conversa, esse mesmo participante reitera: *“então pro nosso meio mesmo quem cria é quem já tem cultura... o pai... o tio... o avô... alguém da família que criou ou que conviveu com gaiolas... pra gente é muito difícil a gente viver sem as gaiolas...”*.

A prática da criação de passeriformes, como citou o passaricultor, é cultural, o que suscita muitas possibilidades de investigações, dentre elas a linguagem. Há um léxico específico usado pelos passaricultores? Esse léxico tem um grau de especialização? É uma terminologia de difícil compreensão para os que não integram esse grupo? Por isso, realizar um estudo sobre essa cultura, atentando prioritariamente para o seu vocabulário é uma atividade desafiadora, uma vez que a cultura passa a ser vista como um lugar ou um espaço instável de passagem entre as línguas, de travessia de identidades, de desestabilização ou afirmação das referências culturais, um espaço de negociação, de interlocução.

¹³ Descendentes de pássaros campeões em torneios de canto e fibra.

Assim sendo, quando uma atividade cresce em suas demandas, sejam elas em quantidade de pessoas envolvidas, aumento de espaços geográficos ocupados, técnicas de manuseio etc., o grupo de sujeitos que está inserido nas práticas cotidianas tende a usar um conjunto terminológico¹⁴ que serve para nomear o que é característico deste fazer trivial, sendo um dos distintivos para a sua consolidação no meio sociocultural. Os passaricultores ao organizarem-se em clubes, associações criam sua identidade e notoriedade, *“as pessoas ficam... elas ficam... posso dizer assim éh:: surpresas quando nos veem em grupo... em grande número eh... eh... principalMENTE nos torneios com um número de mais de duzentos criadores legalizados... acho que nos respeitam mais... (Sr. Benson).*

Os passaricultores têm um costume de inserir os pássaros, especialmente os curiós e bicudos, com cantos mais melodiosos, para disputar os torneios; há alguns tipos de disputas, a citar: o torneio de canto, o torneio de fibra, o torneio de canto e fibra, as rodas de cantorias e canto livre. No diálogo a seguir, o Sr. Russel faz um esclarecimento sobre a diferença do torneio de canto para o torneio de fibra, assim como o desempenho esperada para competidores:

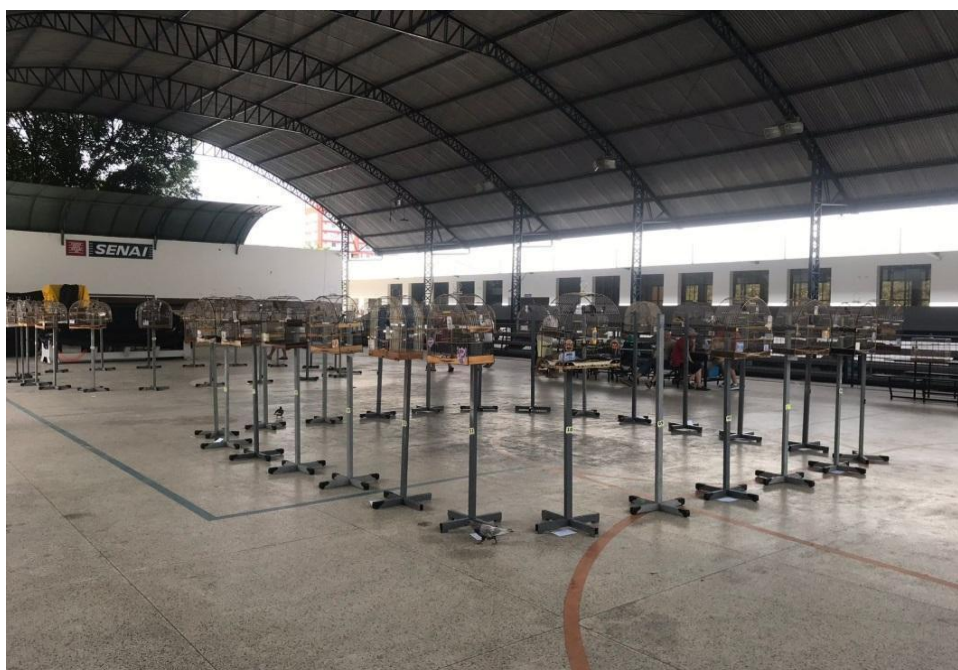
L1: Tá... o senhor falou em canto... eu entendi que tem torneio de canto e tem torneio de fibra... tem diferença? L2: tem... tem muita diferença... o torneio de canto... ele é um torneio que é avaliado pela qualidade do canto... por exemplo... o canto ana dias são trinta e sete notas musicais e o pássaro tem que colocar essas trinta e sete notas musicais sem errar... quanto menos ele errar a colação dessas notas a pontuação dele é mais alta... quanto mais melodiosa a voz dele... a pontuação é mais alta... quanto melhor ele se coloca pra cantar... quanto mais calmo ele canta com a cabeça pra cima... quanto melhor ele se coloca é:: a postura dele... melhor a nota dele... quanto mais repetição... melhor a nota dele... então tem toda uma classificação pela qualidade do canto... o canto fibra é pela quantidade de canto... não interessa a qualidade de nota... de altura... se o passarinho voa... se ele não voa... interessa é que em quinze minutos de marcação ele cante o máximo possível...

Para cada categoria disputada existem critérios a serem observados pelos fiscais de rodas, que são os responsáveis pela avaliação dos requisitos. Esses fiscais também verificam se os pássaros se comportaram devidamente durante a competição; se estavam calmos, concentrados, de cabeça erguida e fazendo voos tranquilos dentro da gaiola. A exibição performática é um requisito que pontua, uma vez que é preciso cantar e encantar!

¹⁴ Barros (2004, p. 40) usa a expressão “conjunto terminológico” para se referirem aos termos que circulam em uma dada área especializada do saber humano.

Em relação aos espaços onde ocorrem os torneios há uma série de exigência: devem ser amplos e arejados, sem barulhos externos para não atrapalhar na audição das melodias ou mesmo deixar os passarinhos estressados. O clube que organiza a disputa, divulga as inscrições e os criadores se credenciam. As regras do torneio são regidas pela Confederação Brasileira de Criadores de Pássaros Nativos - COBRAP¹⁵. E só podem participar os passaricultores da classe amadora, cujo registro esteja atualizado e seja associado ao clube, assim como o pássaro tenha o registro no IBAMA. No dia do torneio é necessária a presença de um técnico, que pode ser um médico veterinário ou zootecnista, pois eles têm a incumbência de avaliar o estado de saúde dos pássaros e permitir ou não a participação no torneio. No ato da inscrição, o criador responsável deve informar sobre a categoria a ser disputada pela ave, pois algumas são treinadas para o canto, cujas notas musicais devem ser emitidas com qualidade e sem erros no percurso, fazendo as repetições corretamente; o tipo de canto geralmente exigido nos torneios é o “praia clássico”. O torneio de fibra tem as suas peculiaridades, e o mais importante é o maior tempo em que o pássaro fica cantando ininterruptamente.

Imagem 1: Torneio de canto realizado em Belém Pará (2022)



Fonte: Kamir Kemil, passaricultor

¹⁵ Fundada em 12 de outubro de 2002, como uma entidade registrada sem fins lucrativos, independente e desvinculada do Poder Público.

Os proprietários das aves vencedoras recebem um troféu como premiação, que é muito bem valorizado pela classe, pois a fama do criador e do pássaro se espalha, ganhando elogios e notoriedade. Ter um pássaro campeão é sinal de prestígio, conhecimento e de dedicação à atividade passaricultura, pois *“não se faz um éh:: um pássaro campeão sabe? que ganha disputa... esses torneios organizados pelo clube... assim... de qualquer JEITO... tem que...que se dedicar a sua ave... cuidar bem... muito bem dela...”*(Sr. Dorney).

Imagem 2: Troféus dado aos campeões de torneios



Fonte: Kamir Kemil, passaricultor.

Pela dinâmica particular que se denota na atividade da passaricultura é natural que haja a necessidade de nomeação de materiais, ações, sujeitos que participam desse saber sociocultural e histórico. Do exercício dos criadores de aves emergem os termos que integram o conjunto lexical especializado dos passaricultores, que se mobiliza para a prática da criação, do treinamento e da comercialização de pássaros¹⁶. Isso instigou a investigação desse léxico temático, afinal, é possível organizar um vocabulário que evidencie, por meio dos verbetes que o compõem, os fazeres e os hábitos relacionados ao universo da criação de passeriformes, uma vez que a terminologia não está dissociada de seu contexto de circulação.

O léxico em estudo, assim como os que fazem parte do repertório linguístico de muitos grupos socioeconômicos e culturais, necessita de registro, catalogação, bem como de

¹⁶ A comercialização de aves está restrita aos criadores comerciais, obedecendo às diretrizes contidas na Instrução Normativa Nº 10/2011, de 20 de setembro de 2011.

um estudo terminológico que contemple sua natureza e diversidade, tendo em vista que a linguagem de especialidade passa pelas mesmas leis da linguagem comum. Afinal, é na observância da atividade dos passaricultores que se percebe o quanto é usual o emprego de termos com significados específicos e, por vezes, tão peculiares que carecem de uma obra terminográfica que contemple e elucide tais termos, suas respectivas definições e usos.

Desse modo, o vocabulário especializado dos passaricultores é significativo na medida em que inventaria as unidades terminológicas em seu conteúdo de uso, resguardando suas respectivas definições, além de contribuir para o mapeamento e catalogação do português falado no Brasil. Assim, ao descrever o uso da língua em um contexto específico, esse vocabulário, por meio de sua sistematização, colabora para que se compreendam características próprias da linguagem natural como ambiguidades, polissemia, sinonímia e homonímia, que circulam em todos os âmbitos comunicativos.

III PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, são discutidos os aportes teóricos que fundamentam a elaboração desta tese de doutoramento. Para isso, analisam-se as relações que se estabelecem entre Léxico e Cultura, a Lexicultura, Terminologia, Socioterminologia, Terminologia Cultural e Terminografia, pois se considerou que os pressupostos dessas áreas são substanciais para o estudo dos dados inventariados.

3.1 Léxico e cultura

O linguista George Matoré, a partir da década de 50, na esteira dos estudos estruturalistas, contempla os aspectos sociais ao realizar pesquisas sobre o léxico. Matoré (1953), ao considerar a palavra como parte da estrutura social, caracteriza a Lexicologia como campo do conhecimento sociológico; para ele, léxico é um fato social, um espelho que reflete a sociedade e suas relações complexas de vivências.

Por meio dessa premissa, é possível entender e demonstrar que o léxico possui característica basilar no que tange a representação da realidade linguística e sociocultural de uma comunidade como grupo de indivíduos que compartilha saberes e experiências. Por meio das unidades lexicais, os costumes, as crenças, as emoções, os valores e os conhecimentos são transmitidos de geração em geração, perdurando a história, a memória e a tradição de um povo.

A pertença do léxico ao universo social caracteriza-o como um sistema aberto, um inventário ilimitado, ao passo que as unidades gramaticais constituem sistemas fechados; por isso, a unidade lexical é dinâmica e está em constante processo de expansão, ampliação e renovação (BIDERMAN, 2001). Um fator que pode impedir essa inerência de percorrer seu fluxo natural é o desaparecimento das línguas naturais, que pode ocorrer por vários motivos, principalmente pela dominação econômica e cultural imposta por algumas nações e pela explosão demográfica¹⁷.

O léxico essencialmente registra, nomeia e classifica a realidade do universo. Sua existência facilita a prática comunicativa e, mais ainda, contribui para que se compreenda uma

¹⁷ À medida que as culturas de povos tradicionais, a exemplo das populações indígenas no Brasil, são assimiladas pelas grandes potências econômicas, ocorre a ruptura da transmissão da língua para as gerações futuras, reduzindo seus espaços comunicativos e, conseqüentemente, línguas majoritárias passam a serem usadas (ROMERO, 2015; HARRISON, 2007).

porcentagem considerável da visão de mundo dos grupos, das comunidades, das sociedades. Biderman (1987), ao discutir sobre a dimensão cognitiva do léxico, afirma:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nome aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. **Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais** (BIDERMAN, 1987, p. 81, grifo nosso).

O léxico de uma língua é um sistema heterogêneo, porque as culturas e as línguas também são diversificadas. No léxico coexistem palavras do âmbito cotidiano, da oralidade, da escrita, dos vocabulários técnicos e socioculturais. Assim, é mais apropriado falar de variedades de subsistemas das unidades léxicas, por serem a somatória de diferenças e semelhanças de um povo que vive, conhece e transmite sua individualidade, seus traços culturais, sua história e seu mundo.

No processo de nomeação das coisas, o item lexical, por sua maleabilidade, é a parte da língua que traduz a memória coletiva e exprime o *modus vivendi* de determinada comunidade. A esse respeito, é importante pensar no léxico atentando-se para algumas características como a configuração da realidade extralinguística, o arquivamento e o repositório do saber linguístico. É o que propõe Vilela (1994) ao evidenciar que:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo (VILELA, 1994, p. 6).

O léxico é um “vasto universo”, dinâmico e ao mesmo tempo um repositório comum das experiências acumuladas e compartilhadas pelos indivíduos de comunidade (BIDERMAN, 1978, p. 139). Quem constitui o léxico de uma língua é o povo que a fala; ele é criado, moldado, renovado e utilizado segundo as necessidades de seus falantes. E dele são emanadas as interações com o universo e suas complexidades manifestadas no repertório lexical de cada falante em seu lugar de convívio sociocultural.

A cultura, que se materializa na convivência, no compartilhamento de ideias, nas situações sociais e comunicativas, e nos projetos de vida, aparece refletida na língua, mais especificamente no léxico. Língua, léxico e cultura estão, assim, intimamente relacionadas e formam um todo indissolúvel de modo que uma investigação científica que se proponha a estudar o léxico de um idioma, a exemplo do vocabulário especializado dos passaricultores da Região Metropolitana de Belém (VEPRMB), deve correlacioná-lo com a cultura da comunidade social que o usa, haja vista que é através do sistema linguístico, sobretudo do léxico, que os indivíduos interagem e expressam seus valores e visão de mundo, o que reforça a necessidade de um estudo da língua como componente intrínseco da cultura.

Em outras palavras, tendo em vista a dimensão social e heterogênea da língua, é possível enxergar, no léxico usado pelos sujeitos de uma comunidade, seu patrimônio cultural, resultado das variadas experiências. E na medida em que os falantes dessa comunidade vão se recriando, mudando hábitos ao longo do tempo, o léxico assimila, reúne essa mudança e amplia o vocabulário da língua em uso, como afirmam Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9):

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

As autoras salientam que o léxico é a primeira via de acesso a um texto e também é através desse componente linguístico inserido no ambiente cultural que os falantes expressam sua visão de mundo. Biderman (2001) e Vilela (1994) são enfáticos ao assegurarem que o léxico de uma língua natural registra o conhecimento do universo de um povo. Nesse viés, emprega-se o conceito de léxico sob a perspectiva sociocultural, entendendo-o como prática social que manifesta a cultura de uma comunidade por meio da nomeação das coisas e do acompanhamento das mudanças socioculturais (BIDERMAN, 2001). Pela ótica de Matoré (1953), o léxico testemunha as transformações que ocorrem na sociedade, manifestando características de um determinado período histórico. E por ser parte da linguagem, revela-se como um fato social, uma vez que só encontra expressão e sentido no espaço sociocultural. Logo, não deve ser estudado desvinculado de seu lugar de origem e existência.

Os sistemas linguísticos têm aspectos específicos para a compreensão da cultura. Duranti (2000) discorre sobre algumas teorias¹⁸ referentes à cultura que ajudam a entendê-la como fenômeno complexo e que, evidentemente, para a investigação da língua como instrumento social e conceitual, parte não somente do produto integrante dessa cultura, mas daquilo que se destaca na sua veiculação. Dessa maneira, tem-se no léxico uma fonte que oferece a possibilidade de conhecer camadas, estruturas e demandas culturais de um grupo social.

A propriedade do léxico de refletir e revelar situações típicas de uma dada realidade vivida por pessoas em espaço de interação social permite uma compreensão de que ele não é “transparente e nem unívoco, mas opaco e polissêmico”; seu uso mostra que há palavras mais carregadas de referências culturais que outras, cuja significação nem sempre é acessível a todos os falantes de um idioma (BARBOSA, 2009, p. 33).

Por meio da investigação e aproximação dos passaricultores da RMB, principalmente de suas práticas culturais, foi possível conhecer o léxico específico empregado pelos sujeitos que compõem esse grupo social. A investigação favoreceu o conhecimento de itens lexicais do português falado no Brasil que precisam de explicações para serem compreendidos pelos próprios falantes desse idioma, uma vez que esses itens léxicos são terminologias compartilhadas unicamente pelos indivíduos que pertencem à atividade dos passaricultores. Contudo, para conhecer, registrar e divulgar esse léxico, foi preciso primeiramente perguntar, ouvir, dialogar, fazer-se sujeito curioso e, ao mesmo tempo, próximo, familiar, sem perder o instinto de pesquisador.

Em todos os momentos necessitou-se demonstrar interesse pela cultura e, principalmente pela linguagem, instigando os criadores de aves a buscarem na memória os termos e seus significados, que estavam ali alojados, por fazerem parte de suas histórias e experiências vividas desde a infância, quando iniciaram a prática da criação de aves. É nessa perspectiva que Lara (2006, p. 143) assegura:

O léxico se manifesta em primeira instância como um fenômeno da memória de cada indivíduo. Mas enquanto vai se alojando ao longo da vida, de maneira ilimitada, como parte da língua que cada um recebe de sua comunidade linguística, não é um léxico privado, mas aquela parte do grande acervo da língua histórica que se recebe durante o aprendizado da língua e sua conseqüente educação.

¹⁸ A cultura como algo distinto da natureza; a cultura como conhecimento; a cultura como comunicação; a cultura como um sistema de mediação; a cultura como um sistema de práticas; e a cultura como um sistema de participação.

À medida que as conversas aconteciam, os passaricultores da RMB iam naturalmente mencionando o léxico específico ou especializado e muito usual para eles, conforme o diálogo a seguir com o Sr. Franklin:

L1: o senhor falou em meia muda... é diferente da muda encruada? L2: é diferente... a **meia muda** é quando o passarinho não fez a muda total... completa... e **muda encruada** é quando ele não muda de jeito nenhum né? a meia muda ele começou a mudar e de repente ele parou de mudar e aí **abriu o fogo** e aí ele não fez uma muda como deveria... L1: muito bem... e o que seria esse abriu fogo? L2: abriu fogo é **entrar em ordem** pra cantar... pra cruzar... porque quando ele tá mudando é:: ele para de cantar... ele **esfria** como a gente fala... L1: e o que significa baixar o fogo? L2: **baixar o fogo** é justamente é **sair da ordem**... parar de cantar... ele esfria... não está pronto para cruzar também... ele fica quieto... ele não fica no auge dele...

Fica perceptível o quanto é natural o uso de alguns termos (destacados em negrito) na fala do criador de ave. E quando interrogado, explica cautelosamente cada termo, pois faz parte de seu dia a dia, de suas práticas sociais de linguagem. Mesmo que essas terminologias sejam usuais entre os indivíduos que criam aves, para o público que não as conhece, seja por não participar da atividade ou por não ter interesse em conhecer seus significados, elas podem não ser tão perceptíveis. Entretanto, isso não invalida sua natureza de língua especializada, embora não esteja em um nível muito especializado, a exemplo de algumas áreas do conhecimento, como a Engenharia, a Medicina, a Botânica, a Física Nuclear, entre outras; as terminologias estão situadas em um ambiente sociocultural, a atividade da passaricultura, de onde emerge um discurso funcional que lhe permite uma distinção do léxico geral, pois recorre apenas a uma parcela dos recursos linguísticos que a língua dispõe (GIL, 2003).

Posto isso, reitera-se que os termos da passaricultura recebem nesta pesquisa de tese doutoral um tratamento terminológico e terminográfico afinado com os estudos de outras áreas especializadas mais prestigiadas no meio social, pois seu nível de especialidade não diminui o rigor quanto à coleta, sistematização e divulgação com que o pesquisador deve tratá-lo.

Estudar o termo ou léxico temático especializado contribui para a divulgação de uma área do saber humano. No entanto, para isso é necessário que o pesquisador saiba qual caminho trilhar, qual ciência lhe oferece mais possibilidades de discussão e de embasamento teórico e metodológico. Nesse sentido, a Terminologia é a ciência que se dedica ao estudo do termo como unidade do conhecimento especializado (UCE), oferecendo direcionamentos eficazes para a coleta, padronização e divulgação das unidades de conhecimento (UC), segundo o que se circunscreve no tópico 2.3.

3.2 A Lexicultura

O léxico de um povo, nação ou grupo social apresenta identidades culturais, o que facilita a comunicação entre seus integrantes e, ao mesmo tempo, dificulta o entendimento de sentidos aos que não fazem parte daquele espaço de convívio. E como as palavras não estão dissociadas da cultura, não basta uma breve imersão no contexto de vivência para se dizer que há compreensão satisfatória das unidades lexicais e de suas especificidades semânticas.

A não pertença a um grupo social é a fase primária de percepção que se tem da carga cultural imbricada no léxico de alguns falantes; isso acontece sem necessariamente pertencer a outro país e falar um idioma diferente. Mesmo no território brasileiro, por exemplo, existem inúmeras comunidades, grupos e etnias que falam a língua portuguesa e usam um vocabulário com fortes referências culturais. A pesquisa sobre o vocabulário especializado dos passaricultores da RMB, ao investigar as dimensões lexiculturais veiculadas nas terminologias que circulam no falar desses criadores de aves – quando na interação comunicativa discorrem sobre a criação, manejo, treinamento e comportamento dos passeriformes – elucida a intrínseca relação entre léxico e cultura.

Galisson (1987) propôs o conceito de lexicultura a partir do entendimento de que a cultura está implícita em determinadas palavras com potencial de carga cultural compartilhada (CCC). A essas palavras cabe uma atenção particular, por elas denotarem um segundo valor à significação referencial, ou seja, exige-se a busca e interpretação da simbologia linguística inserida em um espaço demarcado pela história, cultura e relações sociais.

Sabe-se que o léxico é sempre marcado por elementos culturais, por isso não resulta em uma descoberta epistemológica para este trabalho. Contudo, o que importa para as discussões aqui propostas é a elucidação de o fato das palavras e fraseologismos evocarem um significado que está muito além do registrado no texto escrito ou falado se o ponto de referência for o léxico geral da língua, mais usual na comunicação dos falantes.

Nessa ótica, o vocabulário dos passaricultores tem marcas culturais singulares que o torna especializado, haja vista exigir um nível de entendimento mediano de suas unidades léxicas. E por observar a singularidade do léxico temático presente na fala dos sujeitos desta pesquisa, resolveu-se analisá-lo, também, à luz da lexicultura, posto que o fator extralinguístico que mais interfere na singularidade dos termos inventariados é o cultural.

Desse modo, chega-se aos estudos de Galisson (1987; 1988), autor que cunhou o termo lexicultura a partir da junção das formas léxico e cultura. Essa conclusão de Galisson favoreceu muitas reflexões sobre os entrelaçamentos das atividades cotidianas manifestadas

na língua por serem resultados de práticas sociais tão peculiares que seus falantes nem percebem a carga cultural compartilhada em cada palavra verbalizada. O sentido referencial das unidades léxicas, das expressões idiomáticas e de tantas formas sintagmáticas cristalizadas tem ampla circulação no falar de membros pertencentes a uma cultura sem que isso provoque dificuldades ou prejuízos à comunicação, pois o acervo lexical é agregador de costumes, crenças, sentimentos, vontades, experiências, etc.

A lexicultura reitera a indissolubilidade do léxico e da cultura e designa o valor semântico que as palavras adquirem pelo uso que se faz delas. Uma unidade léxica impregna-se de significado de acordo com contexto de interação social daqueles que a ela dão sentido e relevância, “voz e vez”. Assim, o léxico apresenta-se como uma ocorrência privilegiada de divulgação e reconhecimento de marcas culturais compartilhadas entre locutores de um espaço sociocultural nem sempre transparentes a outros grupos de falantes nativos ou não nativos de um idioma.

Na visão de Galisson (1999, p. 480), certas palavras armazenam informações culturais com tanta particularidade que se assemelham a verdadeiros depósitos que devem ser identificadas, explicadas e interpretadas para se “desenterrar sítios culturais”. O pesquisador chama a atenção para “As expressões pictóricas, palavras-valise¹⁹, palavras com carga cultural compartilhada, palimpsestos verbo-culturais²⁰, palavras de situação, nomes de marcas, provérbios e ditos, palavras ocultas”, por circunscreverem os verdadeiros espaços de significação – um dos distintivos que contribui para identificar, singularizar e tipificar os traços e laços conferidos a um conjunto de pessoas.

De uma mesma nação se formam diferentes grupos, com seus costumes, vivências, técnicas e manejos de trabalho, vínculos interpessoais e com meio ambiente etc., o que resulta na associação entre os binômios língua-cultura (BARBOSA, 2008). Vale mencionar que a lexicultura proposta Galisson tem a intenção de oferecer uma didática para o ensino de segundas línguas, a exemplo do francês como L2. Por isso, esse estudioso olhou de forma ampla e sistemática para a cultura, ressaltando que o ensino de língua para não nativos perpassa pelo conhecimento da diversidade cultural de uma nação, veiculada e atualizada nas

¹⁹ “Vocábulo resultante da combinação da parte inicial de uma palavra com a parte final de outra, como em: namorado (namorado e marido), portunhol (português e espanhol), showmício (show e comício).” Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=neKkE>. Acesso em 12 de jan. 2022.

²⁰ Está registrado no dicionário Aulete Digital do seguinte modo: “Pergaminho ou papiro cujo manuscrito foi raspado para ser substituído por um novo texto”. Assim, um verbo, por exemplo, entra em um diálogo com outras palavras em um discurso específico de outros tempos e lugares, gerando novos propósitos comunicativos.

unidades lexicais dos discursos, instrumento por onde a cultura pode ser localizada em determinada língua.

As discussões de Galisson a respeito da lexicultura são relevantes a esta pesquisa ao permitirem um olhar mais abrangente e analítico à realidade que muito influencia no significado dos termos circunscritos na atividade passaricultora. Por essa razão, a lexicultura “mostra-nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua” (BARBOSA, 2009, p. 33).

Para se conhecer a cultura ou parte dela, têm-se na língua e, mais especificamente em seu acervo lexical, situações estreitamente vinculadas ao universo extralinguístico. Situações comportamentais, afetivas, trabalhistas, bem como crenças, motivações, costumes etc., estão nas unidades léxicas empregadas pelos sujeitos. Pela lexicultura chega-se a camadas profundas das interrelações humanas, graças a sua formação tão bem pensada: a junção do léxico e da cultura. Tendo por base a teoria da Lexicultura, decidiu-se exemplificar com alguns termos usados pelos passaricultores, visando discutir a correlação dessa teoria com o *corpus* coletado para esta tese.

Dentre os termos que compõem o vocabulário especializado dos passaricultores, quatro exemplos são explicitados: aprontar, bicudeiro, encarte e quebrar.²¹

Quadro 1: Termos marcados culturalmente

aprontar	<i>iniciar o período de acasalamento. L2: A gente tem que ficar atento aos pássaros pra ver as atitudes deles... às vezes fico observando alguma fêmea do meu criatório e percebo que ... que ela está querendo <<aprontar>>.</i>
bicudeiro	<i>criador de bicudo L2: já tem também o <<bicudeiro>> que é o criador de bicudo.</i>
encarte	<i>técnica em que se ensina um canto artificial ao pássaro. L2: o <<encarte>> é justamente o aprendizado de um canto artificial... o canto que o passarinho vai aprender que não é dele... as notas não são naturais dele... mas ele vai ter que aprender... vai ter que encartar aquelas notas.</i>
quebrar	<i>parar de cantar. L2: Eles querem um curió que chegue no mato e não quebre... o que é <<quebrar>>? ele sai da casa cantando... chega no mato quebra... não canta mais...</i>

Fonte: Elaboração própria.

Galisson e Puren (1999) ressaltam a necessidade de se estudar a cultura implícita manifestada na dimensão das palavras à luz de sua significação, em sua dinâmica de uso. Essa

²¹ Ver informações completas do verbete na página 126.

ressalva dos autores é um claro indicativo de que as unidades léxicas são significativas em seu contexto de aplicação comunicacional. Como entender o significado de “aprontar” da mesma forma que se manifesta no vocabulário dos passaricultores? Buscar-se-ia por definições mais comuns aos usuários do português falado no Brasil; se fosse feita uma consulta ao dicionário Aulete Digital, seria encontrada uma acepção mais aproximada daquela expressa pelos passaricultores na oitava entrada, da seguinte forma: **8. Bras. Pop. O mesmo que engravidar. [int. : Foi mãe muito jovem, porque aprontou cedo.]**. Mesmo que haja certa aproximação semântica, não abarca a singularidade de “aprontar” conforme usada pelos criadores de aves, no sentido de preparar-se para o acasalamento. Por isso, a relevância de se observar e estudar as palavras e termos em suas especificidades de uso, uma vez que podem suscitar significados diversos.

O segundo termo, “bicudeiro”, não está registrado nos dicionários Aulete Digital e Michaelis, o que aponta para a necessidade de descrição do português e sua divulgação em repertórios lexicográficos e terminográficos. É um termo tão marcado culturalmente a ponto de não haver menção a possíveis significados além do âmbito em que foi coletado.

Em relação ao terceiro termo, “encarte”, encontra-se no Aulete Digital a seguinte acepção: **3. Ação de encartar(-se) (de conceder ou receber um diploma, carta ou licença) para exercer um ofício.** No Michaelis: *1 Ato de encartar(-se)*. Novamente não se tem uma definição de “encarte” em ambas as obras consultadas que ao menos se aproxime daquela usado no VEPRMB. Provavelmente os passaricultores se apropriaram do conceito da palavra e deram-lhe uma denotação que atendesse as suas necessidades, já que “encartar” é de algum modo originar ou outorgar alguma coisa a alguém; então ensinar um canto clássico a um pássaro seria estar lhe outorgando uma qualificação, um canto peculiar.

Para buscar informações sobre o termo “quebrar”, foi consultado o Aulete Digital e constatou-se que há registro de 19 acepções. A entrada 10 faz referência à redução de intensidade: **10. Diminuir a intensidade de; ENFRAQUECER**. No Michaelis, encontram-se 22 acepções para o referido termo, mas somente na entrada 14 menciona-se uma situação de perda de impulso sobre alguma atividade: *14 Perder o impulso, diminuir a violência do ímpeto*. Nas buscas realizadas nos dicionários, não foi possível identificar o sentido expresso pelo verbo “quebrar” da forma como foi usado no *corpus* que compõe esta pesquisa. É necessário frisar esse dado para que o falante da língua portuguesa tenha cada vez mais noção da heterogeneidade linguística inerente ao idioma. E, ainda, que as pessoas se organizam em núcleos, grupos para compartilharem saberes e práticas importantes às suas vivências, e dessa

organização social emerge a língua, carregada de identidades culturais, o que corrobora para a análise e divulgação dos estudos da Lexicultura de Galisson (1987).

3.3 Terminologia

Na visão Eugen Wüster, a Terminologia era concebida como um ramo da Linguística Aplicada e, embora tenha feito esta distinção, preocupou-se em assinalar as diferenças básicas entre a própria Linguística e o campo terminológico, em relação aos seus objetos de interesse: para a primeira, a língua geral em todos os seus aspectos; para a segunda, apenas o léxico especializado, organizando os termos técnico-científicos para favorecer a univocidade da comunicação especializada (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 21).

Assim, a utilização de terminologias sistematizadas contribui para a eficácia da comunicação entre especialistas, que deve ser concisa, precisa e adequada. Sistematizar terminologias significa identificar Unidades de Conhecimento Especializado (UCEs) confiáveis de forma a facilitar a compreensão, como também demonstrar que a língua portuguesa está apta para nomear conceitos técnicos e científicos. Assim, à necessidade de natureza linguística, soma-se outra, de natureza política: surgimento de blocos econômicos, cooperação técnica e científica entre os países.

É nesse aspecto que se pode caracterizar a importância da Terminologia no mundo atual, ou seja, trata-se de criar e/ou adotar e difundir as línguas especializadas. Nessa perspectiva, o interesse pela coleta, sistematização e divulgação dos termos usados pelos passaricultores da RMB encontra na ciência denominada Terminologia a sustentação teórica mais adequada à discussão que se pretende realizar no presente trabalho. Em Krieger e Finatto (2004, p. 20) encontra-se o seguinte referimento: "A Terminologia é uma disciplina que possui seu objeto primordial definido: o termo técnico-científico. É esse objeto que marca a identidade da área (...)".

Por marcar a identidade de uma área do conhecimento humano, os termos, na visão de Cabré (1999), são "unidades lexicais ativadas pelas suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação". Compõem-se de forma e conteúdo, em que a forma compreende as características gerais da unidade e o conteúdo se estabelece de acordo com recursos adequados a cada tipo de situação, sendo determinado pelo contexto, tema, tipo de texto, etc. Krieger (2001, p. 12) afirma que o termo é "uma entidade complexa, cujo reconhecimento consiste numa das mais difíceis tarefas do trabalho terminográfico".

Para Le Guern (1989), o termo é a unidade básica da Terminologia que se distingue da palavra geral, usado efetivamente em um determinado discurso. No que se refere ao aspecto denominativo, encontra-se uma vasta terminologia, sendo expressa de diferentes formas, mas com o mesmo significado: termo, termo técnico-científico, unidade terminológica, discurso de domínio, discurso científico, unidade lexical terminológica, unidade lexical especializada, léxico temático, unidade lexical temática (DESCAMPS, 1977; CABRÉ, 1993; BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004).²²

O conjunto de termos pertencentes a uma determinada área do conhecimento constitui a terminologia própria dessa especialidade, designando os conceitos específicos da área. Na Terminologia, o termo é associado a um sistema de conceitos pertinente a determinados domínios do saber ou de atividades; desta forma, não existe conhecimento especializado sem uma terminologia.

É o que se percebe na atividade dos passaricultores, o uso de unidades terminológicas com forma e conteúdo delimitados, que se materializam cotidianamente. A necessidade de se dominar uma técnica, uma prática especializada, impulsiona a criação e circulação do léxico temático entre os membros de um determinado domínio do saber. Em algumas situações o léxico temático ainda se encontra, principalmente, no nível da oralidade, carecendo de mapeamento para sua divulgação, a exemplo dos termos usados pelos criadores de aves. São raros os documentos que constam terminologias dessa área de domínio.²³

Por dedicar-se ao estudo científico dos conceitos e respectivos termos, considerando seu contexto de uso, a Terminologia contribui para se entender as áreas das experiências humanas em sua diversidade de realizações. Das áreas dos saberes emanam terminologias que as caracterizam, seja através da língua oral ou escrita. Na língua escrita, a movimentação das terminologias ocorre em veículos e espaços de comunicação do conhecimento técnico, de modo que os periódicos científicos, anais de eventos, sites especializados se tornam fontes de consulta para as pessoas buscarem informações e realizarem pesquisas sobre as áreas que desejam estudar. À medida que as pesquisas dos estudos do léxico avançam nas Instituições de Ensino Superior (IES), a catalogação de termos que circulam no âmbito oral começa a ser documentada, o que colabora para o (re)conhecimento social de um campo do conhecimento e

²² Neste trabalho opta-se por usar “termo” e “unidade terminológica”.

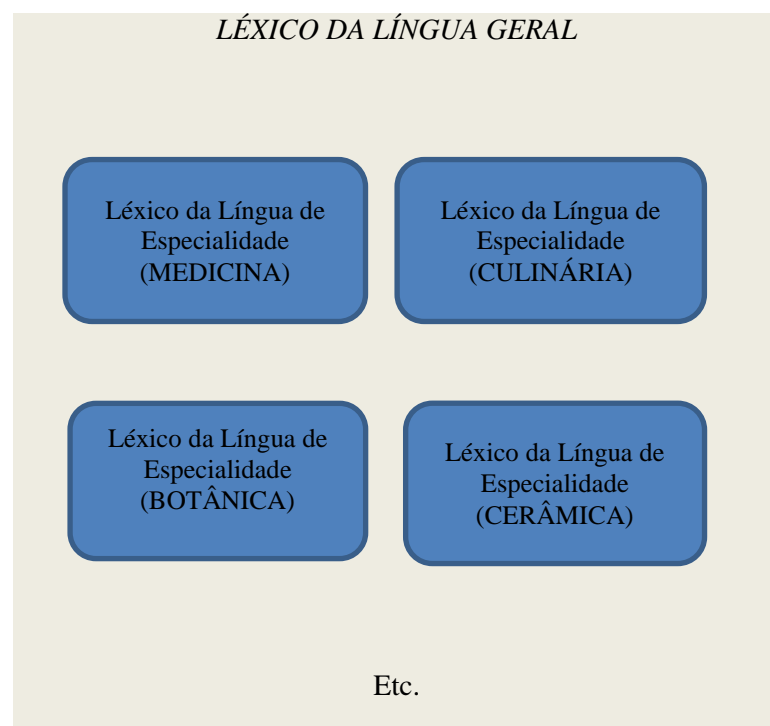
²³ Na Instrução Normativa Nº 10/2011, de 20 de Setembro de 2011, há registro de alguns termos relativos à área da criação de passeriformes, contudo não é suficiente para se atestar a existência de uma área com terminologias que o caracterizem, necessitando, desse modo, de pesquisas de campo em que os criadores possam expressar-se e usar o léxico específico corrente na comunicação que se estabelece entre eles.

bem como as terminologias usadas correntemente pelos sujeitos que praticam as atividades referente a esse ramo do saber.

Krieger e Finatto (2004) consideram que o desenvolvimento do conhecimento técnico-científico é o principal fator para o surgimento de conjuntos terminológicos, o que requer pesquisadores terminólogos para mapear, sistematizar e divulgar os discursos de domínio.

Barros (2004) apresenta uma ilustração bem significativa para ajudar na compreensão distintiva entre o léxico da língua geral e o léxico das línguas de especialidade.

Figura 5: Léxico da língua geral e da língua especializada



Fonte: Barros (2004, p. 43), adaptação própria.

Por meio da ilustração fica evidenciado que o léxico especializado é parte do léxico da língua geral, ou subtema deste. O universo do domínio temático usa com maior frequência os recursos da língua de especialidade, seja na modalidade oral ou escrita, muito embora suas particularidades linguísticas sejam recursos oriundos da língua geral. Do mesmo modo, o que se pretende analisar é a identidade que caracteriza cada área do saber, por meio do uso de terminologias, conforme Benveniste (1989, p. 252), ao afirmar que uma ciência se constitui e marca seu advento, espaço e desenvolvimento na história por meio do léxico temático, porquanto: “Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos”. São eles que identificam e dão vivacidade a uma ciência consolidada ou saber imerso no meio social ou cultural.

Em relação às particularidades das unidades léxicas técnico-científicas, Krieger e Finatto (2004) destacam que no plano das categorias gramaticais, os substantivos predominam, embora adjetivos e verbos também integrem o repertório terminológico de determinadas áreas do conhecimento. Na atividade da passicultura essas três classes gramaticais compõem VEPRMB, que aparece no verbete após o termo-entrada.

As unidades terminológicas do VEPRMB foram classificadas em termos simples e complexos ou unidades terminológicas simples e complexas. Essa classificação seguiu os estudos de Biderman (1999) e Barros (2004) em que as autoras sublinham que o léxico de uma língua é diversificado quanto à sua estrutura morfológica, incluindo vocábulos simples e complexos. No que tange as unidades complexas, encontra-se em Mejri (1997), a denominação de fraseologismo, que se expressa por meio de associações sintagmáticas recorrentes e relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, tendo em sua formação duas ou mais palavras. Em Mel'čuk (1996) e L'Homme (2000) consta a denominação “unidade fraseológica especializada” (UFE) para se referir aos termos que contêm mais de um item lexical, sendo as colocações mais frequentes nos discursos técnico-científicos, cuja formação morfológica é constituída por dois elementos, um dos quais é considerado como base e o outro, o colocado ou o elemento co-ocorrente. É válido destacar que, com base em Orenha (2004), as colocações especializadas são combinações léxicas de uso recorrentes de um domínio particular do conhecimento.

Do *corpus* coletado da atividade dos passicultores, extraíram-se alguns exemplos de termos simples e complexos:

1. Termos simples: constituído por um lexema.

Quadro 2: Termos simples²⁴

Anilha
Estaca
Encarte

Fonte: Elaboração própria.

Termos complexos: constituído por dois ou lexemas.

²⁴ Ver informações completas do verbete no protótipo do VE.

Quadro 3: Termos complexos²⁵

criador amador
muda encruada
torneio de fibra

Fonte: Elaboração própria.

No conjunto de suas características formais, os termos apresentam outras configurações tais como: siglas, acrônimos, abreviaturas e fórmulas (KRIEGER, 2001, p. 129). No *corpus* coletado para esta tese constatou-se o emprego de algumas siglas, tais como: ACPP (Associação dos criadores de pássaros do Pará), SISPASS (Sistema de Controle e Monitoramento da Atividade de Criação Amadora de Pássaros). Para se referir a essa associação e a esse sistema de controle, os passaricultores preferem usar a sigla.

O estudo das tipologias prototípicas de termos é importante para o entendimento das especificidades dos léxicos especializados das línguas, pois eles não diferem das particularidades inerentes às do léxico comum, ou seja, apresentam padrões estruturais dos sistemas linguísticos das línguas naturais.²⁶

A investigação do léxico dos passaricultores encontra na Terminologia sua base teórica e metodológica mais adequada e consistente para se alcançar o objetivo final: a elaboração de um vocabulário especializado. Contudo, faz-se necessário analisar qual (ais) vertente (s) dos estudos terminológicos mais se alinha às discussões a que se pretende realizar: mapeamento, sistematização, divulgação e análise do *corpus* inquirido.

3.3.1 Caracterização de uma língua de especialidade (LE)

Na concepção de Cabré (1993, p. 28), a linguagem geral compreende o conjunto de todas as variedades de linguagem, tanto as chamadas *não marcadas*, que representam as linguagens comuns quanto às linguagens de especialidades ou variedades *marcadas*. Como partes integrantes de um todo, linguagens comuns e linguagens de especialidades mantêm pontos de coincidência entre si, apresentando, ao mesmo tempo, algumas características que as diferenciam.

²⁵ Ver informações completas do verbete no protótipo do VE.

²⁶ Para Krieger (2004, p. 83), a descrição detalhada das configurações dos termos deve suplantar o estudo dos componentes morfossintáticos, pois eles não são capazes de revelar a abrangência de seus fenômenos linguísticos. Deve-se, então, investigar os aspectos semânticos, textuais e pragmáticos dos termos para uma compreensão mais alargada do processo de criação da língua especializada.

O conjunto de palavras e expressões que não se refere, no contexto em que são empregados, a uma atividade especializada, pertence à língua comum; às línguas de especialidades são caracterizadas pelas relações de seus termos com uma área ou atividade específica, próprias de uma área do conhecimento e de experiência particular (RONDEAU, 1984). Os limites entre a língua comum e as línguas de especialidades são tênues e nada impede que uma forma linguística faça parte de ambas. Gil (2003, p. 114) garante que “As línguas de especialidade participam, em alguns aspectos, da língua comum, distinguindo-se dela por características particulares”, principalmente por circular na comunicação de um de um grupo de profissionais.

Cabe salientar que as áreas do conhecimento apresentam linguagens específicas construídas com base num determinado universo de vivências, o que reflete um jeito de perceber o mundo nas suas particularidades. Neste aspecto, a linguagem de especialidade é descrita como “uma espécie de sub código linguístico com características especiais que o distinguem da língua comum em função de fatores como a temática, o tipo de interlocutores e a situação comunicativa” (CARVALHO; SCHEINER, 2014, p. 4580).

Há, porém, uma coincidência parcial, tanto lexical quanto sintática, entre a língua comum e a linguagem de especialidade. Por ser de conhecimento e uso da maioria dos falantes, a língua comum é constituída de palavras e expressões que corriqueiramente estão presentes nos falares manifestados nas diversas atividades desenvolvidas pelas pessoas de um determinado país ou nação (GIL, 2003). A linguagem de especialidade, por contraste, faz parte das situações de uso linguisticamente marcadas, que se caracterizam pelas relações estreitas de suas terminologias com uma atividade técnica, específica. Ainda para a pesquisadora, se cada subconjunto linguístico for considerado uma linguagem especializada, o ponto de contato, ou a intersecção entre todos os subconjuntos é a língua comum. A língua geral, segundo Cabré (1993), abarca tanto as variedades marcadas como as não-marcadas, ou seja, é a soma da língua comum com as linguagens de especialidade.

Assim, a LE apresenta as mesmas características do sistema linguístico geral, com o mesmo padrão morfológico, fonológico, sintático e semântico. O que marca e diferencia são as situações de comunicação específicas de uso e o léxico, que é o primeiro a ficar em evidência por meio dos termos.

Uma língua é um sistema de signos orais ou escritos vinculados a uma história e a uma cultura, e a LE, por sua vez, corresponde ao emprego da língua natural como instrumento de transmissão de conhecimentos especializados (LERAT, 1997). Uma língua de especialidade utiliza as denominações especializadas (termos) e também os símbolos não linguísticos

enunciados que usam os recursos ordinários de uma língua concreta. Dessa forma, a língua de especialidade pode ser definida como o uso de uma língua natural para expor tecnicamente os conhecimentos especializados (CABRÉ, 1999).

Cabré (1993) assegura que o uso de uma terminologia específica é um dos pontos que permite estabelecer diferenças entre a língua comum e a linguagem especializada, bem como entre as diferentes linguagens especializadas entre si. Ela acredita que “A terminologia é o aspecto mais peculiar de textos especializados”²⁷ (CABRÉ, 1993, p. 166, tradução nossa). Os termos que pertencem a um dado campo do saber podem, no entanto, ser tomados de empréstimo para uso em outro campo. Esse intercâmbio lexical/terminológico admite, inclusive, que vocábulos especializados sejam incorporados à língua comum, o que, apesar do risco da banalização do termo, pode contribuir para a divulgação do conhecimento científico, uma vez que a ciência busca conhecer a realidade que é apresentada de forma segmentada nos campos especializados apenas para efeito de pesquisa. Sendo assim, não há por que fazermos objeções à comunicação entre os diversos conjuntos do saber e suas terminologias, nem entre a língua comum e as linguagens de especialidade, porque essa aproximação pode contribuir para valorizar, em nós mesmos, a noção do todo que, muitas vezes, se perde em meio à fragmentação do conhecimento. É preciso, apenas, respeitar as especificidades de cada língua e de cada linguagem.

Considera-se, a partir dos estudos de Cabré (1993), que um campo de pesquisa que ainda não tenha constituído ou formalizado sua terminologia encontra-se num estágio pré-científico em relação à história do próprio campo. A presença da terminologia é também um dos indicadores do grau de empenho e seriedade com que são conduzidos os estudos numa dada área científica, bem como fator de sua legitimação diante das outras ciências. Essa assertiva é válida para as atividades dos diferentes grupos e organizações socioeconômicas e culturais em que os sujeitos imbuídos em suas causas e finalidades criam terminologias que os identificam e cristalizam seus saberes e práticas peculiares.

Dubois *et al.* (2004) são enfáticos em sugerir que não há ciência sem terminologia. Essa afirmação nos remete a um questionamento: se não há ciência sem terminologia, qual é então a contribuição da terminologia para a ciência? É Benveniste (1989, p. 252) quem nos oferece uma resposta, ao afirmar que:

A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando,

²⁷ “la terminología es el aspecto más peculiar de los textos especializados” (CABRÉ, 1993, p. 166).

assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados. O aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência.

Longe de pensar-se na terminologia como um jargão criado pelos especialistas para confundir e impressionar os leigos, antes se acreditava na visão da terminologia como uma das chaves para o progresso e para o acesso ao mundo globalizado e tecnológico. Esse acesso pode ser facilitado com a criação de equipes de trabalho e pesquisa formadas por técnicos, tecnólogos, professores de línguas, linguistas, terminólogos, terminógrafos, todos assumindo o papel de pesquisadores e divulgadores da produção de conhecimento e da tecnologia desenvolvidos em Centros Educacionais.

Sager (1993) faz um convite à reflexão ao dizer que, a princípio, é normal pensar-se que “Estudar uma matéria equivale a aprender a linguagem dessa matéria”; mas é o próprio autor que supera essa afirmação ao ponderar que não há apenas uma, mas várias linguagens que precisam ser aprendidas. Acrescente-se a isso o fato de que é, praticamente, impossível a um especialista aprender várias linguagens por inteiro. Daí fazer-se necessário deixar-se levar pelo autor a concluir que a meta mais realista que se pode estabelecer é a do domínio parcial dessas várias linguagens. Esta visão, ao mesmo tempo ampliada e compartimentalizada sobre a linguagem, atende à necessidade apontada por Sager de superação da “visão unitária de mundo e de língua que temos em nossa infância”; assim, na medida em que se sofisticava social e intelectualmente, o homem descobre um mundo em que os conhecimentos estão divididos em compartimentos, cada qual com sua linguagem correspondente. E o que isso tem a ver com a terminologia? Para o autor,

O estudo da terminologia pressupõe a negação da concepção de língua como um instrumento unitário multifuncional e a aceitação, em seu lugar, de uma concepção de língua como um conjunto de diversas linguagens com graus variados de especificidade, que possuem em comum um grande número de elementos fonológicos e morfológicos, um número menor de elementos sintáticos e uma coincidência semântica, até o ponto de permitir uma função metalingüística num nível mais geral (SAGER, 1993, p. 14).

Além disso, o autor reitera o pressuposto de que não há somente níveis distintos de linguagem, mas também níveis distintos de saber: atuam, em níveis diferenciados, o saber sobre, o saber explicar, o saber fazer etc. Todas essas ideias convergem para o fato de que o aprendizado da terminologia propicia um uso eficiente da linguagem que, por sua vez, possibilita comunicar o conhecimento de forma mais eficaz e sistematizada. Cabré (1993. p. 37) elucida que “a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade”.²⁸

No quadro atual, abrem-se possibilidades bastante interessantes de aproximação e colaboração entre os profissionais das áreas relacionadas à linguagem e aos profissionais de áreas diferentes. As novas tecnologias permitem aos sujeitos produzirem materiais e disponibilizá-los a baixo custo, ou, até, sem custo nenhum, quando se armazenam informações em blogs e sites, ou utilizam-se o conceito de computação em nuvem. Esses recursos derrubaram o fator custo como um impeditivo para a produção de materiais que disponibilizem a alunos, professores e pesquisadores o acesso às linguagens de especialidade e suas terminologias. Há um universo linguístico lexical que precisa ser estudado, sistematizado criteriosamente e disponibilizado em dicionários, glossários, vocabulários e banco de dados para atenderem às novas demandas educacionais, culturais, econômicas e sociais existentes e emergentes.

3.3.2 Teorias contemporâneas que abordam o léxico especializado

Posto que a Terminologia é a ciência que se ocupa dos estudos dos termos técnico-científicos, apresenta-se, no quadro a seguir, algumas teorias que se destinam a estudar o léxico especializado.

Quadro 4: Teorias contemporâneas que abordam o léxico especializado

AUTORES	Teorias	PAÍS	Ano
Pierre Auger	Socioterminologia	Canadá	1993
François Gaudin	Socioterminologia	França	1993
Enilde Faustich	Socioterminologia	Brasil	1995
Lothar Hoffmann	Terminologia Textual	Alemanha	1998
Maria T. Cabré	Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)	Espanha	1999
Rita Temmerman	Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST)	Alemanha	2000
Marcel Diki-	Terminologia Cultural	França e	2007

²⁸ “terminología es el reflejo formal de la organización conceptual de una especialidade” (CABRÉ, 1993. p. 37).

Fonte: Elaboração com base em Barros (2004); Krieger; Finatto (2004), dentre outros.

Deste quadro, interessa mais especificamente para esta pesquisa de tese os estudos da Socioterminologia e da Terminologia Cultural, pois se observou que essas teorias oferecem possibilidades mais apropriadas para se discutir o *corpus* inquirido. Assim, adotou-se a Socioterminologia por entender que ela se centra nos estudos terminológicos de forma contrária à postura normativa da terminologia de Wüster, da década de 30, compreendendo que as línguas de especialidade não podem ser tratadas como um bloco homogêneo e uniforme, e, sim, variável e heteróclita; o uso que as pessoas fazem dos termos é um fator enriquecedor da língua e manifesta as diferenciações sociais e culturais dos diversos povos, por isso um léxico específico, de maneira alguma, deve ser de um decreto, ele deve ser estudado e sistematizado à luz do uso linguístico de seus usuários.

A Terminologia Cultural, por sua vez, foi selecionada como base teórica para o presente trabalho, porque contempla o léxico como face mais visível da cultura em toda a sua dinâmica. Além disso, esta vertente de estudos compreende o termo como culturalmente marcado, interessando-se pela relação que se efetiva entre a sociedade e a cultura, apresentada nos léxicos de especialidade por meio da interação comunicativa dos falantes.

Os tópicos seguintes deste aporte teórico são dedicados à discussão da Socioterminologia (dimensão social do termo) e da Terminologia Cultural (dimensão cultural do termo).

3.3.2.1 A Socioterminologia: dimensão social do termo

As línguas não são blocos uniformes e homogêneos que não sofrem modificações, mas, sim, elementos em constante renovação e variação, com normas que evidenciam o seu uso real. Todos os elementos e todas as funções linguísticas se encontram em atividade permanente e as relações entre todos eles - a sua eficácia, os seus resultados, a sua harmonia - alteram-se também constantemente.

No campo dos estudos em Terminologia, as variações exigem dos pesquisadores da área uma nova leitura que atenta às particularidades quanto ao surgimento de termos e sua circulação em determinados espaços sociais. Se, no início, as preocupações da Terminologia Clássica eram, sobretudo, normativas, prescrevendo, recomendando e registrando o termo e sua definição unívoca, atualmente ela tem reconhecido que o uso corrente da unidade

terminológica é dinâmico e deve ser estudado, levando em conta seu contexto de existência social. Ao considerar o aspecto social de circulação das terminologias, não se pode excluir o tratamento relativo às variações linguísticas como um dos objetos de estudo privilegiados da Terminologia, mais especificamente da Socioterminologia.

A Terminologia Clássica introduzida por Eugen Wüster, fundador da Teoria Geral da Terminologia (TGT) e da Escola de Viena²⁹, ao dar os seus primeiros passos na área de estudo, indicava que o termo deveria ser uma unidade denotativa, sem relações sinonímicas, homonímicas, ou polissêmicas para atender a uma normatização internacional de circulação das tecnologias e ciências, visando um entendimento unívoco das terminologias nos diversos países (FAULSTICH, 2006). No entanto, a prática terminológica que se sucedeu após o marco *wüsteriano* demonstra que um mesmo conceito pode ser expresso por termos que apresentem variações morfológicas, gráficas, regionais ou profissionais³⁰.

As variações linguísticas consoantes aos aspectos sociais surgem como um dos objetos de estudo privilegiados das terminologias. A esta teoria, dá-se o nome de Socioterminologia, cujo objetivo consiste no registo de variantes dos termos em diferentes contextos sociais, situacionais, espaciais e linguísticos, fundamentando-se nas condições de circulação da unidade terminológica dentro da própria linguagem.³¹

Gaudin (1993a), Faulstich (1995) e De La Torre (2004) apontam Jean-Claude Boulanger (1981/1982) como o primeiro estudioso a empregar o termo socioterminologia. De acordo com Faulstich (1995, p. 2), “a partir de então, vários são os linguistas que defendem o estudo e o registo social do termo, pois reconhecem que as terminologias estão abertas à variação”.

Todavia, é com a publicação da tese de doutoramento de Gaudin, em 1993, que se discorre, de forma mais aprofundada, sobre a importância de um programa terminológico orientado para a questão social do termo: a socioterminologia, cuja abordagem terminológica se direciona para o estudo linguístico, visando “atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas” (BOULANGER, 1991, p. 25).

Boulanger (1991, p. 18) defende a existência de uma evolução cronológica nos estudos terminológicos que perpassa a terminografia, prática mais isolada e com finalidades individuais e pessoais, e a terminologia, teoria estruturante e mais vinculada à

²⁹ A Teoria clássica foi defendida pela Escola Russa, ex-União Soviética e pelo grupo de estudos checoslovaco.

³⁰ As variações linguísticas concernentes aos aspectos sociais surgem como um dos objetos de estudo privilegiados dentro da terminologia.

³¹ A comunicação monolinguística dentro de um determinado grupo social e, sobretudo, a comunicação multilinguística e a troca de informações entre diferentes comunidades exercem um papel muito influente no desenvolvimento da linguagem (REY, 1995, p. 7).

institucionalização, até chegar à socioterminologia, com viés voltado para a “inserção comunitária tendo objetivos identitários” de um grupo social ou comunidade linguística.

Desde o surgimento da Socioterminologia, vários estudiosos têm dedicado sua atividade à análise do termo nas suas variantes sociais, reconhecendo que, apesar da exigência teórica de univocidade das linguagens especializadas, não é possível excluir a existência de variações terminológicas resultantes das diferenças sociais. Na base desta acepção, está a consciência de que o estabelecimento de uma terminologia própria de determinada área específica de conhecimento deve o seu sucesso a um reflexo aceito no seio da comunidade que com ela lida ou vai lidar, tornando indispensável ter em consideração a estreita relação do termo com o meio social em que é utilizado. Os membros de um grupo sociocultural, a exemplo dos passaricultores, têm consciência do quanto os termos fazem parte de suas vidas, bem como da sua prévia ocorrência ou das novidades existentes no discurso cotidiano temático³².

É perceptível que, a cada dia, a Socioterminologia adquire bases teóricas e metodologias próprias que a distinguem dentro da Terminologia. No seu estatuto de trabalho prático, se baseia na análise das condições de funcionamento dos termos enquanto elementos de comunicação e interação dentro de todo um sistema linguístico e social. Para tal, ela adquiriu os princípios da Sociolinguística, como os critérios de variação linguística e as perspectivas de mudança, e, também, os princípios etnográficos de interação e comunicação social.

Esta nova interpretação da Terminologia ancora-se em aspectos etnográficos³³, fundamentando-se na existência de uma ordem interativa entre os seres humanos, que deve ser observada nos mais diversos espaços e nos mais diversos níveis. Verifica-se que o termo deixa de ser uma unidade unívoca e aplica-se, a ele, uma interpretação variacionista, tendo em conta que a comunicação entre membros de um grupo social pode gerar termos diferentes para um mesmo conceito ou considerar a existência de vários conceitos para um mesmo termo.

Logo, depreende-se que a abordagem socioterminológica consiste em um novo enfoque terminológico, contemplando instrumentos teóricos e metodológicos no intuito de “introduzir a terminologia na prática social, que é todo discurso, incluindo o discurso

³² Relativo à linguagem especializada.

³³ Há no Brasil duas propostas de investigação nesta perspectiva, a Etnoterminologia de Maria Aparecida Barbosa e a Terminologia Etnográfica de Cristina Martins Fargetti.

metaterminológico com o objetivo de examiná-lo como atividade produtiva/social e como atividade cognoscitiva”³⁴ (BORBUJO, 2001, p. 661).

Enquanto atividade social, a Socioterminologia induz que a unidade terminológica consiste em “uma ferramenta para trabalhar e produzir significado em uma esfera de atividade”³⁵ (GAUDIN, 1993a, p. 221). Porém, o locutor, na acepção socioterminológica, não é o único elemento que contribui para a efetivação da construção da unidade terminológica, logo, se torna imperativo “refletir sobre níveis intermediários entre o falante, o sujeito da fala e a comunidade linguística que compartilha o uso da mesma língua” (GAUDIN, 1993a, p. 179).³⁶

Consequentemente, é no seio do discurso, e aqui se entende:

[...] não o sequenciamento de palavras/termos, receptáculo de informação, dados e conceitos, mas, sim, como um lugar de forças, de negociação de significado, de equilíbrio entre necessidades e formas de denominação, como lugar e forma produzidos por certas posições socioideológicas (BORBUJO, 2001, p. 662, tradução nossa).³⁷

A palavra adquire, desse modo, o estatuto de unidade terminológica reconhecida. Assim, a unidade terminológica é um resultado de uma construção e de uma apropriação do mundo real por parte do locutor.

Por esses motivos, a Socioterminologia configura-se numa área de estudo em que se estabelece uma ligação com a Sociolinguística. O termo é a junção morfológica de duas áreas: Sociolinguística e Terminologia. Gaudin esclarece que o conceito de Socioterminologia se desenvolveu em Quebec e na França, nos anos 1970, mas foi no início dos anos 80 que alcançou seu apogeu.

O desenvolvimento da Socioterminologia surgiu dos passos da Sociolinguística. E, do mesmo modo como esta se preocupou com o aspecto social e variacionista da língua, aquela também nasceu da mesma necessidade de evidenciar o uso real da linguagem especializada. O levantamento do léxico especializado dos passariadores da RMB atende este requisito: o uso real do termo pelos sujeitos que dele se apropriam para dialogar sobre a atividade da criação e

³⁴ “introducir la terminología en la práctica social que es todo discurso, incluido el discurso metaterminológico con el objetivo de examinarlo como actividad productora/ social y como actividad cognoscitiva” (BORBUJO, 2001, p. 661).

³⁵ “outil de travail et de production de sens dans une sphère d’activité” (GAUDIN, 1993a, p. 221).

³⁶ “réfléchir sur des niveaux intermédiaires entre le locuteur, sujet de parole, et la communauté linguistique qui partage l’usage d’une même langue” (GAUDIN, 1993a, p. 179).

³⁷ “[...] no lo sequencia de palabras/ de términos, receptáculo de informaciones, datos y conceptos, sino como lugar de fuerzas, de negociación de sentido, de equilibrio entre necesidades y formas de denominación, como lugar y forma producidos por lagunas posiciones sócio-ideológicas” (BORBUJO, 2001, p. 662).

conservação de passeriformes. Quando indagado sobre o que mais conversam quando estão reunidos, o passaricultor Sr. Marius diz:

*éh:: sobre genética... né? todo... todo ano tem algumas genéticas que se destacam... né? algumas... como se fosse moda... algumas voltam... né? a gente tem aquelas genéticas que elas sempre dão certo e sempre tem cruzamentos novos aí... alguma coisa que vem experimentando que vai dando certo... é sobre... bons curios... os tipos de cantos... **cantos regionais... canto praia liso... canto praia clássico** que a gente conversa... que tem aí nesse nosso Brasil... sobre... genética... sobre... **torneios de canto... torneios de fibra...** sobre manejos... o que seria um manejo? é a forma adequada de você criar uma ave pro canto... né? aí tem o **manejo pra canto... o manejo pra reprodução... o manejo para vetorização ou encarte...** o manejo de... de **muda de bico... muda de pena...** é a forma como você vai manejar o seu pássaro... né?³⁸*

Percebeu-se, no diálogo, que alguns termos emergiram naturalmente no seu contexto de uso, o que corrobora para o alinhamento da pesquisa aos estudos socioterminológicos, que considera as situações de circulação dos termos no movimento cotidiano das línguas de especialidade, sendo estudados sob a ótica da interação social.

Sobre Socioterminologia, Fausltich (1995a) explicita que:

[...] é a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua. Para que o linguista, especialista em terminologia, desenvolva seu trabalho de pesquisa, é preciso levar em conta critérios básicos de variação terminológica no meio social, bem como critérios etnográficos, porque as comunicações entre membros da comunidade em estudo podem gerar termos diferentes para um mesmo conceito ou mais de um conceito para o mesmo termo (1995a, p. 1).

A pesquisadora defende que a teoria da variação terminológica tem por meta considerar os diferentes valores que o termo pode assumir, conforme a função e o contexto em que ele se encontra. Assim, seu estatuto fica assegurado pela análise da diversidade de termos que ocorrem nos planos vertical, horizontal e temporal da língua. Logo, se a língua não é homogênea e pode apresentar diferentes possibilidades dentro de sua formação, a língua de especialidade também pode sofrer variação.

³⁸ Os termos selecionados constam no repertório terminográfico, denominado vocabulário especializado, que compõe este trabalho. Além disso, chama-se a atenção para o emprego da palavra genética, usada pelo informante para referir-se às descendências da ave. Isso é importante para saber as qualidades dos pais e que, possivelmente, os descendentes receberam ou receberão tais qualificações.

Embora os estudos sociolinguísticos apresentem muitas semelhanças com os socioterminológicos, não podemos confundi-los. A Socioterminologia se ocupa da variação social do termo nos planos do discurso de especialidade, enquanto a Sociolinguística trata da variação social que passa a língua geral no plano sincrônico, tendo em vista a mudança que poderá ocorrer.

É a partir da análise da diversidade dos termos e da sistematização desta variação, que Faulstich (1996) propõe uma classificação das variantes formais em dois grandes grupos, a saber: as variantes terminológicas linguísticas e as variantes terminológicas de registro. Posteriormente, a autora propõe um constructo teórico da variação terminológica e passa a classificá-lo em concorrentes, coocorrentes e competitivas. As concorrentes são aquelas que concorrem com outro termo e que, num dado momento, apenas um ficará naquela posição; coocorrentes, quando um termo ocorre ao mesmo tempo e tem a mesma significação, um não elimina o outro, e, competitivas, em que há uma competição entre os termos e, geralmente, apenas um permanece e se cristaliza.

No âmbito das variantes linguísticas, destaca-se coocorrente lexical, por ser frequente no discurso dos criadores de aves. Segundo Faulstich (1996, p, 1-2), a variante terminológica lexical é aquela em que “a forma do item lexical sofre comutação, mas o conceito do termo se mantém intacto”. São exemplos de algumas variantes lexicais presentes no VEPRMB: **manejo para vetorização ~ manejo para canto, gaiola voadeira ~ voadeira, canto trola ~ canto selvagem**. Destaca-se que, mesmo com a mudança de um item no sintagma, o sentido do termo não se altera.

Ressalta-se ainda outro tipo de variação coocorrente encontrado no repertório, a sinonímica, que “relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo” (FAULSTICH, 2001, p. 31). Como exemplo, tem-se: criadouro ~ criatório, curiozeiro ~ curiolista, armada ~ caçada.

Faulstich (1995a), ao reconhecer a variação em terminologia, estabelece como postura para a validação do trabalho socioterminológico: identificar o falante da terminologia a ser descrita; adotar atitude descritiva; consultar especialista na área; delimitar o *corpus*; selecionar aporte bibliográfico pertinente; precisar as condições de produção e de recepção do texto de especialidade; outorgar, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica; registrar o termo e a(s) variante(s) do termo e, por fim, escrever repertórios terminológicos.

As exigências das posturas mencionadas por Faulstich (1995a, p. 287) ancoram-se no fato de requerer status à Socioterminologia como disciplina que “focaliza o dado terminológico de maneira contrária à postura normatizadora da terminologia da década de 30”, uma vez que a língua é plural e variável, exigindo estudos de uma terminologia contemporânea, propícia a atender às demandas da heterogeneidade linguística também nas línguas de especialidade.

Em síntese, o que se pretende, na Socioterminologia, é considerar os diversificados discursos especializados, incluindo os contextos orais e aceitando as variações dos termos e que estas devem estar presentes de forma adequada e satisfatória na elaboração dos produtos terminográficos.

3.3.2.2 Terminologia Cultural: dimensão cultural do termo

As pesquisas no campo terminológico concentram maior ênfase em situações reais de uso, em que os textos orais ou escritos são as fontes primárias de análise do *corpus* inquirido. O termo resulta das especificidades e particularidades de uso em um grupo social ou comunidade de falantes que compartilham experiência e saberes socioculturais.

O tópico anterior demonstrou que a Socioterminologia tem por princípio a investigação da variação linguística dos termos presentes no meio social, levando em conta todas as manifestações de uso que uma comunidade faz das unidades terminológicas. Neste tópico, o enfoque do termo será analisado pelo viés cultural, a saber, pela Terminologia Cultural, proposta pelo senegalês Marcel Diki-Kidiri.

Diki-Kidiri (2000b), no Senegal, propõe a Terminologia Cultural, afirmando que a cultura de uma comunidade humana é o ponto-chave para a descrição e a análise das terminologias que circulam no contexto cultural, nutrindo-se das diversas experiências e saberes de todos os indivíduos que participam do cotidiano de uma comunidade (DIKI-KIDIRI, 2000a, p. 6).

Há uma inter-relação da TC com a Socioterminologia, pelo fato de ambas estudarem a interação comunicativa, a sociedade e a cultura que se apresenta nos léxicos especializados. Contudo, a TC se volta mais especificamente à investigação da UT nascida e que circula e se perpetua em determinado meio cultural, ou seja, o termo encontra vivência comunicativa, representatividade e presta-se a identificar um grupo ou comunidade.

Para Aragão (2010), o contexto da diversidade cultural do termo é o foco principal desta abordagem, que considera “a apreensão da realidade, os modos de viver, pensar e sentir

das comunidades que são representados nos termos por elas utilizados e está determinado pela percepção cultural de cada povo” (ARAGÃO, 2010, p. 42). A pesquisadora está em consonância com Diki-Kidiri (2009, p. 2), quando este afirma que “[...] a cultura é um conjunto das experiências vividas, nas produções realizadas pelos conhecimentos gerados por uma comunidade humana que vive em um mesmo espaço em uma mesma época.”³⁹

Na concepção de Diki-Kidiri (2007, p. 15-16), alguns conceitos são fundamentais para a compreensão da Terminologia Cultural: 1) *a pessoa humana* – ser que apresenta dimensões culturais individuais e coletiva; 2) *a comunidade* – qualquer grupo social formado por indivíduos reconhecidos como membros do grupo e que possui valores de identidade e interesses comuns para defender. Uma pessoa pode pertencer a várias comunidades juntas e graus de integração diferentes; 3) *a historicidade* - a história própria de cada indivíduo ou de cada comunidade determina a sua cultura particular e a diversidade de culturas; 4) *a base de experiência e conhecimento* - conjunto de experiências e conhecimentos já conhecidos pela pessoa humana que serve como ponto de referência e guia na percepção da realidade; 5) *cultura* - conjunto de experiências, de conhecimentos e de saberes gerados e atividade realizada em um mesmo lugar e ao mesmo tempo por uma pessoa individualmente ou dentro da comunidade de fala para construir a sua identidade; 6) *memória*- memória individual ou coletiva é o meio pelo qual o indivíduo apreende uma nova realidade, buscando, em sua base de experiência e do conhecimento, aquilo que mais a ele se assemelha; 7) *o termo* - o termo científico é complexo e composto por um conceito de domínios de especialidade e, pelo menos, uma percepção e um significante. O termo pertence a uma linguagem particular e obedece às regras gerais desta linguagem como qualquer outro termo equivalente na língua. Percebe-se muito claramente a importância do termo como parte distintiva na atividade dos passaricultores, parte inerente à identidade cultural desses indivíduos. O termo chama a atenção por sua particularidade, que fica perceptível na fala do criador de ave “*é verdade que quando a gente está conversando... digo um criador de ave com o outro... usamos palavras... assim... bem próprias... acho que só agente entendi o significado... éh:: acho que os outros não entendem mesmo ...*” (Sr. Russel), e 8) *Variações* - como qualquer palavra da língua, o termo está sujeito às regras gerais da sintaxe da linguagem e sua retórica. Por conseguinte, pode muito bem ter significados múltiplos, ou seja, sinônimos, polissêmicos e homônimos. No léxico dos passaricultores, tem-se o registro de variantes terminológicas, o que comprova

³⁹ [...] *la culture est un ensemble d'expériences vécues, dans les productions réalisées par les savoirs générés par une communauté humaine qui vit dans le même espace au même moment* (DIKI-KIDIRI, 2009, p. 2).

que a unidade terminológica coletada para esta tese também não foge à regra da variação, fato perceptível no uso dos termos: *muda encruada e muda crônica*, para designar o mesmo tipo de patologia que afeta a troca de penas das aves e *pintada e patativa* para referir-se a mesma espécie de passeriforme.

O quadro abaixo apresenta abordagens distintas em relação às que subjazem aos estudos da TGT e da Terminologia Cultural.

Quadro 5: Pontos de comparação entre a TGT e a TC.

Pontos de comparação	Teoria Geral da Terminologia	Terminologia Cultural
Objetivo basilar	A normatização internacional do termo.	Apropriação do saber e das tecnologias.
Lugar da cultura	Ausente do campo da terminologia.	Elemento da abordagem terminológica.
Concepção do termo	Bifacial: conceito/significante.	Trifacial: conceito/percepto/significante.
Relações semânticas	Bi-univocidade estrita entre significante e conceito. Não há sinonímia absoluta.	Integração da sinonímia, da polissemia e da homonímia.

Fonte: Diki-Kidiri (2007, p. 15), adaptação nossa.

Assim, enquanto a TGT promove a normatização do termo – seu objeto de pesquisa – de maneira essencialmente fixa, imóvel, estanque, a TC tem por escopo apropriar-se dos saberes e das tecnologias presentes na história e na cultura dos sujeitos, gerando representações simbólicas que perpassam sua existência de seres pertencentes a uma realidade sociocultural. Na abordagem da TC, a cultura encontra lugar de referência, o que não ocorre no campo de estudo elencado pela TGT.

Para a TGT, a concepção de termo é bifacial, com destaque para o conceito de um significante apenas, sem espaço, nesse sentido, para a abordagem da variação terminológica. Ao contrário, a Terminologia Cultural concebe o termo de forma trifacial, havendo, entre o conceito e o significante, uma clara percepção do campo real representado pelo sujeito ou pela comunidade linguística. Vale ressaltar que Diki-Kidiri (2002), ao referir-se à natureza trifacial do termo, apresenta diferenças entre conceito e significado; o conceito remete mais à objetividade e, em consequência, mais à universalidade na representação das coisas; contrariamente, o significado depende mais das percepções particulares de cada cultura.

3.4 Terminografia

A Terminografia, de acordo com a ISO 1087, é definida como “registro, processamento e apresentação de dados resultantes da pesquisa terminológica”. Outra definição bem pertinente e mais abrangente consta em L’Homme *et. al.* (2003, p. 152), a Terminografia seria “o estudo e a prática da descrição das propriedades linguísticas, conceituais e pragmáticas das unidades terminológicas de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência em formato de papel ou eletrônico”.

Em conformidade com as definições supracitadas, a Terminografia caracteriza-se por ser uma área que se ocupa do inventário dos termos de um determinado campo especializado do saber em um ou vários idiomas, tem conteúdo de análise e consolida-se por meio de uma teoria, em que são instituídos parâmetros metodológicos para uma aplicação prática de repertórios terminográficos. Com seu aporte teórico e metodológico, a Terminografia oferece às Ciências do Léxico fundamentos eficazes para o desenvolvimento de pesquisas linguísticas que atendam e norteiem situações comunicativas em que as unidades léxicas se apresentem em situações de restrito significado.

Para oferecer resultados mais precisos, a Terminografia faz sua trajetória científica em parceria com a Terminologia. Rey (1995) diz que elas são áreas inseparáveis, em que uma proporciona a outra subsídios relevantes nas pesquisas sobre línguas especializadas. Por isso, a proposição de se elaborar um vocabulário especializado dos passaricultores da região metropolitana de Belém foi providente a fim de trazer as contribuições terminológicas e terminográficas, tendo em vista que o repertório elaborado carece do aporte de ambas as ciências.

Elaborar uma obra terminográfica implica a divulgação de informações de um determinado campo de conhecimento, sobretudo no que diz respeito ao léxico utilizado com valor especializado, ou seja, os conjuntos terminológicos, cujos conceitos são articulados pelas definições. E, para divulgar os termos da passicultura da RMB, é necessário atender o princípio do olhar as terminologias *in vivo* (Krieger, 2004), ou seja, estudar os termos em seus contextos de uso para não cometer equívocos na constituição da obra terminográfica, mantendo e valorizando a representação da unidade terminológica no sistema conceitual, suas formas concorrentes e correlatas, utilizadas na comunicação especializada dos sujeitos, indicando os modos que, efetivamente, estão sendo usados.

Distintamente das obras lexicográficas, as terminográficas efetivam o registro dos termos da maneira como são reproduzidos nas comunicações especializadas. Krieger e Finatto

(2004) ressaltam que estas obras são elaboradas para oferecer informação de um determinado campo de conhecimento técnico-científico. E não se limitam a apenas definirem os termos, apresentando, por vezes, um informações de caráter enciclopédico⁴⁰.

O fazer terminográfico busca produzir obras com certos traços funcionais pertinentes à definição terminológica, informações gramaticais, entre outros componentes que integram as obras de referência temática. O tratamento a ser dado aos elementos constituintes do universo de informações que integram as obras terminográficas define o tipo de estrutura da obra produzida. As estruturas variam conforme o conteúdo de um glossário, de um vocabulário especializado, de um dicionário terminológico monolíngue, bilíngue ou multilíngue, ou também de um banco de dados.

Portanto, a Terminografia tem a função de registrar a padronização para possibilitar uma comunicação especializada e precisa, porém, ela não se restringe a uma visão pragmática de produção de instrumentos terminográficos, uma vez que tem sua identidade própria de disciplina científica que analisa seu objeto de estudo, propõe novos modelos de tratamento dos dados, reflete cientificamente sobre o seu trabalho, além de construir uma metalinguagem própria e de consolidar uma metodologia de elaboração de dicionários terminológicos (BARROS, 2004). Para isso, conta com uma diversidade de obras que procuram atender às necessidades das comunidades de diferentes grupos sociais, cada qual com a sua linguagem de especialidade e seus meios de comunicação.

3.4.1 O vocabulário especializado enquanto produto terminográfico

Este tópico discute as definições de vocabulário [do lat. medv. *vocabularium*.] trazidas por dicionários de língua geral e por pesquisadores dos estudos do léxico. Inicialmente, verificou-se que o Dicionário Caldas Aulete Digital apresenta dez acepções para descrever o termo vocabulário, dando ao consulente uma vasta quantidade de informações. A primeira acepção é definida da seguinte forma: **1. Conjunto dos vocábulos de uma língua; LÉXICO**, englobando todos os vocábulos usados pelos falantes de um idioma, sinônimo de léxico, sendo este o “Conjunto das palavras de uma língua” (BIDERMAN, 1984, p. 43). Logo, baseando-se na acepção do Aulete Digital, vocabulário e léxico podem ser usados com o mesmo significado.

⁴⁰Acredita-se que as obras terminográficas não devem fixar seu inventário unicamente nas comunicações técnico-científicas, mas também nos saberes e fazeres populares.

A segunda acepção do dicionário mencionado registra: **2.** Conjunto dos termos característicos de uma atividade ou campo do conhecimento (vocabulário do futebol; vocabulário psicanalítico); **NOMENCLATURA; TERMINOLOGIA.** Aqui, se percebe uma definição de vocabulário que se caracteriza por alistar termos manifestados dentro de uma área de especialidade; são os vocabulários técnico-científicos (BARBOSA, 1995).

O *Dicionário Michaelis on-line* foi outra obra lexicográfica consultada. Nele, consta sete acepções para o termo vocabulário, que vem expresso da seguinte forma: 1 Conjunto dos vocábulos de uma língua; léxico. 7. Lista de palavras restritas a uma área específica de conhecimento, com os seus significados; glossário. Percebe-se que a primeira acepção é idêntica à apresentada pelo *Aulete Digital*, e somente a sétima liga vocabulário a um repertório linguístico de uma área técnica, tendo glossário como sinônimo de vocabulário.

Ante o exposto, pode-se verificar que o termo vocabulário é polissêmico, ora representa o acervo lexical de uma língua, ora abrange os termos de um discurso especializado. Ademais, Barbosa (1995, p. 2) afirma que vocabulário também “**designa um tipo de dicionário** e, como tal, significa conjunto de vocábulos tratados lexicograficamente, isto é, definidos e organizados em forma de dicionário” (grifo nosso).

No âmbito lexicográfico, vocabulário é muito usado para se referir a um recorte do léxico geral, isto é, palavras que uma pessoa conhece e usa com boa desenvoltura e adequadamente para cada situação comunicativa; conjunto de palavras usadas por um autor em seus textos (vocabulário de Guimarães Rosa, de Machado de Assis etc.); de um período da língua (vocabulário quinhentista, do período colonial); conjunto de palavras que compõe o repertório lexical de uma faixa etária (vocabulário das crianças, dos jovens, dos idosos), e de particularidades das palavras (vocabulário etimológico, ortográfico, fonético etc.).

Pelo viés terminológico, vocabulário é descrito por Lara (2005, p. 6) como “subsistema linguístico que compreende a terminologia e demais meios linguísticos específicos de uma área, um domínio ou um subdomínio, visando à não-ambiguidade na comunicação”. Enquanto repertório especializado, um vocabulário pode ser monolíngue, bilíngue ou multilíngue, dependendo do propósito do terminólogo/terminógrafo e do público ao qual a obra se destina.

Sendo a atividade dos passaricultores da região metropolitana de Belém uma área específica do conhecimento humano, adaptou-se, para esta pesquisa, a terminologia vocabulário especializado, uma vez que os termos pertencem a um domínio, a passaricultura, portanto, alinhada ao viés terminológico.

Pela abrangência de significados do termo vocabulário, acredita-se que acrescentar o item léxico especializado direciona-o para uma especificidade à qual se destina a inventariar, descrever e divulgar os termos de um domínio ou subdomínio do conhecimento de determinados grupos sociais.

Nas normas ISO (1990) e em Haensch (1982), nas obras terminográficas, vocabulário e glossário [do lat. *glossarium, i*] têm o mesmo significado. O glossário é definido como “Repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngue ou multilíngue), que não se pretende exaustivo [...], por exemplo, glossário espanhol-inglês de termos ecológicos”⁴¹ (HAENSCH, 1982, p. 106, tradução nossa). Mesmo que estas duas obras terminográficas sejam consideradas sinônimas, percebeu-se, pelas descrições e análises aqui levantadas, que a primeira contém um índice de polivalência elevado e, por isso, a denominação vocabulário especializado restringe sua abrangência semântica, aproximando-lhes do significado de glossário.

O glossário remete a glosas ou “coleção de glosas”. No *Dicionário Michaelis on-line*, “glosa” significa 1. Comentário feito nas entrelinhas ou na margem de um texto para explicar palavras ou passagens obscuras e difíceis de entender. O *Dicio on-line* usa a seguinte definição “Tipo de apontamento que, num texto, é utilizado para explicar o significado de uma palavra e/ou para elucidar um trecho (passagem)”. Historicamente, o glossário está mais relacionado a uma lista, “glosa” de palavras, termos listados abaixo de um texto com sua respectiva explicação para dar esclarecimentos sobre as unidades léxicas que podem oferecer mais dificuldade de entendimento ao leitor (KRIEGER, 2006).

Usa-se com regularidade, nos estudos do léxico, o termo glossário enquanto produto terminográfico para nomear um repertório terminológico com um número não tão exaustivo de unidades terminológicas dispostas em ordem sistêmica, contendo informação gramatical, definição, remissivas e contexto de ocorrência (FAULSTICH, 1995). O mesmo se percebe ao pesquisar por títulos de trabalhos com a designação de vocabulário especializado. Ambos, na concepção de Villalva e Silvestre (2014, p. 19), representam “Coleções de palavras”, incluindo o dicionário terminológico ou técnico. Este, por sua vez, englobaria um conjunto de entradas mais extenso, “contendo dados terminológicos de um ou mais campos de assunto específicos” (ISO, 1990, p. 10).

⁴¹ “Repertorio de palabras, en muchos casos de términos técnicos (monolingüe o plurilingüe), que no se pretende ser exhaustivo, por ejemplo, [...] glosario de términos ecológicos español-inglés” (HAENSCH, 1982, p. 106).

Em Barros (2004) e Krieger e Finatto (2004), constata-se o uso de vocabulário especializado referindo-se a um tipo de obra terminográfica. Por isso, a tipologia é aceitável e coerente e foi usada nesta tese: 1) para demonstrar que se trata de um produto técnico, oriundo de uma pesquisa sistemática voltada para inquirição de termos de uma determinada área do conhecimento humano; 2) para evitar possíveis comparações com a unidade léxica vocabulário, que é polissêmica; 3) por não ser uma glosa (vocábulo muito associado a glossário), e 4) por não ter um número elevado de termo-entrada, a exemplo do dicionário terminológico.

3.4.2 Definição terminológica

Os verbetes que integram a obra terminográfica intitulada de Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém apresentam a definição terminológica (DT), também chamada de enunciado definitório ou definicional. Sabe-se que a elaboração da definição terminológica é uma atividade que requer do pesquisador/terminólogo um olhar atencioso para os objetivos e a natureza da obra terminográfica, pois ela norteia o consultante quanto ao entendimento mais eficaz dos termos que compõem o conjunto terminológico da área de especialidade inventariada.

Nas obras terminográficas, é notável a importância da definição terminológica do termo-entrada, ausência ou elaboração inadequada dificulta o acesso ao conhecimento do léxico temático em estudo e divulgação. Por outro lado, a DT quando elaborada, seguindo critérios bem definidos, qualifica todo o repertório terminológico, atendendo às necessidades do público a quem a obra se destina e serve de referência a pesquisadores que busquem orientação técnica e metodológica.

As definições dos termos que integram a língua de especialidade usada pelos passaricultores foram elaboradas seguindo critérios da tipologia definicional. Tais critérios decorrem da necessidade em oferecer um produto técnico e ao mesmo tempo acessível aos possíveis usuários, por meio de uma metalinguagem clara, objetiva e apropriada. Para tanto, foi feito, *a priori*, o estudo da tipologia definicional já usada por dicionaristas, lexicógrafos e terminólogos, o que permitiu reflexões sobre a necessidade de aplicação de tipos de definição que contribuam para a padronização de repertórios especializados a serem divulgados.

Para tanto, percebe-se nos estudos de Barros (2004, p. 119), que “a exaustividade e a homogeneidade” do conjunto de termos e sua organização em um sistema nocional dependem de um bom conhecimento da área temática, bem como, da metodologia de trabalho adotada, a

fim de se alcançar uma precisa delimitação do domínio especializado e, por conseguinte, sucesso do trabalho terminográfico, principalmente na elaboração dos enunciados definitórios.

Contudo, a princípio, chama-se a atenção para o fato de que definir o que é definição é uma atividade cognitiva exigente, cuidadosa e austera, com regras e princípios balizados, o que impõe desafios na delimitação, reconhecimento e divulgação de um campo especializado. Não basta querer: é necessário o uso de técnica, pesquisa atenciosa de referenciais teóricos e metodológicos e uma aproximação com o *corpus* inquirido, uma vez que definir um termo usando os recursos apropriados e pertinentes exige conhecimento terminológico, terminográfico, bem como um saber de nível intermediário ou satisfatório daquilo que se pesquisa, muito embora o terminólogo tenha, geralmente, o apoio e a orientação de um especialista de área.

Krieger e Finatto (2004, p. 92) certificam que a definição, em especial a terminológica, é necessária, porque muito se escreve sobre as diversas áreas e, por isso, identificar as facetas particulares ajuda na compreensão dos fenômenos específicos dos conhecimentos e saberes distintos, a exemplo da pesquisa sobre o vocabulário especializado dos passaricultores da Região Metropolitana de Belém (VEPRMB).

As definições terminológicas são pertinentes na medida em que elas:

[...] designam na origem o estabelecimento de um limite, de um fim (*definir*) e seu resultado (termo). No plano nocional, para que um nome tenha direito ao título de termo, é necessário que ele possa, enquanto elemento de um conjunto (uma terminologia), ser distinguido de outro. O único caminho para exprimir esse sistema de distinções recíprocas é a operação dita *definição* (REY, 1979, p. 40).⁴²

Vê-se, portanto, que a definição desempenha papel crucial na organização dos termos, afetando a estruturação do campo nocional das linguagens. Nem sempre, porém, podemos contar com definições claras, seja pela ausência de dicionários técnicos que auxiliem o trabalho de organização das linguagens, seja pela dificuldade de delimitação dos conceitos ou noções.

Podem-se fazer agora algumas observações com relação à construção da definição, que engaja um componente eminentemente pragmático, além do propriamente semântico. Para a elaboração de definições de obras terminográficas, Passeggi (1990, p. 327) sugere três

⁴² [...] désignent à l'origine l'établissement d'une limite, d'une fin (*définir*) et son résultat (*terme*). Au niveau notionnel, pour qu'un nom ait droit au titre de terme, il faut qu'il puisse, en tant qu'élément d'un ensemble (une terminologie), être distinct d'un autre. La seule manière d'exprimer ce système de distinctions réciproques est l'opération appelée *définition* (REY, 1979, p. 40).

etapas fundamentais: *levantamento e seleção de contextos onde aparece o termo, Desdobramentos dos contextos em proposições interpretantes e seleção das proposições para elaboração da definição.*⁴³

Ressalta-se que a definição pode ser encontrada, principalmente, em três tipos básicos de obras: o dicionário de língua, a enciclopédia e o dicionário terminológico. E de acordo com Finatto (1998), a definição é classificada em três tipos:

Quadro 6: Tipologia de definições

Definições lexicográficas (DL)	Caracterizam-se pela predominância de informações linguísticas [sic], tratando mais de “palavras”;
Definições enciclopédicas (DE)	Ocupam-se mais de referentes e de descrição de “coisas”;
Definições terminológicas (DT)	Trazem predominantemente conhecimentos formais sobre “coisas” ou fenômenos.

Fonte: Finatto (1998, p. 2), adaptação própria.

Dos três tipos de definição, conforme o quadro acima, a DT é o foco de análise, uma vez que o VEPRMB caracteriza-se por ser uma língua de especialidade, integrando um universo terminológico. Finatto (2002), assim especifica o caráter da DT:

Entre diferentes tipos de definição, a definição terminológica (doravante DT) se particulariza por ser o enunciado-texto que dá conta de *significados* de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência. Nesse caso, *grosso modo*, definir equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. Esse enunciado envolve, portanto, uma representação conceitual particular, vinculada a um saber técnico, científico ou tecnológico (FINATTO, 2002, p. 74).

A definição terminológica descreve, delimita e distingue os conceitos de uma área de domínio temático, dos passaricultores, por exemplo. Na visão de Lara (2004), esse tipo de definição implica a demarcação de um limite, e divulga um saber característico, específico de uma dada profissão ou atividade social e cultural. Barros (2004), Cabré (1993) e Alves (1996) destacam algumas características atinentes a DT:

- 1) **adequação ao domínio** (BARROS, 2004);
- 2) **concisão** (FELBER, 1987; CABRÉ, 1993; ALVES, 1996);
- 3) **estrutura formal e organização conceptual do enunciado definicional** (BARROS, 2004);

⁴³ Estas etapas estão relacionadas à elaboração de obras terminográficas.

Em relação à primeira característica “adequação ao domínio”, a DT presta-se a conceituar termos pertencentes a um determinado campo do conhecimento. É justamente a circulação em seu habitat, que faz o termo ganhar um sentido estrito, especializado, marcando sua identidade terminológica, seu *status* referencial, sua natureza linguística de pertença a um campo temático.

No vocabulário especializado dos passaricultores é comum a presença de tal característica, como se verifica na definição do termo “roda”⁴⁴.

Quadro 7: Termo “roda”

roda *sf* torneio em que se colocam as gaiolas em círculo para ver qual pássaro canta mais. L2: *você bota todos os pássaros na <<roda>> vários... um perto do outro cantando... aí nessa roda... vence o passarinho que cantar mais por mais tempo. (Sr. Franklin)*

Fonte: Elaboração própria.

Em um dicionário de língua geral, a exemplo do Michaelis⁴⁵, o lema⁴⁶ “roda” apresenta vinte acepções ou valores polissêmicos, de acordo com o significado que adquire em cada domínio temático. Nas acepções 10 e 11, encontram-se respectivamente: “Reunião de pessoas dispostas em círculo” e “Convivência entre pessoas que mantêm relações de amizade”. Tais definições se assemelham à encontrada no léxico dos passaricultores, com um diferencial, esta apresenta mais informações: uma roda não é simplesmente uma reunião ou convivência de pessoas, e sim, de aves passeriformes reunidas e dispostas em formato de círculo para a disputa de canto.

A “concisão”, segunda característica, adverte o redator dos verbetes sobre a necessidade de se formular uma definição que preferencialmente seja expressa em uma única frase (FELBER, 1987; ALVES, 1996). Na visão de Alves (1996), a concisão é um dos princípios essenciais para uma DT objetiva e eficiente; explicações adicionais não devem compor o enunciado definicional, e, sim, acrescidas em forma de nota. Na DT, segundo essa autora, pontos internos não são recomendáveis, por outro lado, deve-se utilizar a palavra inicial da definição com a mesma classe do termo definido, isso ajuda a manter a adequação à concisão. A seguir, apresenta-se um exemplo de definição sucinta, concisa.

⁴⁴ Ver informações completas do verbete na página 121.

⁴⁵ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/roda/>>. Acesso em 18 de nov. 2021.

⁴⁶ É a “unidade que constitui a entrada de um dicionário” (BIDERMAN, 1984, p. 139).

Quadro 8: Termo “temporada”

temporada *sf* período de acasalamento dos pássaros.

Fonte: Elaboração própria.

O lema “temporada” pertence à classe de palavras dos substantivos, a palavra que inicia o enunciado “período” pertence a essa classe de palavras, não há pontos internos no texto definicional, omitiu-se explicações extras, bem como o emprego de palavras de difícil compreensão. Para manter a concisão da definição, não se deve usar cópulas (diz-se de, trata-se de, quer dizer etc.) nem a forma negativa, antes é preferível o emprego a forma positiva. (BARROS, 2004, p. 164).

A terceira característica, “estrutura formal e organização conceptual do enunciado definicional”, está relacionada com a forma e o sentido da definição. O enunciado definatório, inicia-se geralmente por um hiperônimo, que hierarquicamente é um termo subordinante em relação à entrada do verbete, termo subordinado, asseguram Lopes e Rio-Torto (2007, p. 29). Nas unidades terminológicas usadas pelos passaricultores é possível identificar a aplicação da segunda característica, a exemplo do lema “curió”⁴⁷.

Quadro 9: Termo “curió”

curió *sm* ave de pequeno porte nativa do Brasil, que mede cerca de 14,5 cm, sendo que o macho na fase adulta é preto na parte superior do corpo e castanho-avermelhado na parte inferior, a parte interna das asas é de cor branca.

Fonte: Elaboração própria.

Porto Dapena (2002, p. 271), ao mencionar os princípios que regem a definição afirma que “De acordo com o princípio da equivalência, para que uma definição seja correta, o *definiens* deve conter todo o *definiendum* e nada mais que o *definiendum*. Ou seja, entre ambos deve haver uma equivalência total tanto em extensão quanto em compressão.”⁴⁸ (Grifo do autor). O princípio da equivalência mencionado pelo autor colabora para a compreensão do gênero próximo e diferenças específicas, uma vez que *ave* é hiperônimo de *curió*, ou seja, todo *curió* é uma espécie de *ave*. Assim, uma definição satisfatória do lema *curió* iniciar-se-ia com *ave* (gênero próximo), depois vem à primeira diferença específica *de pequeno porte* e

⁴⁷ Ver informações completas do verbete na página 126.

⁴⁸ “Según el principio de equivalencia, para que una definición sea correcta, el definiens deberá contener todo el definiendum y nada más que el definiendum. Es decir, entre ambos deberá darse una equivalencia total tanto en extensión como en compresión” (PORTO DAPENA, 2002, p. 271).

escrevem-se as demais especificações, de modo a individualizá-lo e diferenciá-lo de outros enunciados definitórios que compõem o vocabulário dos passaricultores.

Tendo por base as tipologias definicionais em obras lexicográficas e terminográficas comumente mencionadas por estudiosos da área, a exemplo de Murakawa (2011, 2012), Barros (2004), Krieger e Finatto (2004), Bosque (1982), Dubois e Dubois (1970), e outros, foi possível encontrar direcionamentos teóricos e metodológicos para a elaboração das DTs presentes neste repertório terminográfico.

Murakawa (2011), com base em Bosque (1982), apresenta uma classificação muito pertinente, que distingue dois tipos de definições, as *próprias* e as *impróprias*, tendo em vista aspectos de natureza da metalinguagem. A formulação das *definições próprias* baseia-se no contexto específico de uso em que a unidade léxica foi empregada. As *definições impróprias*, por vez, “não são verdadeiras definições, mas explicações que indicam como e para que se emprega a palavra entrada ou lema. É o tipo de definição possível para as palavras gramaticais” (MURAKAWA, 2011, p. 11). As *definições impróprias* não aparecem em nenhum verbete deste repertório terminográfico.

As *definições próprias* oferecem mais possibilidades quanto à elaboração dos enunciados definitórios; sua classificação abrange três tipologias: as hiperonímicas, sinonímicas e antonímicas⁴⁹. Somente as duas primeiras foram contempladas nos enunciados definicionais que compõem o VEPRMB e serão explicadas, tendo na abonação trechos oriundos do *corpus* pesquisado.

a) **Definição hiperonímica (DH)**, comumente conhecida por **Definição por gênero próximo e diferença específica (GPDE)** – tipologia “composta pelo termo superordenado, e mediamente superior ou um ou dois níveis acima, seguido dos traços (ou características) que distinguem o conceito dos conceitos” (ISO 704.1, 1996, p. 20). Murakawa (2012, p. 11), por sua vez, denomina-a de inclusiva ou aristotélica “em que a unidade léxica é remetida a uma categoria maior de extensão semântica, o hiperônimo ou incluinte, e onde a unidade é seu subordinado ou hipônimo”. Na visão de Barros (2004, p. 171), a tipologia **GPDE** “É considerada como ideal para a elaboração de vocabulários técnicos, científicos e especializados”.

A análise dessa definição, sobretudo no que refere ao conceito de *gênero*, remonta a *proposta de Aristóteles*, que o classificou em gênero próximo, correspondente ao hiperônimo

⁴⁹ São “as chamadas inclusivas negativas, nas quais há uma negação semântica (imobilidade = falta de mobilidade), e as exclusivas, que consistem em definir a palavra negando o seu oposto (cru/ não cozido)” (MURAKAWA, 2011, p. 11).

imediatamente acima do definido em um determinado sistema conceitual, ou seja, “categoria superior de extensão semântica” (MURAKAWA, 2012, p. 79); o gênero distante, ao hiperônimo superior ao gênero próximo; o gênero supremo, ao hiperônimo em que conceito é genérico, amplo, e não está englobado em nenhuma hierarquia. Nos enunciados definicionais, cuja característica é a do gênero próximo + diferenças específicas, buscou-se o contexto para se estabelecer a diferença específica em se tratando de espécies de aves, mudanças de plumagens, objetos e utensílios.

Pode-se compreender mais facilmente a GPDE por meio dos verbetes “gaiola”, “gaiola de armada” e “gaiola voadeira”⁵⁰, que compõem o Vocabulário especializado do passaricultores.

Quadro 10: Termos “gaiola, gaiola de armada e gaiola voadeira”

gaiola *sf* objeto em forma de pequena casa de metal ou de madeira destinado à moradia das aves.

gaiola de armada *sf* objeto em forma de pequena casa de metal ou de madeira usada para treinar aves passeriformes.

gaiola voadeira *sf* objeto em forma de pequena casa de metal ou de madeira usada para o pássaro exercitar pequenos voos após sua muda de penas.

Fonte: Elaboração própria.

Nos enunciados definicionais acima fica nítida a relação estabelecida de *gênero próximo* do termo *gaiola* em relação aos hipônimos, os dois tipos de gaiolas. Vê-se que “gaiola de armada” e “gaiola voadeira” são tipos de *gaiolas* usadas pelos criadores de aves, e que apresentam características peculiares na atividade da passaricultura. O quadro abaixo ilustra a terceira característica do enunciado definicional.

Quadro 11: GPDE do termo “gaiola”

<i>Objeto</i>	Gênero próximo
<i>Exercitar pequenos voos após a muda de penas</i>	Diferença específica
<i>Para treinar passeriformes</i>	Diferença específica

Fonte: Elaboração própria.

⁵⁰ Ver informações completas do verbete nas páginas 126.

Pode-se dizer que o gênero próximo *objeto*, que serve de base conceitual para definir os tipos de gaiolas, exerce o papel de um arquilexema, enquanto que “gaiola de armada” e “gaiola voadeira”, caracterizam as diferenças específicas, daí a fórmula: *gênero próximo + diferenças específicas*. (GPDE). Vale acrescentar que o modelo gênero próximo + diferenças específicas é aplicável aos termos que mantêm entre si uma relação de tipo genérico-específico, situação mais recorrente no VEPRMB.

Nas definições supracitadas, não se fez uso de locuções como *isto é, a saber, neste caso, ou seja*, entre outros, uma vez que introduzem equivalência de significado ou explicação que duplica um traço peculiar. As informações são sintéticas e necessárias ao público-alvo ao qual a obra se destina, principalmente, os passaricultores mais recentes na prática da criação de aves, ou mesmo outro pesquisador que deseje conhecer a atividade passaricultora da Região Metropolitana de Belém.

A finalidade deste padrão definicional é alcançar o princípio monorreferencial, incluindo os atributos semântico-conceituais do termo, ou seja, características próprias do conceito definido, que o difere de outros conceitos aproximados. Modelo de definição GPDE é aplicado aos substantivos; verbos e adjetivos seguem outra tipologia definitória. A definição hiperonímica é a mais frequente na VEPRMB, a exemplo de “gaiola”, “gaiola de armada” e “gaiola voadeira”, “curió”, “curió maracajá” e “curió preto” e ainda, “criatório”, “criatório amador” e “criatório comercial”, dentre outros.

Krieger e Finatto (2004) fazem recomendações gerais sobre a DT, apontando que o conjunto gênero próximo + diferença específica não deve ser extensa demais nem conter informações desnecessárias, prezando-se pela objetividade e clareza, com o uso das informações essenciais. As DTs expressas no VEPRMB buscam seguir tais recomendações, e foram redigidas fazendo uso de um padrão sintático, que se realiza por meio de uma frase apenas, prezando-se pela concisão, brevidade e fluidez, filiando-se, desse modo, a Alves (1996).

b) **Definição por sinonímia (DS)**, usada para definir a unidade léxica por meio de sinônimo ou frase (paráfrase sinonímica) (DUBUC, 1999; PORTO DAPENA, 2002; DUBOIS e DUBOIS, 1971), tendo a finalidade de facilitar o entendimento do lema por parte do consultante. Nos verbetes da VEPRMB, cujo termo-entrada é um verbo no infinitivo⁵¹, ou adjetivo, o enunciado definitório sempre se iniciará com a mesma classe gramatical do lema,

⁵¹ Aplica-se a mesma grafia encontrada no contexto de uso.

adequando-se ao padrão tipológico da DS. Os termos “corruchiar”, “engolir nota” e “fibrado”, extraídos do *corpus*, foram elencados para exemplificar esse tipo de definição.

Quadro 12: Termos “corruchiar, engolir nota e fibrado”

corruchiar *v* emitir sons baixos e repetidos, típico de aves canoras.

engolir nota *stv* omitir uma nota musical.

fibrado *adj* animado, cheio de ardor e energia para o canto e acasalamento.

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se nos três exemplos citados, que a primeira lexia a começar o enunciado definicional, pertence à mesma classe gramatical, e na sequência, um conjunto de traços que dão mais informações sobre o termo, seguindo uma regra definitória para repertórios da língua geral ou de especialidade. A esse respeito, Murakawa (2012, 79, tradução nossa) certifica que

[...] definições sinonímicas são compostas de uma ou mais palavras, separadas por vírgulas e pertencentes à mesma classe gramatical que o lema. Embora este tipo de definição possa levar a mal-entendidos, devido à possível formação de um círculo vicioso, seu uso é recomendado, principalmente quando a palavra a ser definida for um **adjetivo ou um verbo**.⁵² (Grifo nosso).

Porto Dapena (2002, p. 285, tradução nossa) afirma que “[...] toda definição conceitual tem caráter sinonímico, pois em todo caso consiste sempre em uma equivalência semântica entre definiendum e definiens”.⁵³ Para esse autor seria mais apropriado falar em definições analíticas em vez de sinonímicas, pois o definiens é uma exata análise semântica, elaborada por meio de uma estrutura sintática bem particularizada. Mesmo que Porto Dapena reconheça inadequações nas definições por sinonímia, não faz proibições quanto ao seu uso, por essa razão, há alinhamento de opiniões entre ele e Murakawa. Casares (1992) é categórico ao dizer que essa técnica pode ocasionar problemas – os círculos viciosos, por exemplo, contudo, diz que em alguns casos ela é preferível às definições abstratas, ou seja, aquelas compostas de informações supérfluas, redundantes, inadequadas que não ajudam no entendimento do lema.

⁵² [...] *les définitions synonymiques sont composées d'un ou plusieurs mots, séparés par des virgules, et appartenant à la même classe grammaticale que le lemme. Bien que ce type de définition puisse prêter à des malentendus, en raison de la formation possible d'un cercle vicieux, son utilisation est conseillée, surtout quand le mot à définir est un adjectif ou un verbe* (MURAKAWA, 2012, 79).

⁵³ [...] *toda definición conceptual posee carácter sinonímico, puesto que en cualquier caso consiste siempre en una equivalencia semântica entre definiendum e definiens* (PORTO DAPENA, 2002, p. 285).

À vista disso, no Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém encontram-se empregados dois tipos de definições, *a hiperonímica e sinonímica*, que retratam, assinalam a diversidade linguística do português falado no Brasil, manifestada, também, por meio das unidades terminológicas de natureza sociocultural. Ressalta-se que a sistematização das definições do léxico temático não fere a diversidade, ao contrário, mostra justamente que as línguas de especialidades fazem parte da cultura de determinados grupos sociais e são frutos das relações interpessoais cotidianas. Nas terminologias dos passaricultores estão traduzidas, por meio das definições, os saberes, tradições, visões de mundo de um coletivo de indivíduos que compartilha ideias, fatos, técnicas, experiências etc.

3.4.3 Normalização terminológica

A finalidade da TGT “era, via normalização, alcançar a precisão e possibilitar a comunicação profissional sem ambiguidades” (LARA, 2004, p. 95). Assim, a homogeneidade do conhecimento científico e a possibilidade de reconstrução lógica da linguagem eram a crença da TGT, ou seja, considerava-se a possibilidade de uma linguagem universal. Embora a Linguística estivesse entre as disciplinas que constituem o campo da Terminologia, a visão de Wüster sobre a linguagem se restringia à função denominativa. Wüster não via na linguagem a função primordial de comunicação. Considerando que os trabalhos do terminólogo vienense estavam mais voltados à engenharia, compreendem-se melhor as balizas de sua aplicabilidade na exatidão da linguagem de especialidade.

No século XX, os estudos sobre os usos especializados das línguas tornaram-se mais importantes e necessários, principalmente em virtude do advento do comércio e da indústria. Nesse aspecto, a normalização⁵⁴ é muito importante para poder-se intercambiar produtos e participar de mercados internacionais competitivos, no qual a qualidade se converte em forte argumento de venda e, por meio dela, países industrializados criam um sistema adequado de protecionismos, conhecido como barreiras técnicas. Se não houver uma harmonização de normas e terminologias técnicas que possibilitem um rígido controle de qualidade entre os parceiros comerciais, dificilmente terá sucesso uma política de integração.

Sabe-se que há uma necessidade da indústria de otimizar a utilização dos fatores de produção, criar uma terminologia uniforme, gerar padrões, especificações e métodos de

⁵⁴ A Normalização, de acordo com a ABNT, é a aplicabilidade da normatização. A Normatização é o ato de criar normas.

ensaio adequados aos novos desafios tecnológicos e uniformizar a comercialização dos produtos, comparados ao inexpressivo esforço para a produção de normas em nossos países; até mesmo nossa participação inexpressiva nas entidades internacionais de normalização⁵⁵ (ISO/COPANT)⁵⁶, devem servir de alerta aos técnicos, empresários e governantes.

Conforme dito, os estudos terminológicos em seu início tinham a preocupação de normatizar os termos, na busca pela padronização dos termos para o “bom uso”. Novos estudos em Terminologia passaram a ter novos olhares a respeito da normatização dos termos, pois se “por um lado, reforçando a necessidade de padronização como sistema de comunicação internacional; mas, por outro lado, diversificando o esquema específico e controlado da padronização”⁵⁷ (CABRÉ, 1999, p.11, tradução nossa).

A ideia de uniformizar informações com vista à universalização em áreas profissionais e científicas era muito bem-vinda, mas com o decorrer do tempo observou-se que cada cultura tem suas peculiaridades, abrindo um leque de diversidades. Na contemporaneidade, os estudos terminológicos não desprezam a padronização dos termos, porém os valores sociais, culturais e tradicionais passaram a ser observados e reconhecidos com mais evidência nas investigações terminológicas, atendo-se às questões de natureza variacionista, comunicativas, cognitivas, culturais etc. inerentes às línguas.

É inegável a importância da definição na elaboração de obras de especialidade, assim como a normalização terminológica, uma vez que definição e normalização caminham juntas no fazer terminográfico. Desse modo, é oportuno destacar que na contemporaneidade, os estudos terminológicos não desfavorecem a padronização dos termos, porém os valores e as diferenças culturais nos países, regiões e comunidades de fala passaram a receber um tratamento linguístico mais refinado, por meio de uma investigação que valoriza a diversidade.

Não se pode esquecer, ainda, que a Socioterminologia vem empreendendo esforços para reorganizar a noção de normatização do termo⁵⁸. Os pesquisadores desta área, partindo do pressuposto das diferenças socioculturais, vislumbram a normatização na perspectiva da

⁵⁵ ISO/COPANT/IEF/ETC.

⁵⁶ ISO - “International Organization for Standardization”, que significa Organização Internacional de Normalização; COPANT - Comissão Pan-americana de Normas Técnicas.

⁵⁷ Texto original, Cabré (1999, p, 11): “*por un lado, reforzando la necesidad de la normalización como sistema de comunicación internacional; pero, por otro lado, diversificando el esquema específico y controlado de la normalización*”.

⁵⁸ A normalização tem pelo menos dois sentidos: o de **normalização técnica**, que é a normalização dos objetos industriais e a **normalização terminológica**, que se ocupa da descrição de regras de fabricação desses produtos, uma vez que, para ele, é necessário construir terminologias que designem exatamente os objetos em causa. (DEPECKER, 1995).

harmonização, prioritariamente, que segundo Depecker (1995), citado por Faulstich (2006, p. 2), “harmonizar quer dizer pôr em correspondência os termos uns com os outros no seio da mesma língua e entre línguas, gerenciando os usos”.

Fruto do trabalho de recentes pesquisas no âmbito terminológico, Pavel e Nolet (2002, p. 30-31) asseguram que a “harmonização terminológica combina o desejo de precisão conceitual e correção linguística, a adequação do termo à situação de comunicação e a eficácia da comunicação”. Para as autoras, o processo ocorre segundo as necessidades dos usuários, podendo ser pontual ou temático, “e é conduzido por um grupo de trabalho ou por um comitê de usuários, que pode contar ou não com a participação de especialistas da área temática em questão”. A decisão quanto à aplicação da harmonização pode ser consensual, recomendada ou obrigatória. O terminólogo, por exemplo:

[...] encarregado de harmonizar a terminologia utilizada em uma empresa, deverá realizar as tarefas de eliminar de seu arquivo as fichas duplicadas ou incorretas; confirmar o uso de novos termos e, se necessário, propor novos termos; desaconselhar os pseudo-sinônimos e as variantes que criam confusão, e fomentar o uso dos termos recomendados; solucionar os casos de usos contraditórios e difundir um fundo terminológico atual, completo e coerente. O terminólogo se ocupará também de fazer com que os membros de um comitê de harmonização reconhecido legitime a terminologia em questão, acrescentando marcas aos termos, quando for conveniente, para recomendar seu status oficial (PAVEL; NOLET, 2002, p. 30-31).

Com o intuito de oferecer análises teóricas e metodológicas aos pesquisadores da Terminologia e da Socioterminologia, Faulstich (2006) acede à ideia de Auger (1984) sobre a normatização da língua de especialidade. A normatização das terminologias designa e fixa as variedades do léxico especializado pelas vias da auto-regulação, o que contribui para se estabelecer preferências de uma determinada forma em relação à outra.

Faulstich (2006, p. 262) faz menção à planificação terminológica, que busca “levar em conta, entre outros aspectos, o respeito ao máximo às características sociolinguísticas do meio e deve procurar o consenso social, o mais amplo possível”. Dessa forma, a planificação conduz à normalização terminológica, compreendida em três aspectos:

- 1) **Normalização terminológica institucional** – é realizada por organizações oficiais, consonantes com leis linguísticas e considera a língua oficial. É o tipo “de normalização surge da mídia, do sistema jurídico, dos meios financeiros, dos meios educacionais etc”. (FAULSTICH, 2006, p. 262).
- 2) **Normalização terminológica internacional** – é feita por organizações internacionais e entidades representativas. Obedece ao consenso dos representantes dos Estados,

tendo a "missão principal de normalizar "coisas", como quantidades e medidas, tamanhos, objetos de laboratório etc”.

- 3) **Normalização terminológica do tipo processo linguístico de pesquisa** – nesse tipo de normatização um dado sistema terminológico se “auto-regula à medida que o meio visado está em fase de implantar e de difundir suas terminologias”. A harmonização linguística e terminológica é mais importante que normalização, “porque cabe aos pesquisadores encontrar a forma do termo, a morfossintaxe e definição adequadas às necessidades reais de implantação e de difusão”.

Fica validado que normalização/harmonização terminológica, visando à planificação dos termos está aberta a atender as necessidades sociais, culturais e linguísticas das terminologias já criadas para sua difusão em meio às diversidades das populações, sem a restrição prescritiva e unívoca postulada inicialmente pela TGT, que tratava a UT de maneira discriminatória, supervalorizando um termo em relação ao outro.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo é apresentado o percurso metodológico que possibilitou a realização desta pesquisa de doutoramento, visando à elaboração de um produto terminográfico, o protótipo do Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém (VEPRMB).

4.1 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada em cinco municípios pertencentes à Região Metropolitana de Belém (RMB), a saber: Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides⁵⁹, Santa e Izabel, onde se concentra maior número de criadores e criadouros/criatórios amadores e comerciais de aves passeriformes canoras, autorizados pelo IBAMA e controlados pelo Sistema de Cadastro de Criadores Amadoristas de Passeriformes (Sispass)⁶⁰, sistema informatizado do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), gerenciado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Sema).

A Região Metropolitana de Belém, conforme o IBGE (29 de junho de 2018) é composta por sete municípios em processo de conurbação, que formam uma extensão da capital paraense. Pertencem à RMB os municípios de Ananindeua, Belém, Benevides, Castanhal, Marituba, Santa Bárbara do Pará e Santa Izabel do Pará.

Quanto ao contingente população, a RMB apresenta a seguinte distribuição:

Tabela 2: População dos municípios da RMB em 2021

Municípios	População
Belém	1.506.420
Ananindeua	540.410
Castanhal	205.667
Marituba	135.812
Santa Izabel do Pará	72.856
Benevides	64.780
Santa Bárbara	21.811
Total	2.547.756

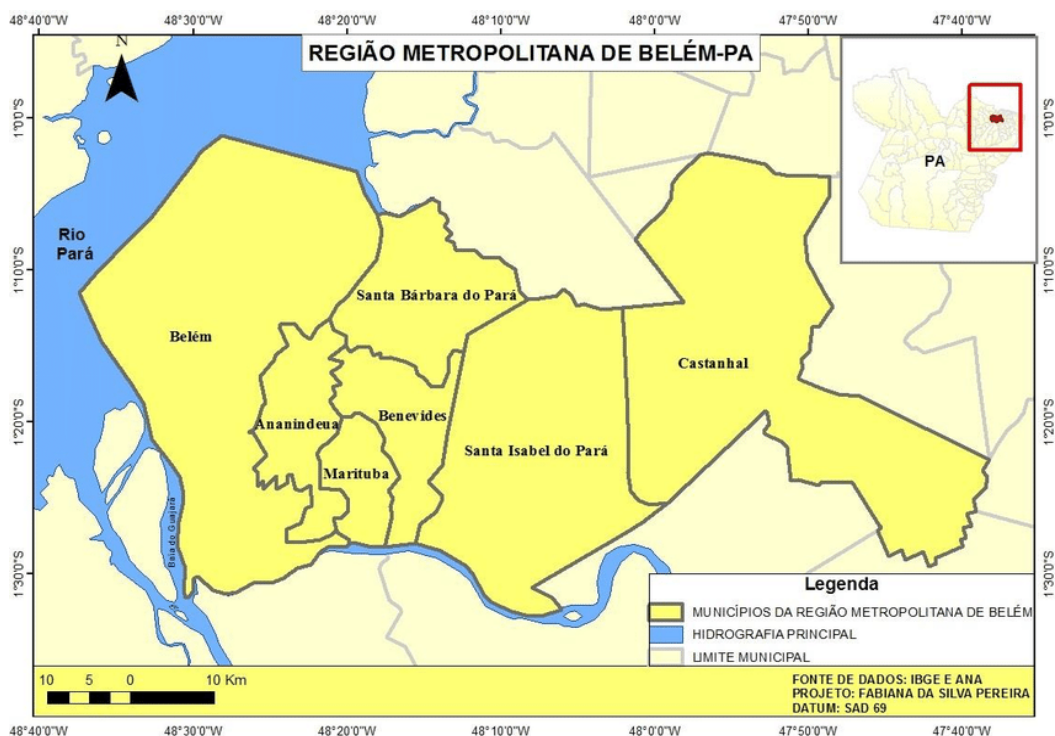
Fonte: IBGE (2021) – elaboração própria.

⁵⁹ Localiza-se o Criadouro Netuno – Centro de Treinamento, Canto e Fibra foi fundado em 2002. É o maior do Pará e um dos maiores do Brasil.

⁶⁰ A finalidade do Sispass é instruir os criadores amadoristas a criar pássaros dentro dos preceitos legais, em especial, da Instrução Normativa do Ibama n° 10, de 20 de setembro de 2011.

O município de Ananindeua é o segundo mais populoso da RMB e do estado do Pará. Localiza-se a 17 km da capital paraense, sendo o mais próximo geograficamente de Belém. A 68 km da capital do estado localiza-se Castanhal, o mais distante da capital do Pará em relação aos demais integrantes. Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Isabel do Pará ligam-se a Belém através da BR-316, o que facilita o fluxo de transportes e pessoas nessas cidades, fato que também contribuiu para a seleção dos participantes para esta pesquisa. A figura a seguir mostra a proximidade dos referidos centros urbanos.

Figura 6: Municípios integrantes da Região Metropolitana de Belém



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Municipios-integrantes-da-Regiao-Metropolitana-de-Belem_fig1_304456029

Quanto ao espaço geográfico da RMB, a capital paraense possui a mais elevada concentração populacional e de equipamentos urbanos diante do conjunto de municípios metropolitanos. Para Lima e Moysés (2009), Belém é a cidade que se destaca por apresentar maior implantação de serviços e de empregos, principalmente no setor terciário da economia. Algumas características geográficas da RMB merecem destaque:

Tabela 3: Características geográficas da RMB

Área	3 565,783 km ² – IBGE (29 de junho de 2018)
População	2 547 756 hab. <i>IBGE/2021</i>
Densidade	702,58 hab./km ²
IDH	0,748 (18 ^o) – alto <i>PNUD/2017</i>
PIB	R\$ ▲42 229 941 mil – <i>IBGE/2015</i>
PIB per capita	R\$ 17 577,96 <i>IBGE/2015</i>

Fonte: IBGE (2015; 2018; 2021); *PNUD (2017)*.

Com a aprovação da Lei Complementar Federal nº 20, de 1974 foram criadas as primeiras nove regiões metropolitanas no Brasil, dentre elas a RMB, que na época era composta pelos municípios de Belém e Ananindeua. Desde o momento de sua fundação a RMB enfrenta “desafios que historicamente têm marcado a questão metropolitana [...] o estabelecimento de critérios de delimitação desses espaços e a definição de mecanismos eficazes de planejamento, gestão e execução de ações comuns” (TOURINHO; PINHEIRO; BELLO, 2018, p.12).

A RBM diferencia-se de uma aglomeração urbana, principalmente, pela presença da metrópole, a cidade de Belém, que exerce a função de pólo de desenvolvimento com diversificação de atividades e presença de serviços especializados, permitindo-lhe alcançar uma extensa área de influência, e atrair para si um intenso fluxo de deslocamentos diários de pessoas dos outros municípios, inclusive dos que integram a própria RMB.

Em relação à economia, Ponte *et al.* (2020, p. 6) afirmam que a Região Metropolitana de Belém é fortemente caracterizada pelo setor de comércio e serviços, assim como, pelos empregos ligados à administração do poder público, panorama que se consolidou entre os anos de 2006 a 2016, em virtude “dos impactos do *boom* das *commodities* agrominerais no Estado e por políticas incluídas no rol do social-desenvolvimentismo dos Governos Lula e Dilma”.

Mesmo que a RMB careça de política, planejamento e gestão em todos os seus municípios, ainda assim apresenta variedade de serviços públicos prestados à população, talvez motivada pela grande concentração populacional, a maior do estado, a proximidade geográfica dos municípios que a compõe, critérios bem observados pelo pesquisador deste trabalho no momento de procurar por participantes, os passaricultores.

4.2 Técnica e instrumento de coleta de dados usados na pesquisa de campo

O planejamento e a efetivação da pesquisa de campo necessitam de técnicas e instrumentos de coleta de dados. Sabendo que as informações deveriam ser coletadas diretamente dos discursos orais dos sujeitos que praticam a passaricultura, decidiu-se usar dois gêneros textuais/discursivos: a entrevista semiestruturada e o questionário semiaberto. E para gravar tais entrevistas e fotografar alguns equipamentos usados pelos criadores de passeriformes foi usado equipamento tecnológico audiovisual, especificamente o *smartphone*.

Em relação à entrevista, Marconi e Lakatos (2003, p.197) afirmam que ela “[...] é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados”. Através de sua aplicação é possível averiguar fatos, motivações, sentimentos e conhecer saberes e experiências de pessoas sobre determinados temas e atividades. Para a execução de uma entrevista é primordial ter um esboço previamente organizado “[...] visto que, no momento em que ela está sendo realizada, as informações necessárias não deixem de ser colhidas” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 106).

Quanto ao tipo de entrevista semiestruturada, técnica utilizada para o levantamento do *corpus* desta pesquisa é importante destacar que ela se caracteriza por ser uma mescla das tipologias estruturadas e não estruturadas, definindo-se por possuir um roteiro pré-definido de perguntas, mas permite a inserção de novas indagações, caso o entrevistado demonstre satisfação e conhecimento em falar do assunto abordado e, ainda, o contexto situacional - espaço, tempo, disponibilidade etc. seja favorável (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Aliado à entrevista semiestruturada, usou-se como instrumento o questionário do tipo semiaberto ou semiestruturado, que consiste em um roteiro de perguntas com possibilidades para mudança, que podem ocorrer de acordo com o avanço da conversa/perguntas. Algumas vezes o entrevistador quer saber de informações mais objetivas, mas o entrevistado acrescenta comentários que permitem a inclusão de outras indagações interessantes à pesquisa, e isso deve ser aproveitado, contudo sem perder o foco da inquirição.

Logo, por serem flexíveis e ao mesmo tempo disciplinados, a entrevista semiestruturada e o questionário semiaberto mostraram-se satisfatórios para a coleta de dados da pesquisa de campo empreendida para fins deste estudo doutoral.

4.3 Os participantes da pesquisa

De um modo geral, pesquisas de campo de cunho quali-quantitativo exigem a realização de entrevistas e aplicação de questionários. E para que isso aconteça é necessário que o pesquisador busque por participantes para a coleta das informações que comporão o *corpus* de análise, tarefa árdua e por vezes demorada, pois os participantes devem atender aos critérios estabelecidos no âmbito do projeto de pesquisa. O levantamento dos termos usados pelos passaricultores da RMB não fugiu a essa regra, como especificado nos dois tópicos seguintes.

4.3.1 Critérios adotados para seleção dos participantes

É na RMB, mais especificamente nas sedes municipais que residem os participantes desta pesquisa. Doze criadores de passeriformes destas cidades da RMB aceitaram colaborar com o estudo, demonstrando satisfação em conversar com o pesquisador sobre a criação de pássaros. O contato inicial com os esses sujeitos ocorreu a partir de uma visita em cada uma das sedes municipais selecionadas, aproveitando-se da oportunidade para explicar os objetivos da pesquisa. Foi lido aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido emitido pelo Conselho de Ética da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara para a liberação da pesquisa de campo e entregue uma cópia desse documento a cada criador de passeriforme. Assumiu-se o compromisso, mediante a assinatura desse Termo em usar as informações coletadas para fins estritamente acadêmicos, e assim, em visitas agendadas foi feito o levantamento das informações para compor o *corpus* a ser analisado.

Ressalta-se que esse quantitativo de criadores de aves foi suficiente e representativo para obter os dados necessários à realização do estudo a cerca o vocabulário especializado dos criadores de passeriformes da RMB, uma vez que “um único informante por ponto da rede já traz, por si só, informação validada, pois, com esse dado se pode afirmar se, nesse ponto, existe tal ou qual realização ou se usa tal ou qual lexia para preencher esse ou aquele conceito” (CARDOSO, 2010, p. 92).

Cabe salientar que a seleção dos passaricultores seguiu três critérios bem estabelecidos e obrigatórios, tendo em vista a credibilidade da pesquisa:

- 1) Não ser menor de dezoito anos de idade;

- 2) Ser natural ou residir há pelos menos dois anos em uma das cidades onde foi realizado o levantamento de dados;
- 3) Participar da atividade de passaricultura há pelo menos dois anos.

A delimitação espacial da pesquisa foi necessária para demonstrar dados específicos da investigação, pois os termos usados pelos passaricultores da RMB podem diferir de outros lugares. Os critérios para a seleção de participantes é outro aspecto relevante nesta pesquisa para se garantir a representatividade da amostra terminológica.

4.3.2 Perfil dos participantes

Além dos critérios já mencionados que obrigatoriamente os participantes deveriam atender, registraram-se fatores referentes à idade, sexo, escolaridade e o tempo em que participa da passaricultura. A tabela a seguir apresenta o perfil dos profissionais, com nomes fictícios, que participaram desta pesquisa, recolhido a partir das entrevistas norteadas por um questionário semiestruturado.

Tabela 4: Perfil dos participantes

Participantes	Idade	Sexo	Escolaridade	Tempo de atividade	Endereço
Sr. Marius	36 anos	Masc.	Ens. Superior	10 anos	Belém
Sr. Dorney	57 anos	Masc.	Ens. Superior	± 20 anos	Belém
Sr. Russel	51 anos	Masc.	Ens. Superior	23 anos	Belém
Sr. Muñoz	31 anos	Masc.	Ens. Superior Incompleto	± 10 anos	Belém
Sr. Rohan	50 anos	Masc.	Ensino Fund. Completo	± 3 anos	Belém
Sr. Benson	40 anos	Masc.	Ens. Superior	7 anos	Ananindeua
Sr. Augustin	24 anos	Masc.	Ens. Superior Incompleto	± 3 anos	Ananindeua
Sr. Gardner	32 anos	Masc.	Ens. Superior	± 3 anos	Ananindeua
Sr. Olivier	64 anos	Masc.	Ens. Superior Incompleto	± 20 anos	Marituba
Sr. Lars	36 anos	Masc.	Ens. Superior	± 4 anos	Marituba
Sr. Gardner	63 anos	Masc.	Ens. Médio	± 40 anos	Santa Isabel do Pará
Sr. Franklin	69 anos	Masc.	Ens. Médio	± 21 anos	Benevides

Fonte: Elaboração própria.

Do total de participantes, cinco residem em Belém, três em Ananindeua, dois em Marituba, um em Benevides e um em Santa Isabel do Pará. Todos desenvolvem outra

atividade econômica além da criação e conservação de passeriformes. O senhor Sr. Franklin Criador já está aposentado, e, por isso, tem mais disponibilidade em se dedicar às aves. Ele é o único criador comercial que exerce essa atividade no Pará, seu criadouro, registrado na Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade, Semas-PA, com o nome de Criadouro Ômega, fica localizado na cidade de Benevides. Os criadouros comerciais são submetidos a leis mais rigorosas quanto ao espaço, documentação e saúde das aves, e por isso, passam por constantes fiscalizações e inspeções dos órgãos do poder público. Isso acontece, principalmente, em decorrência do número de aves reproduzidas nesses criatórios, e por serem espaços destinados à venda comercial legalizada dos passeriformes que ali foram criados, sendo necessária a emissão de nota fiscal de cada pássaro vendido. Todos os outros participantes são criadores amadores de pássaros da fauna silvestre nativa, que mantêm em ambiente doméstico, sem finalidade comercial, espécies da ordem passeriforme. De acordo com a Instrução Normativa IBAMA nº 10 de 2011, esses criadores podem fazer reprodução em cativeiro dessas espécies, com um número limitado, no máximo cem aves, podem também fazer doações para outros criadores amadores, contudo, jamais são severamente proibidos de praticar a atividade comercial dos passeriformes que reproduzem em seus criatórios.

4.4 Dados quantitativos do corpus

O *corpus* oral que integra o Vocabulário Especializado dos Passaricultores da RMB apresenta um total de 86.398 itens lexicais⁶¹, dos quais aproximadamente 260 são termos da atividade da passaricultura. O tempo total de duração das doze entrevistas foi de 14h7min18s, sendo em média 1h10min para cada informante.

4.5 Procedimentos da transcrição dos áudios

Depois de coletar as informações que compuseram o *corpus* de análise, voltou-se para a transcrição das entrevistas. E para isso, seguiram-se as orientações do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), com algumas adaptações, veja-se o quadro seguinte:

⁶¹ Esta quantificação foi feita com o auxílio do *AntConc*, por meio da ferramenta Word List.

Quadro 13: Normas de transcrição grafemática das entrevistas

Ocorrências	Sinais	Exemplificações
Indicação dos locutores	L1 L2	L1:
Entonação enfática	Maiúscula	eles quem um curió que chegue no mato e não QUEbre...
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::... ou mais : (pequeno) :: (médio) ::: (extenso)	éh::... mais apropriado...
Comentários descritivos do transcritor	((risos))	
Interrogação	?	no inverno ele tira e bota numa gaiola menor que é pra ele ir pro mato né?
Qualquer pausa (sintática ou não sintática)	...	as notas não são naturais dele... mas ele ... vai ter que aprender
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	aí nessa roda... vende () vence o passarinho que cantar mais por mais tempo.

Observações:

1. **Iniciais maiúsculas:** não se usam em início de períodos, turnos e frases;
2. **Fáticos:** *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?);
3. **Números:** por extenso;
4. **Ponto de exclamação:** não se usa o ponto de exclamação (frases exclamativas);
5. **Combinação de sinais:** podem-se combinar sinais;
6. **Sinais de pausa:** não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita. Eles estão representados pelas reticências;
7. **Regras ortográficas:** usam-se regras ortográficas do Português para grafar as palavras.

Fonte: NURC – adaptação própria.

4.6 Delimitação da pesquisa terminológica

Este tópico destina-se a delimitação da pesquisa terminológica, com ênfase para o público alvo, a tipologia da obra terminográfica, a fonte de coleta dos termos, pontuadas a seguir.

4.6.1 Público alvo

Desde o início da elaboração do projeto de pesquisa, o qual foi submetido à seleção do curso de doutorado em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista,

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, sempre se pensou no possível público que pudesse usufruir do produto terminográfico resultante dessa pesquisa. Além dos pesquisadores das Ciências do Léxico, sobretudo da Terminologia e Terminografia, que sempre buscam trabalhos na área para ampliar seus conhecimentos, nunca se perdeu de vista os criadores de aves, sejam os iniciantes ou mais experientes na criação e conservação de passeriformes. Para estes, o protótipo do vocabulário especializado pretende ser útil na medida em que busca dar visibilidade à atividade, ser um instrumento de consulta dos termos usados pelos passaricultores da RMB e incentivo a novos criadores devidamente regularizados pelos órgãos competentes para o exercício da passaricultura. Contudo a pesquisa está disponível a outras pessoas que queiram conhecer traços da cultura manifestada no léxico temático usado pelos passaricultores do espaço geográfico em que se coletaram as informações.

4.6.2 Tipo de obra

Protótipo de um vocabulário especializado, entendido como um repertório terminográfico de unidades lexicais especializadas de uma área do saber humano: a atividade sociocultural da passaricultura da RMB.

4.7 A elaboração da árvore de domínio

A elaboração da árvore de domínio é uma etapa imprescindível em projetos de cunho terminológico, uma vez que ela permite traçar a delimitação temática da pesquisa explorada. Krieger e Finatto (2004) descrevem que a árvore de domínio é um esquema, organizado de forma hierárquica, de um campo especializado do conhecimento, onde são dispostos os campos conceituais que compõem a atividade sociocultural, neste caso a passaricultura da RMB.

Na visão de Almeida (2006), a árvore de domínio é fundamental em uma pesquisa terminológica, pois contribui para:

- 1) possibilitar uma abordagem mais sistemática de um campo de especialidade;
- 2) circunscrever a pesquisa, já que todas as ramificações da área-objeto, com seus campos, foram previamente consideradas;
- 3) delimitar o conjunto terminológico;
- 4) determinar a pertinência dos termos, pois separando cada grupo de termos pertencente a um determinado campo, poder-se-á apontar quais termos são relevantes para o trabalho e quais não são;
- 5) prever os grupos de termos pertencentes ao domínio, como também

os que fazem parte de matérias conexas; 6) definir as unidades terminológicas de maneira sistemática e, finalmente; 7) controlar a rede de remissivas (ALMEIDA, 2006, p. 89).

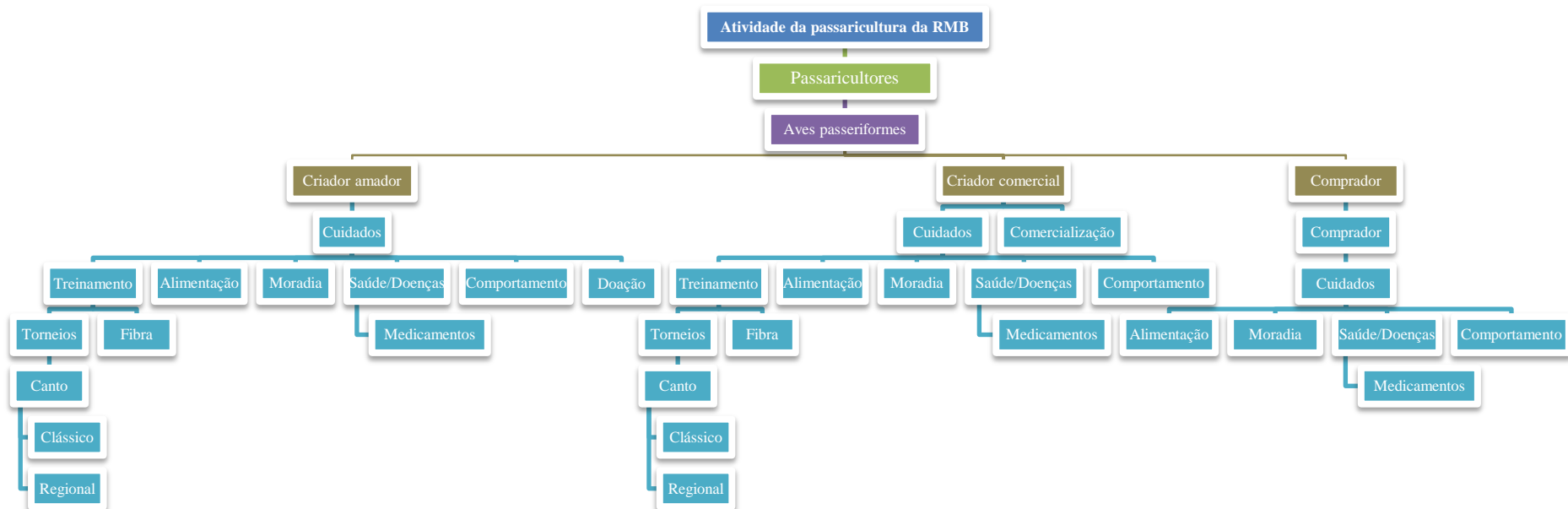
No caso particular da árvore de domínio da passaricultura, pode-se dizer que sua elaboração foi essencial para o trabalho terminográfico, ao favorecer ao pesquisador o conhecimento da área que descreveu, pois, para a realização do levantamento dos termos necessitou-se de maior aproximação e entendimento da dinâmica cotidiana da atividade passaricultora. Sem esse conhecimento inviabilizaria a descrição sistemática e a delimitação dos campos conceituais que compõem a árvore de domínio. Todos os termos que compõem a nomenclatura do vocabulário estão ligados aos campos semânticos, contribuindo para uma visualização mais ampla da hierarquização do conjunto terminológico.

Ter uma clara delimitação do *corpus* em campos conceituais é essencial para a descrição da terminologia, pois norteia o pesquisador a mensurar a área de domínio em macroárea, áreas intermediárias e subárea, uma vez que os termos estão organizados em esquemas de conceitos (FAULSTICH, 1995; BARROS, 2004).

Para fazer o levantamento dos termos e organizar a árvore de domínio foi necessário seguir um itinerário: realizar as entrevistas, transcrever manualmente o *corpus* oral e compilar os dados com auxílio de programas computacionais. Com as entrevistas, iniciou-se um processo de aproximação e familiaridade do pesquisador com a atividade dos passaricultores, sobretudo com a terminologia usada por esses agentes sociais, etapa também significativa para conhecer traços da cultura dos criadores de passeriformes. De posse do *corpus* constituído e devidamente compilado, procedeu-se à organização da árvore de domínio⁶², cujas categorias de base estão representadas a seguir:

⁶² A árvore de domínio foi elaborada com o auxílio de um especialista da área, formado em Medicina Veterinária e com mais de 10 anos de experiência com a criação de passeriformes. Esse profissional também realizou a validação dos termos que compõem o vocabulário especializado.

Figura 7: Árvore de domínio da atividade da passaricultura da RMB



Fonte: Elaboração própria.

A atividade da passaricultura de aves passeriformes desenvolvida na RMB está organizada em uma macroárea, três áreas intermediárias e subáreas. Essa organização dos campos conceituais corresponde a informações dispersas na IN Nº 10/2011, 20 de setembro de 2011, do IBAMA e no *corpus* coletado nas entrevistas.

O campo conceitual “**O universo da passaricultura da RMB**” encontra-se em uma hierarquia superior em relação às áreas intermediárias/mediana: “Criador Amador” e “Criador Comercial” e “Comprador de ave” e cada uma destas às suas subáreas/ramificações. Para fazer a conexão entre a macroárea e a mediana, colocou-se “Aves passeriformes”, explicitando que todos os passaricultores envolvidos na pesquisa criam aves, sejam eles criador amador, criador comercial e/ou comprador. E com o intento de oferecer esclarecimentos quanto a árvore de domínio, destacam-se a seguir às funções e objetivos atribuídos e praticados pelo:

- **Criador amador** – destacam-se as áreas intermediárias “Cuidados/prevenção”, “Treinamentos” e “Doação”. Quanto aos “Cuidados/prevenção”, o criador amador fica incumbido em zelar pelo comportamento (bravura e apatia), por aspectos relacionados à saúde/doença e moradia das aves. Ele tem a responsabilidade, caso queira, em fazer o treinamento por meio do uso de técnicas de “encarte” do canto dos pássaros para a participação em torneios de canto e fibra. Pelas orientações contidas na IN Nº 10/2011, do IBAMA, essa categoria de criadores não pode fazer vendas de aves, apenas doações para outros passaricultores da mesma categoria, sendo necessário o registro da doação/transferência no sistema de controle do IBAMA. Esse processo de venda facilita a localização do pássaro por órgãos competentes.

- **Criador comercial** – sublinham-se as áreas intermediárias “Cuidados/prevenção”, “Treinamentos” e “Comercialização”. O criador comercial cuida da saúde das aves do criatório, da moradia e do treinamento do canto dos pássaros. O foco dessa categoria de criação e comercialização/venda dos passeriformes, por isso, nem sempre os pássaros recebem um treinamento aperfeiçoado de canto, contudo, se o passeriforme emite notas do canto clássico, por exemplo, com clareza e desenvoltura, recebe um valor comercial bem significado em relação aos demais. O pássaro nascido em criadouro comercial pode ser vendido para qualquer cidadão brasileiro em conformidade com a Lei, e uma vez comercializado, fica sob os cuidados de seu mantenedor. No ato da venda, o então dono expede a nota fiscal da ave comercializada, com as informações do passeriforme, do seu antigo e novo responsável. Todo criadouro comercial tem um responsável técnico/especialista para cuidar da saúde das aves. Isso está registrado na legislação do IBAMA.

- **Comprador de ave/mantenedor** – a essa categoria incumbir-se-á o ofício dos cuidados/prevenção e moradia dos pássaros. Quando se adquire uma ave de um criatório comercial é importante saber dos cuidados relacionados à saúde e moradia do animal. As gaiolas que abrigam tais passeriformes devem seguir padrões estabelecidos pela legislação; os espaços/residências onde as aves residem precisam ser arejados; a saúde dos pássaros é o principal fator a ser observado pelo mantenedor. A busca por profissionais que cuidam da saúde das aves (veterinários e zootecnistas) ou até mesmo criadores com tempo de experiência na criação de aves devem ser imediatamente procurados quando surgirem os primeiros sinais de fragilização da saúde dos canoros.

Portanto, com a árvore de domínio construída foi possível situar todos os termos aos seus respectivos campos conceituais, o que contribui significativamente para a configuração da microestrutura dos verbetes, uma vez que um termo-entrada agrega uma composição de informações definidas pelo pesquisador/terminólogo, visando oferecer aos consulentes elementos linguísticos e culturais referentes à unidade terminológica elaborada.

4.8 Tratamento do *corpus* e seleção dos candidatos a termos

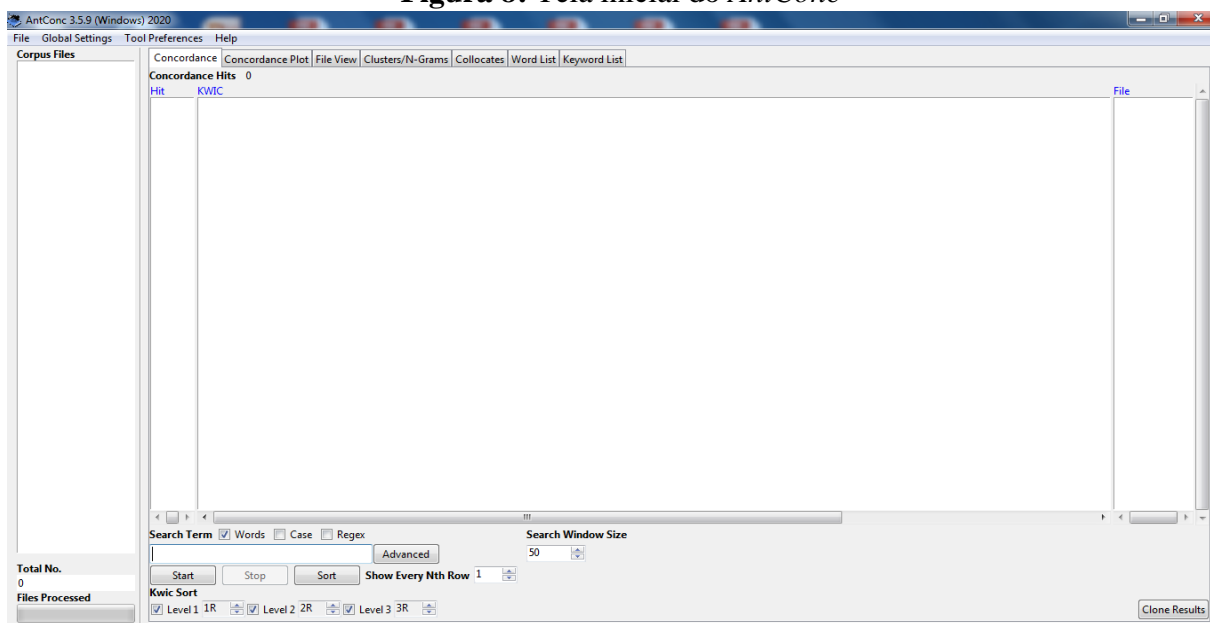
Utilizou-se para o tratamento do *corpus* e seleção dos candidatos a termos o programa *AntConc 3.4.4*⁶³, que é um *software* de uso livre desenvolvido pelo pesquisador Laurence Anthony, PhD em Linguística Aplicada pela Universidade de Birmingham, Inglaterra, e, atualmente, docente na *Faculty of Science and Engineering* da Universidade de Waseda, no Japão. O *AntConc* tem a vantagem de ser um arquivo bastante leve (apenas 4Mb) e dispensa a necessidade de instalação. É de fácil manuseio, mesmo para usuários que estejam começando seus estudos em Linguística de *Corpus*.

O *AntConc* é um programa escrito em *Perl 5.8*, utilizando o editor de texto *ActiveState Komodo* e funciona em qualquer ambiente *Windows*, bem como em *Macintosh OSX* e *Linux*. Esse software possibilita uma seleção semiautomática dos candidatos a termos que compõem o *corpus* inquirido. O *AntConc* possui 7 (sete) ferramentas com funções específicas: *Concordance*; *Concordance Plot*; *File View*; *Clusters*; *Collocates*; *Word List* e *Keyword List*. Dessas ferramentas, utilizaram-se apenas as abas *Word List*, *Concordance* e *Clusters*, pois suas funções foram consideradas suficientes para alcançar a finalidade da pesquisa: tratamento do *corpus* e seleção dos candidatos a termos pertencentes à atividade dos

⁶³ Disponível em <http://www.laurenceanthony.net/software.html>. Acesso em 18 de jun. de 2020.

passaricultores na RMB. A seguir, apresenta-se a figura 8, corresponde à tela inicial do programa *AntConc*.

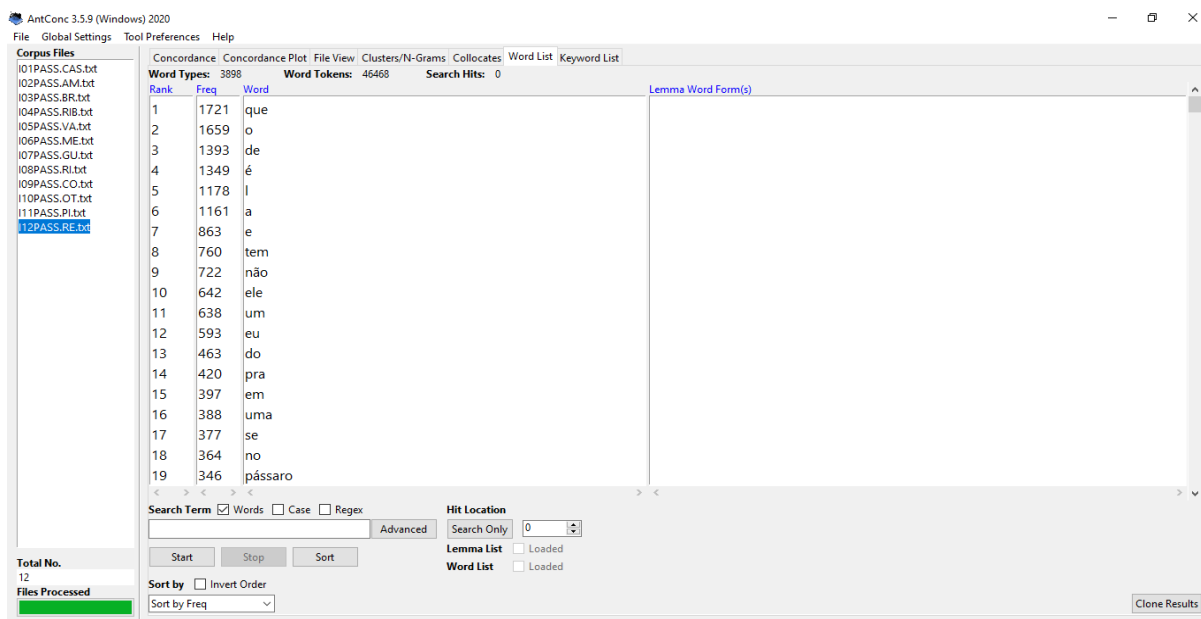
Figura 8: Tela inicial do *AntConc*



Fonte: Programa *AntConc* - Elaboração própria.

A ferramenta *Word List* fornece listas completas com todas as palavras presentes no *corpus*, a partir das quais o pesquisador realiza a análise. Entre as opções disponibilizadas pelo programa, pode-se, por exemplo, ver as palavras ordenadas com a frequência em que são empregadas no discurso ou alfabeticamente. Para vê-las listadas conforme a frequência de uso é necessário selecionar a opção *sort by freq*, assim, o programa fornece uma lista em que a palavra mais frequente no *corpus* aparece primeiro e a menos frequente aparece por último. A frequência de uso da palavra é apontada na coluna à esquerda através do *rank*. Na figura, a seguir, pode-se observar a ferramenta ativada.

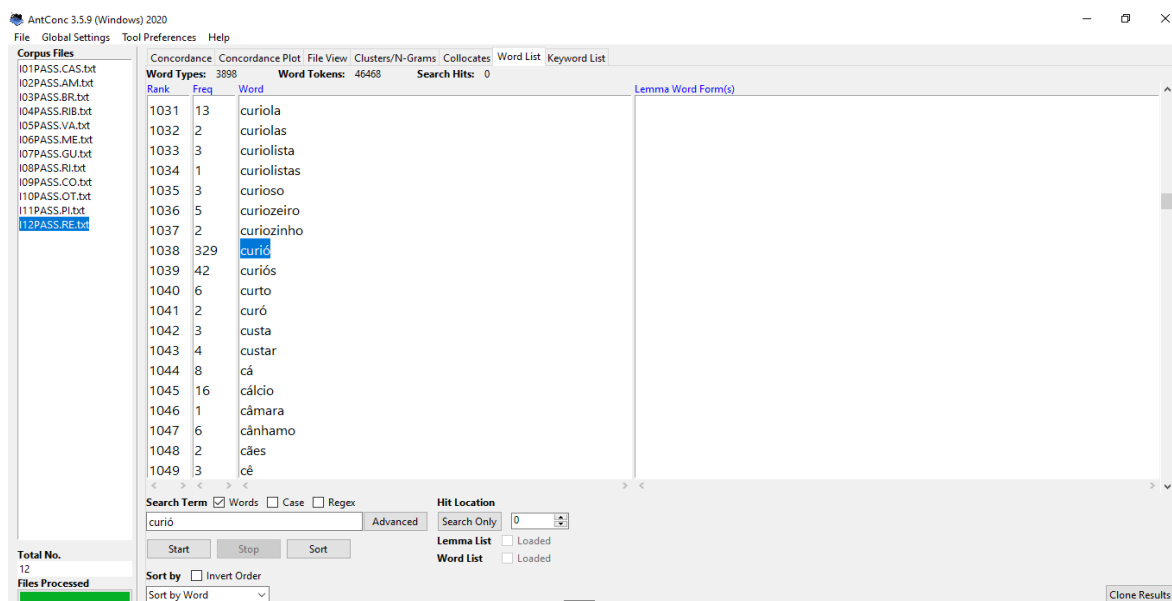
Figura 9: Janela *Word List* do *AntConc*



Fonte: Programa *AntConc* - Elaboração própria.

A seguir, na Figura 10, a tela do *AntConc* na janela da ferramenta *Word List* com a lista de palavras em ordem alfabética e na qual aparece, em destaque, o termo *Curió*, à esquerda, na coluna do meio, aparece a frequência do termo *Curió* e, mais à esquerda, a coluna Rank, que traz o ranking de cada palavra do texto pesquisado.

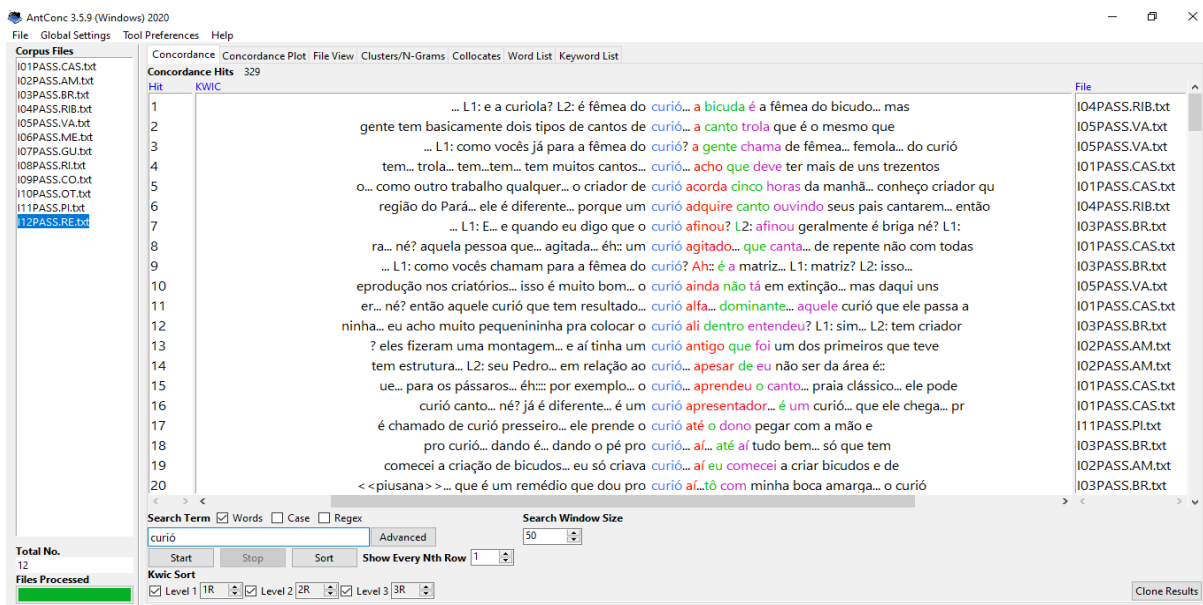
Figura 10 – Tela da ferramenta *Word List* em ordem alfabética com o termo *curió* em destaque



Fonte: Programa *AntConc* - Elaboração própria.

Com o cursor do *mouse*, clica-se na palavra que deseja pesquisar. A aba *Concordance* será aberta automaticamente. Ao clicar sobre cada palavra listada, podem-se observar todos os contextos em que foi utilizada, o que facilitou a análise e identificação dos candidatos a termos pertinentes ao domínio da atividade dos passaricultores da RMB, assegurando maior confiabilidade aos resultados. Verifica-se que o resultado é apresentado em três colunas. Na primeira, quantificam-se as ocorrências, na segunda, têm-se as linhas de concordância com destaque para as *palavras-chave* no contexto, e na terceira, a identificação do arquivo em que se encontra. A título de exemplo, buscaram-se no *corpus* quantas vezes os sujeitos da pesquisa usaram a unidade terminológica *Curió*, como mostra a Figura 11:

Figura 11: Ferramenta *Clusters / N-Grams*: O termo *curió* e lexias próximas

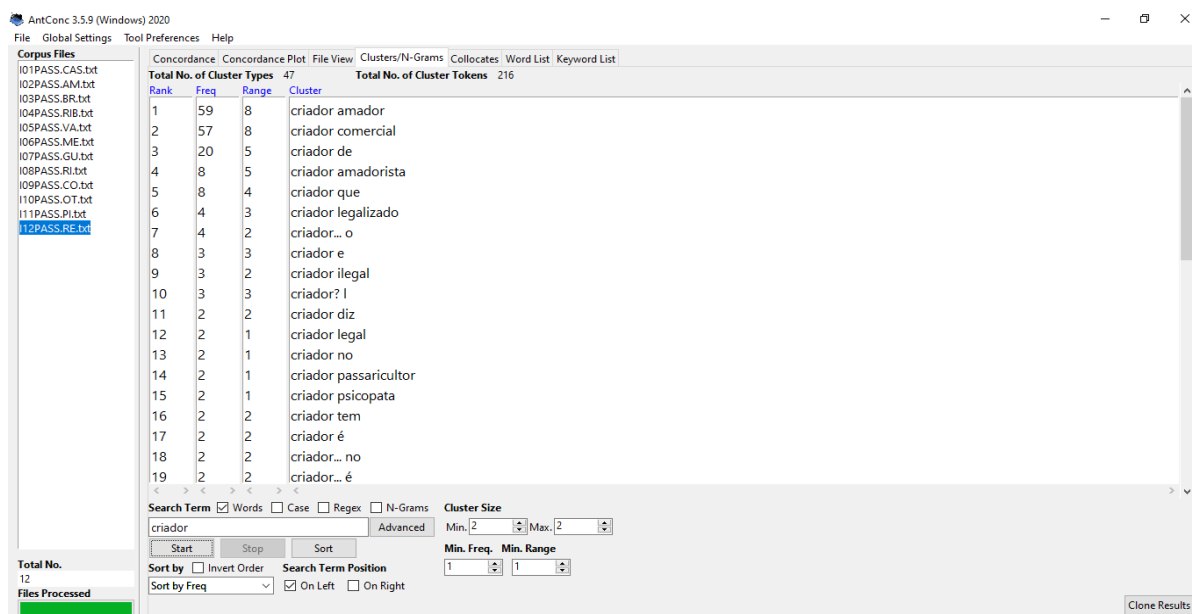


Fonte: Programa *AntConc* - Elaboração própria.

Com a ferramenta *Concordance* foi possível localizar nos doze textos que compõem o *corpus* deste trabalho, 329 ocorrências de <curió>, nos respectivos contextos, com a indicação do código de identificação do arquivo. A ampliação total do contexto e o acesso ao texto completo podem ser feitos clicando sobre a palavra-chave desejada ou acionando o recurso *File View*.

Na Figura 12, realizou-se uma busca por *criador*, utilizando a ferramenta *Clusters/N-Grams*, que gerou uma lista por ordem de frequência de 47 ocorrências, com a indicação das palavras mais próximas à direita.

Figura 12: Ferramenta *Clusters / N-Grams*: palavras à direita do termo *criador*



Fonte: Programa *AntConc* - Elaboração própria.

O termo *criador* não foi escolhido aleatoriamente, uma vez que o pesquisador fez a opção de mostrar uma unidade terminológica muito recorrente (47 ocorrências) no *corpus* constituído através das entrevistas. Assim, ficou evidente que o uso do programa computacional *AntConc* 3.4.4.w foi muito útil para auxiliar na seleção das unidades terminológicas, otimizando o tempo de manuseio de uma quantidade de lexias relativamente alta.

4.9 Organização do vocabulário especializado

Quanto à organização do repertório, as fichas terminológicas e os verbetes do VEPRMB foram elaborados, conforme a macroestrutura e a microestrutura previstas para a obra terminográfica. Para isso utilizou-se o programa *Lexique Pro*⁶⁴, que é indicado para se construir repertórios lexicais e terminográficos, por possibilitar a organização da macroestrutura e da microestrutura da obra e a criação de um banco de dados.

Salientam Krieger e Finatto (2004, p. 136), que a ficha terminológica (FT) é “um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo”. As autoras esclarecem, ainda, que na FT “deve constar informações como a fonte textual de coleta de um termo, informações sobre variantes denominativas, segmentos de textos onde ele ocorre, seus

⁶⁴ O programa pode ser baixado, gratuitamente, no endereço eletrônico: www.lexiquepro.com.br.

contextos de uso, sinônimos e construções recorrentes que venham a acompanhá-lo.” Contudo é necessário ressaltar que na natureza de cada área de especialidade há características próprias de uso do vocabulário, o que diferencia a configuração de uma FT para outra.

Após a elaboração da FT, procedeu-se ao carregamento desta no programa *Lexique Pro 3.6*, possibilitando gerar o verbete relativo ao termo a ser definido. Abaixo segue tabela de etiquetas e as respectivas informações que cada código representa na elaboração das fichas que irão gerar os verbetes deste vocabulário. As etiquetas funcionam como códigos, assim, para cada informação referente ao termo levantado utiliza-se uma, de modo que os componentes: **entrada**, **categoria gramatical**, **definição**, **variante**, **remissiva**, entre outros, têm etiquetas próprias. Para referenciar **contexto**, **campo semântico**, **nota** e **explicação da nota**, buscaram-se etiquetas funcionais, ou seja, que se permitam fazer formatações das informações a comporem o verbete.

Quadro 14: Etiquetas e Componentes usados no software *Lexique Pro*

ETIQUETA	COMPONENTE
\lx	Termo-entrada
\ps	Categoria grammatical
\den	Definição
\va	Variante
\cf	Remissiva
\xv	Contexto
\xes	Campo semântico
\ev	Nota
\een	Explicação da “nota”.

Fonte: Elaboração própria.

A partir da inserção das informações por meio do *menu* editar, do programa *Lexique Pro*, os verbetes serão estruturados automaticamente mediante a macroestrutura e a microestrutura. A macroestrutura é o conjunto de entradas organizadas no paradigma vertical da obra terminológica. Pontes (2009, p. 73) esclarece, ainda, que por macroestrutura entende-se “[...] o conjunto de entradas organizadas verticalmente no corpo do vocabulário ou nomenclatura”. As entradas ou lemas como são denominadas cada unidade terminológica constante na obra, foram organizadas em ordem alfabética automaticamente, com o auxílio do programa *Lexique Pro*. Essa disposição das entradas em ordem alfabética facilita a leitura do repertório terminográfico por parte do consulente. As entradas que compõem esse repertório obedeceram a alguns critérios considerados fundamentais pelo pesquisador/terminólogo, pois ajudam na tarefa de escolha dos termos que compõem o vocabulário especializado.

Esses critérios foram sugeridos por Barros (2004, p. 194-195) e Krieger e Finatto

(2004, p. 138-140), dos quais se destaca:

a) **Frequência de uso do termo** – é um critério quantitativo muito utilizado pelos pesquisadores para a delimitação da nomenclatura da obra terminográfica (BARROS, 2004). Esse critério complementou-se com outros parâmetros qualitativos de natureza semântica e grau de aceitabilidade dos termos pelos usuários da atividade sociocultural. Enfatiza-se que a lista de palavras gerada pelo *WordList*, no programa *AntConc*, auxiliou quanto à escolha do candidato a termo-entrada principal, por disponibilizar a frequência no *corpus* coletado.

b) **Pertinência temática** – diz respeito “a propriedade de um termo pertencer a uma terminologia *stricto sensu* pelo fato de veicular-se a um conceito que faz parte do campo cognitivo do domínio inventariado” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 138). Baseado no pensamento das autoras, a pertinência temática diz respeito aos traços que se relacionam semanticamente com o domínio, caracterizando sua especificidade. Nesse aspecto, o trabalho em parceria entre o terminólogo e o especialista de área atribui qualidade e credibilidade ao repertório, argumentam Krieger e Finatto (2004).

c) **Pertinência pragmática** – é “a realidade que permite que um termo ‘aparentemente alheio’ a uma certa subárea faça parte de uma terminologia *lato sensu*” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 139). Isso posto, se valida o acréscimo de uma unidade terminológica, associada, por exemplo, a outro domínio especializado, porém que adquiriu pertinência pragmática no âmbito do léxico temático compilado na pesquisa.

d) **Fiabilidade dos termos** – constitui um critério de natureza qualitativa que norteia a seleção dos termos a comporem a seleção das unidades terminológicas, cuja função primordial “Consiste na avaliação de um termo, cujo estatuto é determinado por critérios previamente estabelecidos e que se exprimem por uma escala de valores” (BARROS, 2004, p. 197). A fiabilidade dos termos demonstra o grau de aceitabilidade das UTs, bem como sua pertença ou não ao discurso especializado recolhido pelo terminólogo. Na atividade dos passaricultores da RMB, o grau de aceitação foi averiguado com o auxílio do especialista de área. O pesquisador/terminólogo encaminhou listas prévias de candidatos a termos com suas respectivas definições, que considerou pertencerem ao universo da passaricultura, baseado nos critérios citados anteriormente e aguardou a validação do técnico/especialista/passaricultor para, de fato, atribuir-lhes o *status* de termo da atividade cultural estudada. Vale frisar que nenhum candidato a termo foi descartado pelo especialista, apenas solicitado adequações na definição ou acréscimo de informações no componente nota, para facilitar a compreensão da unidade terminológica em seu contexto de uso.

Dessa forma, foram estabelecidos, a princípio os seguintes critérios para a organização da macroestrutura do VEPRMB:

- **a) ordenação das entradas;**
- **b) remissão (relações de homonímia e polissemia);**
- **c) entrada representada por variantes⁶⁵;**
- **d) hiperônimo e hipônimo⁶⁶.**

Quanto à microestrutura, segundo Pontes (2009, p. 95) “[...] consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenadas e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete”, aproveitaram-se os recursos disponíveis no *Lexique Pro*, fazendo as alterações de acordo com o projeto microestrutural do vocabulário especializado.

A organização da microestrutura dos verbetes que compõem vocabulário especializado segue esta constituição:

Entrada + categoria gramatical ± remissiva + definição + campo semântico ± variante + contexto + fonte do contexto ± nota

Adotando a ordem dos itens que compõem a **microestrutura**, será exposta a função de cada uma na apresentação das informações referentes à terminologia dos passaricultores.

A **entrada** é o próprio termo usado pelos passaricultores da RMB.

A **categoria gramatical** é a classe morfológica do termo em seu contexto de uso. Nesse vocabulário, a categoria gramatical se organiza e é representada pelas seguintes abreviaturas:

- *sm.* (substantivo masculino);
- *sf.* (substantivo feminino);
- *v.* (verbo);
- *adj.* (adjetivo);

⁶⁵ Todas as variantes terão entradas independentes, mas farão remissões à entrada-principal por meio da expressão “*Ver entrada principal*”. Denominamos de entrada-principal àquela em que traz a definição do termo e aponta para as variantes por meio da expressão “*variante*”.

⁶⁶ Hiperônimo é considerado o termo mais alto em uma hierarquia enquanto hipônimo é o termo de significado que se subordina ao mais geral. No vocabulário eletrônico usamos o hipônimo fazendo remissão ao hiperônimo por meio da abreviatura “*Ver*”.

Apresentam-se também os termos complexos como formas lexicalizadas, ora denominados de sintagmas terminológicos, expressos no VE pelas abreviações abaixo relacionadas com suas respectivas denominações:

- *stm.* (sintagma terminológico masculino);
- *stf.* (sintagma terminológico feminino).

O **gênero gramatical** de cada termo, também será apresentado pelas seguintes abreviaturas:

- *m.:* para os termos de gênero gramatical masculino;
- *f.:* para os termos de gênero gramatical feminino.

O **campo semântico** (representado pela lexia *Categoria*) indica o contexto em que o termo está inserido no campo da atividade dos passaricultores. A árvore de domínio é composta por uma macroárea, três áreas intermediárias e subáreas.

A **variante** é usada para indicar que uma denominação concorre com outra na nomeação de um dado termo. No *corpus* é encontrado dois tipos de variantes: a) variante lexical (curiolista x curiozeiro) e b) variante sintática (muda encruada x muda crônica / **SISPASS** x Sistema de Informatizado de Passeriformes).

A **definição terminológica** expressa o saber atribuído a um dado termo de uma área específica, no caso desse vocabulário, dos saberes dos passaricultores da RMB. A definição terminológica tem por função identificar e classificar o conceito dentro do sistema conceptual do qual faz parte. Ela traz predominantemente conhecimentos formais sobre “coisas” ou fenômenos (FINATTO, 1998, p. 2).

O **contexto** é o fragmento da transcrição em que o informante usa o termo.

A **fonte do contexto** é a identificação da fonte da pesquisa que forneceu as informações sobre o termo. A identificação será por meio de codificação e no verbete se localiza logo após o contexto de ocorrência. Assim, a codificação ficará organizada no seguinte formato: (Sr. Benson, 2020). A tabela abaixo explicita os detalhes dessa identificação.

Tabela 5: Codificação da fonte do contexto

Pronome de tratamento	Nome fictício do passaricultor	Ano da entrevista
Sr.	Benson	2020

Fonte: Elaboração própria.

A **nota** apresenta informações complementares (explicações e dados gerais), não inseridas na definição, que ajudarão no entendimento do termo, quando necessário. O item lexical “nota” está em negrito, seguida de dois pontos e fonte 12. Importa explicar que no *Lexique Pro* é necessário criar outra etiqueta para escrever a explicação referente à nota, quando se quer diferenciar fonte e tamanho da fonte, situação adotada na nomenclatura deste repertório terminográfico.

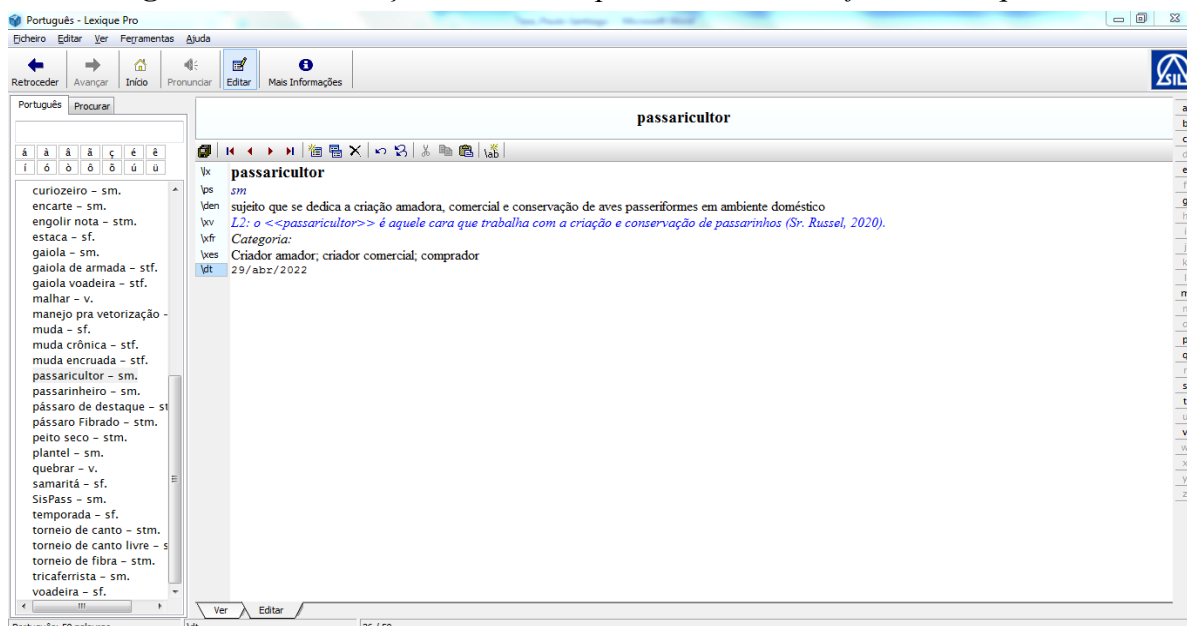
Na organização dos dados da microestrutura, o sinal diacrítico (+) indicará que o referente dado obrigatoriamente aparecerá no corpo do vocabulário, enquanto que, o sinal diacrítico (±) indica uma possibilidade de ocorrência, quer dizer, em algumas situações ocorrerá e em outras não.

A formatação das **etiquetas** obedece aos seguintes critérios estabelecidos pelo terminólogo.

Entrada – *categoria gramatical* – *variante* – definição – Remissiva – *Contexto de uso* – Campo semântico – **Nota** – Explicação da “nota”

A seguir, pode-se visualizar como o verbete é apresentado, após a sua edição, no vocabulário especializado eletrônico. Na aba *procurar*, é possível digitar a unidade terminológica a ser pesquisada, o que facilita o acesso rápido aos verbetes. Apenas o terminólogo tem acesso a este *layout*.

Figura 13: Visualização do verbete “passaricultor” no *software Lexique Pro*



Fonte: Programa *Lexique Pro* - elaboração própria.

Após o preenchimento das fichas terminológicas, o *Lexique Pro* possibilita ao terminólogo fazer a exportação de duas extensões do produto terminográfico, para serem disponibilizadas aos consulentes. A versão subsequente é uma amostra do formato Word para impressão.

Figura 14: Visualização de verbetes - versão para impressão

A - a

ana dias *sf* canto clássico ensinado aos curiós no início de seu aprendizado. *Ver: canto praia clássico. L2: imagina que você tem o Caetano Veloso como referencial... então a partir dali você vai buscar aquele timbre musical ... então nós temos o cd... com o canto ana dias ... o selo prata... selo ouro... tem vários cds aí você vai escolher qual cd você vai tocar pro seu pássaro aquele que te agrada mais (Sr. Marius, 2020) Categoria: Canto. Nota: Canto emitido por um curió chamado Ana Dias, daí a origem do nome. Primeiramente é preciso saber que Ana Dias é um distrito do município de Itariri no litoral sul de São Paulo. O nome do canto e também da ave curió Ana Dias faz referência a essa região.*

andamento de canto *stm* velocidade das notas musicais colocadas pelo pássaro. *L2: no meu caso que eu crio curió de canto... ele precisa ter uma voz boa... colocação de notas... <<andamento de canto>>... repetição... (Sr. Oliver, 2020). Categoria: Treinamento.*

anilha *sf* argola de metal colocado na perna dos pássaros ainda filhotes, nascidos em cativeiro, com seu número de identificação. *L2: a <<anilha>> é um anel... com a diferença é que em vez de ir no dedo... vai na perna do passarinho... ela tem um... uma bitola autorizada pelo IBAMA para cada tipo de pássaro (Sr. Flanklin, 2020). Categoria: Criador amador; criador comercial; comprador.*

aprontar *v* iniciar o período de acasalamento. *L2: a gente tem que ficar atento aos pássaros pra ver as atitudes deles... as vezes fico observando alguma fêmea do meu criatório e percebo que ... que ela está querendo <<aprontar>> (Sr. Elliott, 2020). Categoria: Comportamento.*

Fonte: Programa *Lexique Pro* - elaboração própria.

A versão digital pode ser instalada em equipamentos eletrônicos, a exemplo de notebooks, tablets e celulares e, ainda, ser hospedada em sites, o que facilita o acesso à obra terminográfica pelos os usuários.

Figura 15: Visualização de verbetes - versão digital

Português Home Léxico

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A - a

ana dias *sf* canto clássico ensinado aos curiós no início de seu aprendizado. *Ver: canto praia clássico. L2: imagina que você tem o Caetano Veloso como referencial... então a partir dali você vai buscar aquele timbre musical ... então nós temos o cd... com o canto ana dias ... o selo prata... selo ouro... tem vários cds aí você vai escolher qual cd você vai tocar pro seu pássaro aquele que te agrada mais (Sr. Marius, 2020) Categoria: Canto. Nota: Canto emitido por um curió chamado Ana Dias, daí a origem do nome. Primeiramente é preciso saber que Ana Dias é um distrito do município de Itariri no litoral sul de São Paulo. O nome do canto e também da ave curió Ana Dias faz referência a essa região.*

andamento de canto *stm* velocidade das notas musicais colocadas pelo pássaro. *L2: no meu caso que eu crio curió de canto... ele precisa ter uma voz boa... colocação de notas... <<andamento de canto>>... repetição... (Sr. Oliver, 2020). Categoria: Treinamento.*

anilha *sf* argola de metal colocado na perna dos pássaros ainda filhotes, nascidos em cativeiro, com seu número de identificação. *L2: a <<anilha>> é um anel... com a diferença é que em vez de ir no dedo... vai na perna do passarinho... ela tem um... uma bitola autorizada pelo IBAMA para cada tipo de pássaro (Sr. Flanklin, 2020). Categoria: Criador amador; criador comercial; comprador.*

aprontar *v* iniciar o período de acasalamento. *L2: a gente tem que ficar atento aos pássaros pra ver as atitudes deles... as vezes fico observando alguma fêmea do meu criatório e percebo que ... que ela está querendo <<aprontar>> (Sr. Elliott, 2020). Categoria: Comportamento.*

Fonte: Programa *Lexique Pro* - elaboração própria.

Em ambas as versões, os consulentes podem visualizar os termos em ordem alfabética, listados ao lado esquerdo da tela. Pode-se, ainda, realizar buscas por termos específicos digitando-os na aba *procurar*, o que facilita o acesso aos verbetes.

4.9.1 Como ler o vocabulário especializado

Na elaboração do vocabulário especializado considerou-se o uso efetivo dos termos no discurso oral, considerando as variantes. A linguagem discursiva compilada exigiu a busca de conhecimentos prévios e mais próximos da criação de passeriformes praticada pelos passaricultores da RMB, uma vez que o termo é descrito com as características linguísticas próprias do contexto, observando-se as variantes em uso.

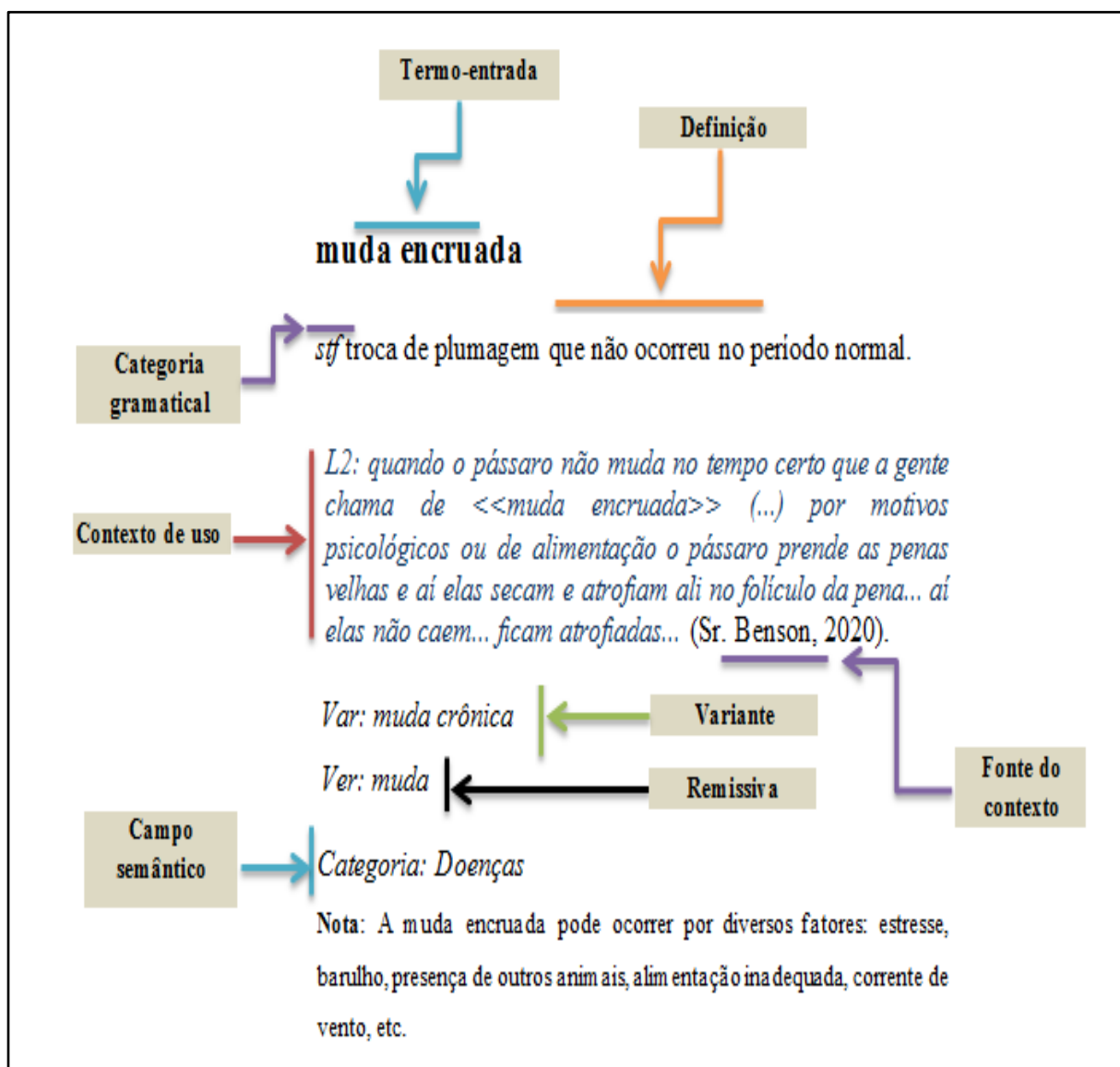
Antes de apresentar o vocabulário é relevante pontuar algumas informações relativas aos elementos constitutivos da obra terminográfica em questão, mesmo tendo sido mencionadas anteriormente. Para uma leitura satisfatória e entendimento do vocabulário, são especificados, a seguir, os elementos que constituem a estrutura dos verbetes. Também são apresentadas as diferenças principais entre termo-entrada principal e termo-entrada variante.

Os verbetes estão apresentados em ordem alfabética, obedecendo à seguinte estrutura: Entrada; Categoria Gramatical; Campo Semântico; Definição; Contexto; Variante; Remissiva; Nota (em casos em que se precisa de maiores esclarecimentos sobre o termo-entrada).

O termo-entrada variante não apresenta todos os campos presentes no termo-entrada principal, como por exemplo, a definição e a nota. Contém naquele, somente o campo semântico, a categoria gramatical, o contexto de ocorrência e, quando houver, variantes.

A figura 14, a seguir, representa o termo-entrada principal:

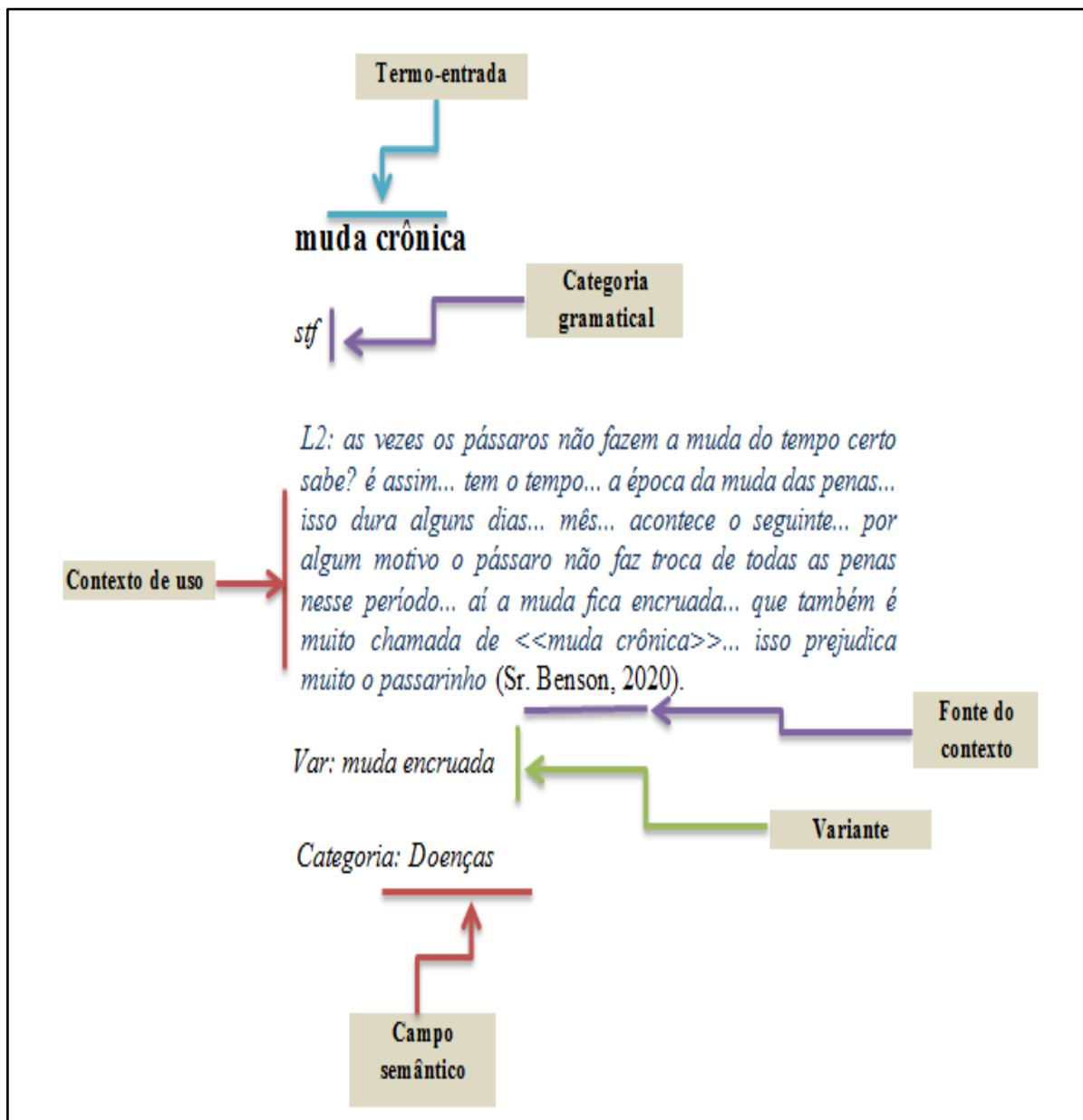
Figura 16: Termo-entrada principal



Fonte: Elaboração própria.

Já a figura 15 representa o termo-entrada variante:

Figura 17: Termo-entrada variante



Fonte: Elaboração própria.

Como resultado da pesquisa referente à terminologia da passicultura apresenta-se o protótipo do Vocabulário Especializado do Passaricultores da RMB. Por isso, fez-se essa apresentação do VEPRMB, almejando a clareza dos termos nesta obra terminográfica, para que a mesma se torne funcional e facilite a pesquisa do consulente.

A amostra constante deste protótipo compreende cinquenta verbetes, cuja seleção considerou os critérios da frequência (quantidade de vezes em que o termo é citado no *corpus*), as pertinências temática e pragmática e fiabilidade dos termos no *corpus*.

Lista dos termos que compõem o protótipo do vocabulário de especialidade:

ana dias	manejo para vetorização
andamento de canto	muda
anilha	muda crônica
aprontar	muda encruada
bicudeiro	passaricultor
bicudo	passarinheiro
canto lindo	pássaro de destaque
canto praia clássico	pássaro fibrado
canto praia liso	peito seco
canto regional	plantel
canto timbira virado	quebrar
canto trola	roda
corruchiar	samaritá
criador	SisPass
criador amador	temporada
criador comercial	torneio de canto
curió	torneio de canto livre
curió fogo crônico	torneio de fibra
curiolista	transferência de ave
curiozeiro	trincaferriista
curó preto	trinca ferro
encarte	voadeira
estaca	
fiscal de roda	
gaiola	
gaiola de armada	
gaiola voadeira	
malhar	

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Distribuição das categorias gramaticais no VEPRMB

Considerando o que foi escrito no capítulo anterior, o repertório terminológico é composto por 260 termos. O protótipo dispõe de 50 verbetes, incluindo termos simples e sintagmas terminológicos (STs). No que se refere à categoria gramatical, a terminologia descrita constitui-se dos seguintes elementos gramaticais: substantivos, sintagmas terminológicos masculinos e femininos, verbos, adjetivos, siglas e acrônimos, como dispostos na tabela a seguir:

Tabela 5: Distribuição da categoria gramatical no repertório terminográfico

Categoria Gramatical	Ocorrências de termos
Sintagma terminológico	161
Substantivo	75
Verbo	14
Adjetivo	3
Sigla	4
Acrônimo	3
Total	260

Fonte: Elaboração própria.

5.2 Sintagmas terminológicos

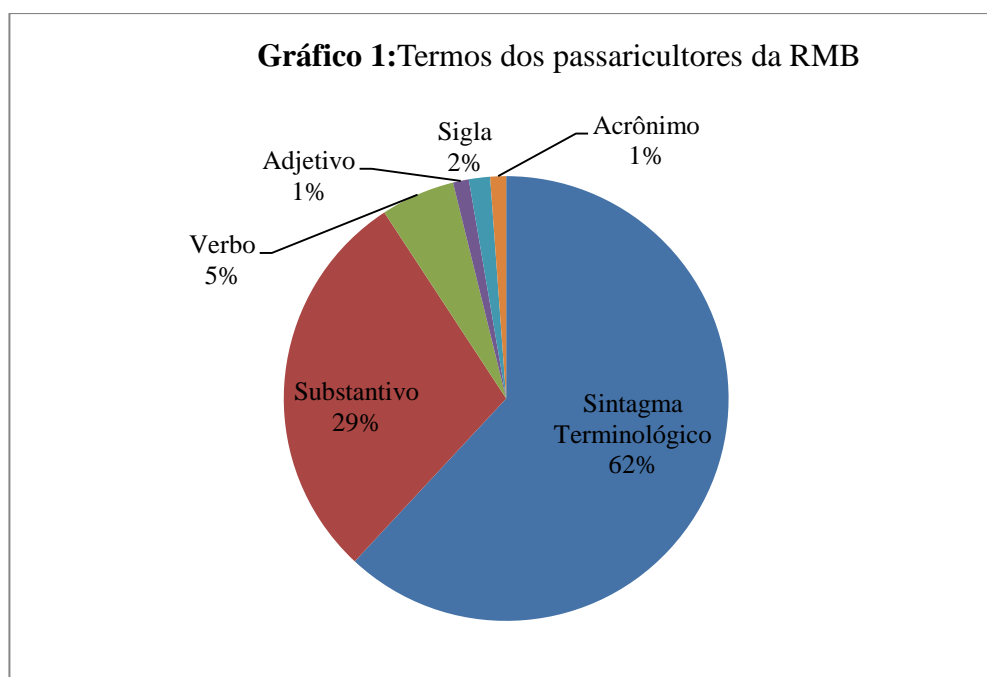
Os sintagmas são estruturados em torno de um verbo (sintagma verbal) ou de um nome (sintagma nominal), que poderão vir acompanhados de outras palavras com a finalidade de ampliar seus significados em combinações sintáticas e semânticas lógicas. Logo, “Em sentido amplo, todo sintagma é a construção que resulta da articulação de pelo menos duas unidades linguísticas, em qualquer nível de análise” (SAUTCHUCK, 2004, p. 38).

O núcleo é, principalmente, o que define o sintagma, uma vez que é o elemento necessário para a constituição de sua existência (PERINE, 1998; AZEREDO, 2000).

Com base na definição de sintagma expressa acima, considera-se o Sintagma Terminológico uma combinação sintática, que indica um sentido em sua totalidade, com

vistas a identificar um conceito particular em contextos de usos específicos, ou seja, no universo das línguas de especialidade.

Dito isso, passa-se a verificar o gráfico abaixo, que mostra a porcentagem de sintagmas terminológicos presentes no repertório (totalidade dos termos) atinente à atividade da passaricultura.



Fonte: Elaboração própria.

A tabela 5 e o gráfico 1 demonstram que a terminologia dos passaricultores integra uma quantidade significativa de sintagmas terminológicos. Do total de termos do vocabulário, 62% são STs, representando uma porcentagem significativa quando se observa a distribuição em categoria gramatical das unidades terminológicas (Tabela 5). De acordo com Barros (2004), geralmente, a classe dos substantivos é mais produtiva em um repertório terminográfico, contudo, do vocabulário especializado dos passaricultores, as combinações léxicas/sintagmas terminológicos estão em maior número.

Dentre as formações sintagmáticas registradas tem-se, por exemplo:

Quadro 15: Sintagmas terminológicos

Curió de fibra	substantivo + preposição + substantivo
Abrir fogo	verbo + substantivo
Secar a muda	verbo + artigo + substantivo

Pássaro travado	substantivo + adjetivo
Malha da gaiola	substantivo + preposição + substantivo
Torneio de canto livre	substantivo + preposição + substantivo + adjetivo
Roda de fibra de bicudo	substantivo + preposição + adjetivo + preposição + substantivo

Fonte: Elaboração própria.

A presença dos sintagmas terminológicos no vocabulário especializado dos passaricultores enfatiza que o léxico é o componente da língua mais “vulnerável a pressões em vários sentidos, internas e externas”, e, por isso mesmo, sofre maiores alterações (BORBA, 2003, p.21), por essa característica, ele possibilita vertentes diversas de pesquisa, dentre elas, temos a Fraseologia, nome utilizado “para designar tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos como a disciplina que os estuda” (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 21).

Pesquisas realizadas no Brasil têm empregado com mais frequência “fraseologismo e unidade fraseológica” para designar o objeto de estudo, já “Fraseologia” faz referência à disciplina científica.

Na visão de Ortiz Alvarez (2000, p. 73), a Fraseologia pode ser tanto de Língua Comum, quanto de Especialidade, efetivando-se por meio da “combinação de elementos linguísticos de uma dada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos”.

Para Bevilacqua (2004, 2005), as unidades fraseológicas de língua especializada são denominadas, mais frequentemente, de colocações e estão formadas, basicamente, por dois elementos, um dos quais é considerado como base e o outro, o colocado ou o elemento co-ocorrente.

O termo colocação foi empregado pela primeira vez em 1957 por J. R. Firth, e é frequente nos estudos de lexicologia de Halliday. Moutaqi (2010, p. 23) afirma que colocações são “combinações frequentes de unidades lexicais fixadas na norma ou uma combinação de palavras que se distingue pela sua alta utilização, como desejar ardentemente etc., o que faz com que este tipo de construção seja catalogado como sendo unidade semi-idiomática”.

Quanto às colocações de domínio especializado, Orenha (2004, 2009) denomina-as de combinações convencionais de uma área específica. Um domínio especializado, para Barbosa (1993), é um campo do conhecimento peculiar a determinadas pessoas que têm fluência no

uso de um vocabulário corrente na atividade que exercem no âmbito profissional ou sociocultural.

As colocações estão relacionadas aos fenômenos de restrição combinatória sintagmática em função do uso. Os falantes reconhecem-nas como familiar e as empregam como se versassem de um fragmento pré-produzido.

Adota-se, para esta pesquisa, a denominação fraseologismo para fazer referência ao fenômeno da linguagem que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes em determinados discursos (MEJRI, 1997). Para tanto, parte-se do princípio de que os fraseologismos são combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, utilizadas, convencionalmente, em contextos precisos, com objetivos específicos.

Buscam-se também em Gouadec (1994) orientações para o procedimento de investigação dos fraseologismos com os termos “curió, gaiola e canto”, pois aparecem com alta frequência no *corpus*. Nos estudos do pesquisador, aparece a indicação de duas categorias de Unidades Fraseológicas: sem pivô terminológico e com pivô terminológico. A análise dos referidos fraseologismos é realizada com base nas matrizes fraseológicas com pivô terminológico, que considera um núcleo fixo ou pivô, em torno do qual a unidade se constitui, admitindo variáveis a esse núcleo.

Reitera-se que a fraseologia especializada é, segundo Krieger (2004, p. 87), “uma combinação de elementos linguísticos próprios de um domínio de especialidade, dos quais um é termo núcleo, que estão ligados semanticamente e sintaticamente [...]”. Desse modo, o estudo da fraseologia especializada é necessário para compreendermos que a língua é heterogênea e se manifesta de diferentes formas e funções, a depender das necessidades comunicativas de cada grupo ou comunidade.

5.3 Fraseologismos com termo *curió*

Antes de apresentar os fraseologismos com o termo *curió*, é importante conhecer este passeriforme. Com nome científico *Oryzoborus angolensis*, com 12-13 cm, bico grosso, porte pequeno, preto e cúlmen reto, o curió macho é preto-azulado contrastando com o peito e barriga castanhos. A plumagem dos curiós difere nos estágios de vida; quando filhotes, as penas são da cor marrom. Com o passar do tempo e desenvolvimento da primeira muda, as penas dos machos passam a ser pretas, contendo uma pequena mancha branca localizada nas asas, e o peito na tonalidade vinho, razão de seu outro nome, avinhado. A fêmea possui as

partes superiores marrons e as inferiores mais claras nas asas. Ambos os sexos possuem a margem das asas branca (KOCK, 2013).

Na maioria das vezes, é encontrado na natureza aos pares ou sozinhos, em borda de matas e brejos em todas as regiões do Brasil (OLIVEIRA *et al.*, 2011). Oliveira e Pedroza (2020), em um estudo realizado no sudoeste da Amazônia brasileira sobre aves criadas em cativeiro, registraram que o curió foi o passarinho mais encontrado em ambientes domésticos.

Figura 18: Curió (*Oryzoborus angolensis*)



Fonte: <https://agro20.com.br/curios/>

A incidência de registros do curió em cativeiro não é aleatória. Ele possui diversos tipos de dialetos de canto que variam de acordo com a região e é uma das aves mais cobiçadas no Brasil. A espécie *Oryzoborus angolensis* é famosa por ter um canto que consiste em uma frase melodiosa e fluente, destacando-se pelo chamado “assobio” ou “canto corrido”, apresentado por uma série de assobios descendentes bem fortes compondo uma vocalização única entre os pássaros nacionais. Entre os criadores há denominações para aqueles que se dedicam exclusivamente à criação de curió, chamados de curiolistas ou curiozeiros.

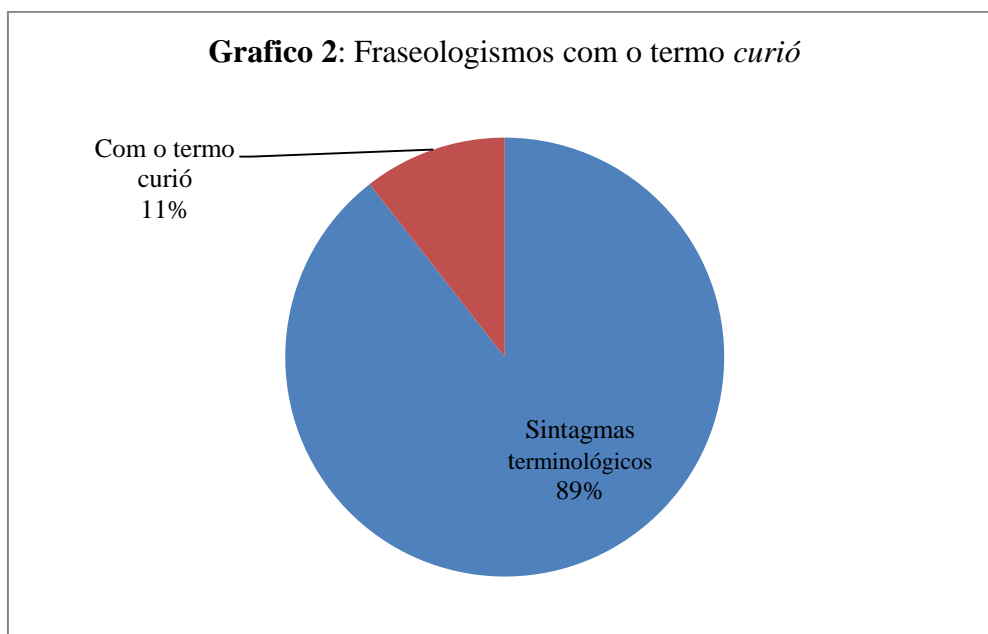
Estas informações são relevantes para esta pesquisa, por permitir reflexões acerca dos estudos terminológicos, entendendo que a variabilidade linguística está vinculada à prática da linguagem por pessoas de diferentes grupos, por exemplo, se o termo curió é usado com frequência entre os criadores de aves, há possibilidade de ele agregar combinações léxicas.

Quadro 16: Fraseologismos com termo *curió*

curió	cabeça dura
	cabeça mole
	cabeceira
	cantoria boa
	de canto
	de fibra
	de ponto
	de presa
	fogo crônico
	fogo firme
	frio
	maracajá
	mateiro
	pardo
	preseiro
	preto
	quente
	rabo duro
	repetidor

Fonte: Elaboração própria.

São 19 fraseologismos com o termo *curió* e este é um dado relevante para o vocabulário especializado dos passaricultores da RMB. A tabela 5 mostra um quantitativo de 161 sintagmas terminológicos, que correspondem a 89% dos termos do VE; 11% representam os fraseologismos com a unidade terminológica *curió*. O gráfico expõe um percentual de 11% do total dos fraseologismos catalogados, deixando este passeriforme com realce na fala dos criadores.



Fonte: Elaboração própria.

Dentre as aves criadas em ambiente doméstico, esta pesquisa registrou que o *curió* é a mais cobiçada, uma vez que os criadores investem tempo e dinheiro na criação do “amigo do homem”, pois sabem das possibilidades de terem sucesso com esta espécie. O manejo com a criação de *curiós* está cada vez mais especializado e passaricultores buscam aprimoramento nos cruzamentos genéticos para herdar filhotes de campeões de torneios de canto e fibra. Há, entre os criadores, o desejo por ter o melhor *curió*, aquele que canta e encanta.

L2: eu já criei vários pássaros... sabe? gosto de muitas espécies... mas o *curió* é o meu preferido... dedicado boa parte do meu tempo para... para cuidar dos meus *curiós*... posso dizer que sou um cara admirador do *curió*... sempre busco aprender mais sobre criação de *curió*... ter um *curió* campeão é uma alegria enorme... só sabe quem gosta mesmo... converso muito com os amigos criadores para trocar ideias... L1: sobre o quê? L2: sobre... éh:: as boas genéticas e as técnicas de encarte... me dedico ao encarte do canto praia clássico (Sr. Augustin).

A dedicação dos passaricultores à criação de *curió* faz dessa ave um referente com muitas adjetivações. O termo *curió*, analisado pelo viés da fraseologia especializada desempenha a função de pivô terminológico com variáveis acrescentadas ao seu lado direito. E com aumento no número de criadores no Brasil, a tendência é que se fale mais sobre *curió* e surjam novos fraseologismos, pois dar adjetivos ao pássaro é uma atividade linguística em constante crescimento, para fazer referência à coloração da plumagem, ao comportamento ou ao tipo de canto, aliás, o canto é outra unidade terminológica que constitui outros sintagmas.

5.4 Fraseologismos com termo *canto*

Tostes (1997) descreve que, no Brasil, são cultivados variados cantos de curió, com o auxílio de gravações específicas, o que desperta atração entre os criadores comerciais e amadores. O valor monetário de um curió campeão pode chegar a números altos em virtude de seu canto, o que dificulta uma pessoa de classe baixa adquirir uma ave da espécie dotada de qualidades canoras requeridas, como o canto praia clássico.

Quadro 17: Fraseologismos com termo *canto*

canto	artificial
	goiana
	pobre
	praia clássico
	praia clássico liso
	regional
	selvagem
	tibira virado
	trola

Fonte: Elaboração própria.

Ainda em relação ao canto praia clássico, o passaricultor Sr. Eliott faz um comentário que demonstra sua dedicação ao ensino deste dialeto, termo mais usado pelos criadores para se referir às variedades dos cantos dos curiós.

L2: a maioria dos criadores aqui da região... né? buscam ensinar o canto praia clássico aos curiós... eu mesmo só ensino esse canto aos filhotes do meu criatório L1: qual o motivo? L2: primeiro... eu acho o canto... o canto praia o mais melodioso... mais bonito... com notas bem definidas e éh:: o canto solicitado em quase todos os torneios de canto em todo Brasil... tem muitos outros cantos... mas o praia clássico é o mais valorizado... ao meu vê.

Por ser um canto inexistente na natureza, o *praia clássico* é considerado um dialeto artificial e é o que mais chama a atenção dos admiradores do curió, por isso, há um cuidado na vetorização (encarte) de algum tipo de cantoria. O criadouro Ômega, localizado em Benevides no Pará, tem se dedicado ao ensino do *canto goiana*, que é originário “duma cidade chamada Goiana do interior de Pernambuco... predomina no nordeste esse canto” (Sr. Franklin).

O poeta Manoel de Barros, com sua inspiração poética, faz uma interrogação sobre o canto dos pássaros: “No gorgeljo dos pássaros tem um perfume de sol?” Os passaricultores diriam que tem perfume de paz, harmonia, de tudo que remete à natureza e suas infinitas belezas: o sol, o ar, a água etc.

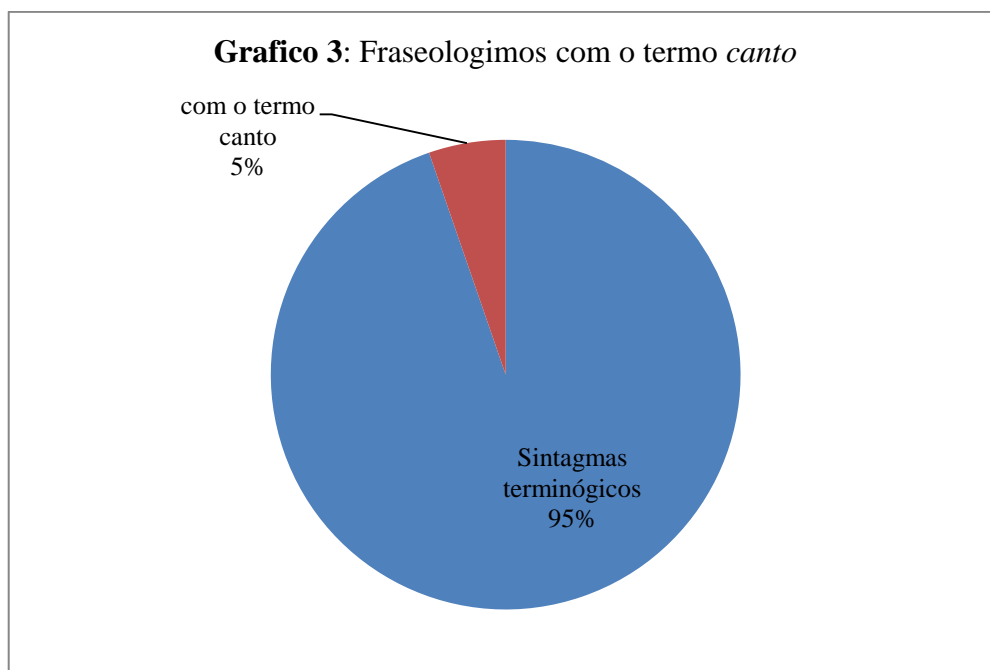
Por mais que haja preferência pelo canto praia clássico e outros cantos artificiais, os criadores de aves demonstram prazer em ouvir as melodias dos diferentes cantos: “eu sempre digo... o canto dos pássaros alegra o meu dia... ouvir um... um canto é uma terapia”, afirma o passaricultor Sr. Lars.

Figura 19: Notas do canto praia clássico

TI TUI	duas notas de entrada de canto
TÉ TÉ	duas notas de preparação ou ligação
QUIM QUIM TOI	duas notas de QUIM QUIM seguido da nota TOI
TÉ TÉ	duas notas de preparação ou ligação
TUÉ TUÉ	duas ou mais notas de batida de praia
QUIM QUIM	duas notas de QUIM QUIM
TÉ TÉ	duas notas de preparação ou ligação
UIL UIL	duas notas de SAMARITÁ
TÉ TÉ	duas notas de preparação ou ligação
QUIM QUIM TOI	duas notas de QUIM QUIM seguidas da nota TOI
TÉ TÉ	duas notas de preparação ou ligação
TUÉ TUÉ	duas ou mais notas de batida de praia

Fonte: Cintra (2018)

Os curiosos iniciam o aprendizado do canto *praia clássico* desde filhotes e, depois de encartarem as notas desse canto são levados aos torneios para participarem de disputas. O passarinho que emitir o conjunto de notas, atendendo aos critérios de sequência, ritmo, repetição, melodia e desenvoltura física, tem chances de sair campeão do torneio.



Fonte: Elaboração própria.

Outro termo que, segundo os estudos de Gouadec (1994), pode receber a denominação de matriz por se repetir inúmeras vezes, acompanhado de elementos que admitem variação é “gaiola”.

5.5 Fraseologismos com termo *gaiola*

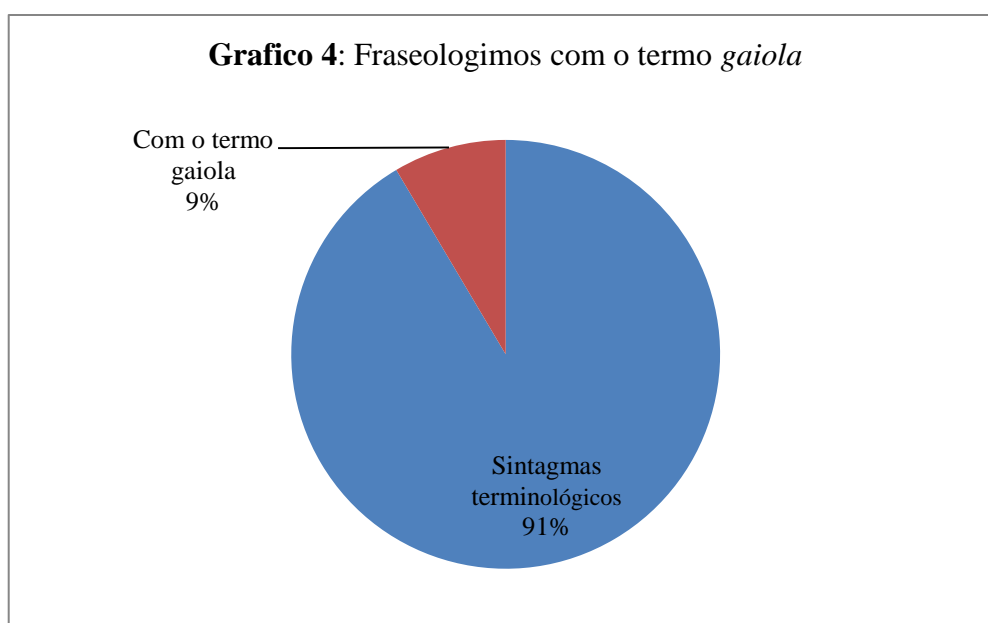
Quadro 18: Fraseologismos com termo *gaiola*

gaiola	chocadeira
	criadeira
	de armada
	de caçada
	de cruz
	de descanso
	de manutenção
	de passeio
	de torneio
	encapada
	galadeira
	padrão

	piracicabana
	preseira
	voadeira

Fonte: Elaboração própria.

Foi contabilizado quinze ocorrências no discurso dos passaricultores do termo “gaiola” com suas variações, o que correspondente a 9% dos 161 fraseologismos inventariados.



Fonte: Elaboração própria.

Na criação de passeriformes, gaiola é uma unidade terminológica que requer atenção. Ela é o local onde os pássaros moram e tem uma variedade de arquiteturas, usadas de acordo com as necessidades das aves e com os objetivos do passaricultor. Uma gaiola de passeio é diferente de uma gaiola criadeira. Aquela é usada quando os criadores levam o pássaro para passeios, que por uma questão de logística, não podem andar pelas ruas com uma gaiola muito grande ou mesmo viajar em um ônibus; esta fica dentro dos criadouros com a finalidade de colocar o passarinho, nos primeiros meses de vida, para aprender a voar e ser alimentados por sua mãe, denominada de mãe criadeira.

Os fraseologismos com os termos “curió, canto e gaiola” revelam que há uma inter-relação do léxico especializado com seu contexto de uso, que se materializam no falar cotidiano daqueles que participam da atividade cultural da passaricultura. Tais fraseologismos e os demais termos selecionados formam o conjunto terminológico especializado dos criadores de aves da RMB, contrariando a visão de que os termos são unidades típicas das

ciências clássicas, com alto nível de abstração, circulando nos “diferentes níveis de especialização” e descritas em “diferentes níveis de representação”, tornando-se a “terminologia da realidade” (CABRÉ, 1999, p. 126).

É oportuno ressaltar que o uso dos fraseologismos com os termos descritos anteriormente mostra que o léxico apreende uma realidade, que, segundo Lobo (1999, p. 77), mostra a face mais nítida do universo social, cultural e geográfico, porque o lugar a partir do qual falamos tem um papel fundamental na determinação daquilo que dizemos. Assim, pode-se dizer que grupos sociais desenvolvem processos de socialização igualmente diferentes, gerando, portanto, *habitus* cultural e linguístico próprio a cada grupo.

Retomando o que diz Orenha (2009) sobre colocações fraseológicas em língua de especialidade, estas colocações são combinações léxicas familiares aos falantes que as usam, pois fazem parte do seu vocabulário trivial. Tem-se nas colocações um elemento autônomo, a base e o outro, chamado de colocado. Desse modo, entende-se que “curió, canto e gaiola” são os elementos-base e os constituintes sintáticos à sua direita, o colocado. A estrutura morfossintática encontrada com mais constância nos fraseologismos é do tipo **substantivo + adjetivo** e **substantivo + preposição + adjetivo**, o que auxilia no reconhecimento da subcategoria colocação fraseológica especializada.

Outra característica fraseológica que merece destaque quando se analisa os supracitados fraseologismos é a previsibilidade sintagmática, típica das sequências cristalizadas ou semicristalizadas (MEJRI, 2012). Mesmo que os termos “curió, canto e gaiola”, agrupados às variáveis, não apresentem alto grau de fixidez, não se pode negar que haja um nível de previsão sintagmática na fala dos criadores de aves quando mencionam estas unidades léxicas, pois o complemento (adjetivo ou preposição + adjetivo) surge naturalmente para formar uma unidade fraseológica, o que assinala a existência da previsibilidade, propriedade inerente aos fraseologismos das línguas gerais, ou das línguas de especialidade.

O agrupamento do termo (matriz) a outras classes de palavras para formar a colocação fraseológica altera a semântica do pivô terminológico. A definição de “canto”, notas musicais emitidas pelo pássaro, é diferente da definição de “canto trola”, notas musicais oriundas do ambiente silvestre da região Norte do Brasil e cantadas pelos curiós de forma aleatória. Portanto, um termo simples tem significado singular, mas esse mesmo termo, de acordo com as necessidades de nomeação das práticas culturais da passaricultura, se junta a outros e origina uma nova estrutura sintática, cujo enunciado definitório é diverso.

A frequência que os fraseologismos com termos “curió, canto e gaiola” constam no *corpus* é outra propriedade fraseológica que serve de parâmetro para dizer que eles são

colocações fraseológicas, ou seja, são estruturas pré-fabricadas das quais os criadores de aves passeriformes se servem em suas produções linguísticas. O fraseologismo “canto praia clássico”, “curió preto” e “gaiola voadeira”, por exemplo, ocorrem nas falas dos passaricultores que concederam entrevistas cento e vinte vezes, noventa e seis vezes e oitenta e quatro vezes, respectivamente. Para Monteiro-Plantin (2017, p. 11), a frequência de uso de determinadas expressões idiomáticas, provérbios e colocações em um contexto de produção específico é um atributo a ser considerado no momento de fazer o mapeamento de fraseologismos, pois “podem ter se tornado convencionais por sua frequência, mas também podem ter sido frequentes por serem convencionais”.

“Curió, canto e gaiola” são unidades terminológicas recorrentes na atividade da criação de aves. E, quando se manifestam em associações sintagmáticas tornam-se mais especializadas. Quando se lê ou ouve fraseologismos do tipo “curió fogo crônico”, “canto timbira virado”, “gaiola de armada”, exige-se um nível de conhecimento mais técnico do falante quanto à compreensão dessas combinações léxicas por não serem tão usuais, já que o grau de pertinências temática e pragmática é específico à fala dos passaricultores da RMB.

Portanto, o vocabulário especializado dos passaricultores é composto por termos simples e sintagmas terminológicos (sem pivô terminológico e com pivô terminológico). Destacaram-se aqui os fraseologismos com pivô terminológico por terem sido observadas suas particularidades quanto à frequência e ao nível de especialização que eles apresentam, o que favorece especificidade linguística e sociocultural da terminologia dos criadores de aves passeriformes.

5.6 Protótipo do Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém

A - a

ana dias *stf* canto clássico ensinado aos curiós no início de seu aprendizado. *Ver : canto praia clássico. L2: imagina que você tem o Caetano Veloso como referencial... então a partir dali você vai buscar aquele timbre musical ... então nós temos o cd... com o canto ana dias ... o selo prata... selo ouro... tem vários cds aí você vai escolher qual cd você vai tocar pro seu pássaro aquele que te agrada mais*

(Sr. Marius, 2020) *Categoria:* Canto.

Nota: Canto emitido por um curió chamado Ana Dias, daí a origem do nome. Primeiramente é preciso saber que Ana Dias é um distrito do município de Itariri no litoral sul de São Paulo. O nome do canto e também da ave curió Ana Dias faz referência a essa região.

andamento de canto *stm* velocidade das notas musicais colocadas pelo pássaro. *L2: no meu caso que eu crio curió de canto... ele precisa ter uma voz boa... colocação de notas... <<andamento de canto>>... repetição... (Sr. Olivier, 2020) Categoria:* Treinamento.

anilha *sf* argola de metal colocado na perna dos pássaros ainda filhotes, nascidos em cativeiro, com seu número de identificação. *L2: a <<anilha>> é um anel... com a diferença é que em vez de ir no dedo... vai na perna do passarinho... ela tem um... uma bitola autorizada pelo IBAMA para cada tipo de pássaro (Sr. Franklin, 2020) Categoria:* Criador amador; criador comercial; comprador.

aprontar *v* iniciar o período de acasalamento. *L2: a gente tem que ficar atento aos pássaros pra ver as atitudes deles... as vezes fico observando alguma fêmea do meu criatório e percebo que ... que ela está querendo <<aprontar>> (Sr. Elliott, 2020) Categoria:* Comportamento.

B - b

bicudeiro *sm* criador de bicudo. *Ver: bicudo. L2: já tem também o <<bicudeiro>> que é o cara que se dedica// tem surgido tantos nomes L1: ((risos)) L2: na verdade ele gosta mais da criação de bicudo (Sr. Russel, 2020) Categoria:* Criador amador; criador comercial; comprador.

bicudo *sm* ave nativa do Brasil, Bolívia, Venezuela e Guiana Francesa, com tamanho entre 14,5 e 16,5 centímetros de comprimento e pesa aproximadamente 22g, os machos quando adultos apresentam coloração preta, com uma mancha branca na parte externa das asas (CAMPOS *et al.* 2017). *L1: diga o nome de alguns passeriformes requisitados pelos criadores de aves L2: os pássaros mais requisitados pelos criadores além do curió são o <<bicudo>> trica ferro e coleira (Sr. Franklin, 2020) Categoria:* Ave passeriforme. **Nota:** Para Aloísio Pacini Tostes “O passeriforme conhecido como Bicudo – *Sporophila maximiliani* é um bicho considerado nobre (...). Procria pouco na natureza e, mesmo para quem não entende de pássaros, desperta e chama a atenção pela sua elegância. Devido à apreciação de seu canto para torneios, é alvo de traficantes de animais, o que faz seu status de preservação ser CR (Crítico) de acordo com o IBAMA.

C - c

canto lindo *sf* suplemento vitamínico indicado para pássaros de gaiolas e pequenas aves domésticas na prevenção e tratamento das anemias. *L2: as minhas gaiolas são DifeRENTes da maioria dos criadores... as minhas gaiolas no mínimo... no mínimo têm sete comidas diferentes... L1: Hum... eh:: quais são elas? L2: arroz... alcon... <<canto lindo>> milho quebra::do... é::...grid... cânhamo... éh:: senha... perrila, alpiste... (Sr. Muñoz, 2020) Categoria: Medicamentos.*

canto praia clássico *stm* conjunto de notas musicais formada por uma sequência melódica de sons artificiais, que é ensinado aos curiós desde filhotes. *L2: o <<canto praia clássico>> é o canto que nós trabalhamos o filhote desde o nascimento dele né? através de mestre... pode ser um curió que também tenha o canto praia clássico... ou cd... ou dvd... ou cartão de memória ... ou pen drive... né? o canto praia clássico são notas que são exigidas por uma federação ou uma confederação ou clube que o pássaro tem que apresentar no dia do torneio né? em cima disso é julgado voz... andamento... melodia... e colocação de notas... é em cima desse trabalho que o criador... competidor do praia faz éh:: um trabalho em cima do seu passarinho no caso o curió... (Sr. Marius, 2020) Categoria: Canto. Nota: O canto praia clássico, também chamado de canto praia grande clássico, como o nome já diz, apareceu no litoral sul paulista na cidade de praia grande.*

canto praia liso *stm* conjunto de notas musicais que possui semelhanças ao canto praia clássico. *Ver: Canto praia clássico. L2: éh:: o <<canto praia liso>> é uma cantoria tipo misturada... um pouco diferente do praia clássico devido a sequência e a quantidade de notas... (Sr. Gardner, 2020) Categoria: Canto. Nota: Os criadores costumam dizer que o curió que não aprende todas as notas musicais do canto praia clássico, acaba aprendendo, por vezes, o praia liso, pois em algumas momentos do canto praia liso há a emissão de notas clássicas.*

canto regional *stm* conjunto de notas musicais típicas de um espaço geográfico, especialmente as que são cantadas pelos curiós. *L2: tem gente aqui que gosta mais da cantoria éh:: do <<canto regional>> que a daqui se chama canto icoraci... que é a cantoria aqui do Pará (Sr. Gardner, 2020) Categoria: Canto.*

canto selvagem *sm Variante: canto trola. L1: e como o senhor chama o canto daqueles pássaros da natureza? L2: ah:: <<canto selvagem>> que eu te falei agora... é o mesmo canto trola (Sr. Gardner, 2020) Categoria: Canto.*

canto timbira virado *stm* conjunto de notas musicais emitidas pelos curiós, originárias do estado do Maranhão. *L2: éh:: o canto timbira virado que é do Maranhão... o <<canto timbira virado>> é bonito demais de se escutar e tem que ser preservado... (Sr. Franklin, 2020) Categoria: Canto.*

canto trola *stm* notas musicais oriundas do ambiente silvestre da região norte do Brasil e cantadas pelos curios de forma aleatória. *Variante: canto selvagem. L2: <<canto trola>> é uma cantoria toda enrolada...não tem sequência de notas como o praia clássico (Sr. Gardner, 2020) Categoria: Canto.*

corruchiar *v* emitir sons baixos e repetidos, típico de aves canoras. *L2: o pássaro fica tchem... tchem... tchem... repetindo, repetindo sabe? um canto, assim ... chiado baixo... é isso que é <<corruchiar>>... corruchiando (Sr. Gardner, 2020) Categoria: Comportamento.*

criador amador *stm* pessoa física autorizada por órgãos competentes a criar aves da fauna silvestre em ambiente doméstico sem fins lucrativos. *Ver: passaricultor. L1: você falou de criador amador... você pode me explicar o que seria o criador amador? L2: o <<criador amador>> que somos nós... ele tem a permissão para criar... porém ele não tem a permissão para vender... tem um número limitado de aves para criar... cem aves entendeu? (Sr. Lars, 2020) Categoria: Passaricultor.*

criador comercial *stm* pessoa jurídica autorizada pelo IBAMA para criar e vender aves silvestres reproduzidas em ambiente doméstico *Ver: Passaricultor. L2: o criador comercial ele tem autorização pra criar como forma comercial é:: ou seja pra vender os produtos que ele cria, então ele tem autorização, diferente do criador amador... ele é uma empresa... ele tem que montar uma empresa... tem que ter um responsável técnico que é um médico veterinário ou um zootecnista ou um biólogo tá? que responde pela parte técnica e ele faz isso comercial... ele pode expor e pode vender esses produtos tá? (Sr. Russel, 2020) Categoria: passaricultor.*

criatório *sm* espaço destinado à criação de aves silvestres em ambiente doméstico com a devida autorização do IBAMA. *L2: eu comecei a pesquisar que os criadores que tinham mais sucesso com reprodução com qualidade de canto eles tinham aves oriundas de <<criatórios>>... nenhum tinha ave adquirida da natureza ou por terceira sem legalização (Sr. Lars, 2020) Categoria: Moradia.*

criatório amador *stm* ambiente destinado à criação de aves silvestres da ordem passeriformes, sem finalidade comercial. *Ver: criatório. L2: faz um pouco mais de dois anos que nós temos um <<criatório amador>> a gente tem um limite de aves no plantel (Sr. Lars, 2020) Categoria: Moradia.*

criatório comercial *stm* estabelecimento autorizado pelo IBAMA para comercializar aves silvestres criadas em cativeiro. *Variante: criatório. L1: qualquer pessoa que tenha documentos pessoais... é:: identidade ... CPF e comprovante de residência podem comprar uma ave de um <<criatório comercial>> (Sr. Lars, 2020) Categoria: Moradia. Nota: Esses estabelecimentos vendem aves registradas e emitem nota fiscal de seus animais.*

curió *sm* ave de pequeno porte nativa do Brasil, que mede cerca de 14,5 cm, sendo que o macho na fase adulta é preto na parte superior do corpo e castanho-avermelhado na parte inferior, a parte interna das asas é de cor branca. *L2: decidi que eu ia criar uma única espécie de ave silvestre e optei pelo <<curió>> por vários fatores ... possibilidade de você participar de torneios né? de canto ... é um pássaro com maNEJO um pouco melhor em relação a outros e um pássaro muito bonito (Sr. Lars, 2020) Categoria: Ave passeriforme.*

curió fogo crônico *stm* pássaro com disposição constante para o canto. *Ver: curió. L2: já a muda encruada é quando o curió demora muito pra mudar... joga uma pena hoje... aí joga uma pena amanhã... a maioria dos curiós que faz isso é <<curió fogo crônico>>... ou melhor pássaro fogo crônico... L1: pássaro fogo crônico? L2: isso... é aquele pássaro que está fogueado... que todo tempo tá fogo... canta muito... é agitado... valente... (Sr. Muñoz, 2020) Categoria: Ave passeriforme; comportamento.*

curió preto *sm* pássaro cuja plumagem superior do seu corpo é preta, a parte inferior é castanho-avermelhado e a parte interna das asas é branca. *Ver: curió. L1: em relação a plumagem do curió éh:: tem fases da plumagem não é? quais são elas? L2: ah... tá... o curió nasce né? faz a primeira muda de ninho... faz uma muda de ninho... ni-nho... joga todas penas que ele nasceu né? aí nasce... nasce as penas novas... as penas pardas né? curió todo pardo... marrom... aí tem muito curió que fica logo preto né? preto com peito marrom... aí as vezes acontece de aparecer umas pintas brancas... mas o normal é isso... <<curió preto>> com peito marrom... já está adulto (Sr. Muñoz, 2020) Categoria: Ave passeriforme.*

curiolista *sm* sujeito que se dedica a criação de curió. *Variante: curiozeiro. L1: como vocês costumam chamar é:: a pessoa que... só gosta de criar curió? L2: a gente chama de <<curiolista>> é:: mais apropriado... tem gente que chama de curiozeiro também... né? (Sr. Muñoz, 2020) Categoria: Criador amador; criador comercial; comprador.*

curiozeiro *sm* *Variante: curiolista. L2: <<curiozeiro>> é um criador de curió... o cara que se dedica só a criação de curió... (Sr. Russel, 2020) Categoria: Criador amador; criador comercial; comprador.*

E - e

encarte *sm* técnica em que se ensina um canto artificial ao pássaro. *L2: o <<encarte>> é justamente o aprendizado de um canto artificial... o canto que o passarinho vai aprender que não é dele... as notas não são naturais dele... mas ele vai ter que aprender... vai ter que encartar aquelas notas. (Sr. Russel, 2020) Categoria: Treinamento.*

engolir nota *stm* omitir uma nota musical. *L2: eh:: como é que ele é avaliado? ele é avaliado por tempo... é dado o tempo de cinco minutos... mas quem é que vai ganhar? é por pontuação... as vezes ele engole nota... que é quando ele esquece uma nota... (Sr. Benson, 2020) Categoria: Comportamento.*

estaca *sf* peça de metal onde se colocam as gaiolas no momento dos torneios. *L2: os pássaros são treinados para os torneios ... nesse exato momento meu curió está ali na <<estaca>> que o momento em que ele*

tem que se adaptar com aquela parte ali ... com aquele material de ferro ... (Sr. Marius, 2020) Categoria: Treinamento

G - g

gaiola *sm* objeto em forma de pequena casa de metal ou de madeira destinado à moradia das aves. *L1: como foi que você se tornou um:: passarinho? conta um pouquinho aí pra mim... L2: foi por causa do meu avô... L1: através do teu avô? L2: sim... foi através do meu avô... L1: no caso você viu ele criando pássaros... e::? L2: meu avô tinha pássaro em <<gaiola>>... na verdade foi através do meu avô e dum colega na escola... (Sr. Muñoz, 2020) Categoria: Moradia.*

gaiola de armada *stf* armação em forma de pequena casa de metal, de madeira usada para treinar passeriformes. *Ver : Gaiola. L2: temos a <<gaiola de armada>> ela não pode ser gaiola grande... tem que ser gaiola pequena... porque gaiola grande é difícil de andar no meio do mato (Sr. Augustin, 2020) Categoria: Moradia; treinamento.*

gaiola voadeira *stf* armação em forma casa de metal, de madeira usada para o pássaro exercitar pequenos voos após sua muda de penas. *Ver: Gaiola. L2: tem gente que bota o pássaro nessa <<gaiola voadeira>> o verão todinho até o começo do inverno... no inverno ele tira e bota numa gaiola menor que é pra ele ir pro mato né? porque ele se exercita... porque tu sabe que o curió é um atleta... ele se exercita... é um brigador... tem que se preparar pra ti armar no inverno... então essa é a voadeira (Sr. Gardner, 2020) Categoria: Moradia; treinamento.*

M - m

malhar *v* mostrar valentia na presença de outro pássaro. *L1: tá... o senhor falou um termo interessante... malhar... o que significa? L2: malhar é ver o da gaiola e fica doido querendo brigar... malhando... pulando de um lado pro outro na gaiola éh:: querendo brigar com o outro (Sr. Gardner, 2020) Categoria: Comportamento.*

manejo para vetorização *stm*
Variante: encarte L1: é difícil ensinar um canto... éh:: um canto tipo o praia clássico para um curió? L2: é muito trabalhoso... precisa de muita paciência// uma vez eu tinha um curió que lutei.. lutei e ele nunca aprendeu bem o canto praia... esse processo de <<manejo pra vetorização>> é bem trabalhoso mesmo... é um processo de alfabetização ((risos)) é o que chamamos também de encarte (Sr. Olivier, 2020) Categoria: Treinamento.

muda *sf* troca de plumagem. *L2: a <<muda>> é como se fosse uma febre... o pássaro precisa estar recluso... ele precisa está num ambiente mais calmo... sem muito vento... sem muito sol (Sr. Dorney, 2020) Categoria: Comportamento.*

muda crônica *stf* *Ver: muda encruada. L2: as vezes os pássaros não fazem a muda do tempo certo sabe? é assim... tem o tempo... a época da muda das penas... isso dura alguns dias... mês... acontece o seguinte... por algum motivo o pássaro não faz troca de todas as penas nesse período... aí a muda fica encruada... que também é muito chamada de <<muda crônica>>... isso prejudica muito o passarinho (Sr. Benson, 2020). Categoria: Doenças.*

muda encruada *stf* troca de plumagem que não ocorreu no período normal. *Ver: muda. L2: quando o pássaro não muda no período certo que a gente chama de <<muda encruada>> (...) por motivos psicológicos ou de alimentação o pássaro prende as penas velhas e aí elas secam e atrofiam ali no folículo da pena... aí elas não caem... ficam atrofiadas (Sr. Russel, 2020). Categoria: Doenças. Nota: A muda encruada pode ocorrer por diversos fatores: estresse, barulho, presença de outros animais, alimentação inadequada, corrente de vento, etc.*

P - p

passaricultor *sm* sujeito que se dedica a criação amadora, comercial e conservação de aves passeriformes em ambiente doméstico. *L2: o <<passaricultor>> é aquele cara que trabalha com a criação e conservação de passarinhos (Sr. Russel, 2020). Categoria: Criador amador; criador comercial; comprador.*

passarinheiro *sm* indivíduo que caça, cria e vende pássaros da fauna silvestre. *sm. L2: para o <<passarinheiro>> que vai pro mato... pra armada... fazer caçada... o interessante é o passarinho que aguenta viagem... (Sr. Augustin, 2020). Categoria: Criador.*

Nota: O termo passarinheiro tem sido mais utilizado para se referir aos indivíduos que capturam e vendem aves do habitat natural. Tal prática é proibida pelo IBAMA.

pássaro de destaque *stm* ave com boas descendências genéticas e desempenhos satisfatórios nos torneios. *L2: quem é criador sabe que você tem as vezes dois ... três <<pássaros de destaque>> ... você tira trinta filhotes no ano ... você tem dois... três de destaque entendeu? L1: sim. L2: um ou dois as vezes que dão resultado melhor e aqueles você guarda pra você que você tem um banco ali que você vai querer usar um banco genético para aperfeiçoar o teu criatório... o teu plantel com ... com uma genética tua... (Sr. Marius, 2020) Categoria: Treinamento. Nota: Todos os pássaros nascidos em criatório legalizado possui sua árvore genealógica.*

pássaro fibrado *stm* ave passeriforme com vigor e energia para o canto, briga e acasalamento. *Ver: passeriforme. L2: então eles querem um <<pássaro fibrado>>... que eles falam... fibrado é que nem vigoroso... que chegue lá cantando... mostrando serviço... e que pegue rápido na batida... (Sr. Benson, 2020) Categoria: Ave passeriforme; comportamento.*

peito seco *stm* magreza e desnutrição graves dos pássaros, provocadas por bactérias, fungos, vírus, deficiências nutricionais, tumores, entre outros. *L1: já ouvi falar também em uma enfermidade que acomete a respiração... o intestino dos pássaros... o:: peito seco... me fale sobre essa doença L2: éh... o <<peito seco>> é qualquer tipo de doença que dá no pássaro e ele começa a emagrecer... ele fica bem ma-grinho e com o peito seco entendeu? fica só aquela titelazinha pra frente que você passa a mão assim e parece uma faca... o pássaro na verdade tá magro... ele pode ficar magro porque tava com coccidiose... ele pode ficar magro porque estava com micoplasmose... ele pode ficar magro porque estava com uma infecção digestiva... respiratória... enfim... ele pode ficar com peito seco por qualquer razão... então os caras chamam de peito seco... mas na verdade o que realmente comete isso aí é a coccidiose (Sr. Lars, 2020). Categoria: Doenças. Nota: Quando as aves não se alimentam devidamente ocorre uma tentativa de conseguir energia para manter as funções vitais do organismo, daí buscarem reservas de gorduras no músculo peitoral, o que deixa essa parte do corpo bem seca, com pouca carne.*

plantel *sm* lista de pássaros de um criadouro. *L2: o <<plantel>> é a quantidades de animais... o volume de animais que você tem no seu ambiente doméstico... por exemplo hoje eu tenho meu plantel de bicudos de treze aves ... meu plantel são treze aves (Sr. Russel, 2020) Categoria: Criador amador; criador comercial; comprador.*

Q - q

quebrar *v* parar de cantar. *L2: eles quem um curió que chegue no mato e não quebre... o que é <<quebrar>>? ele sai da casa cantando... chega no mato quebra... não canta mais... (Sr. Benson, 2020) Categoria: Comportamento.*

S - s

samaritá *sf* nota musical do canto praia clássico. *Ver: canto praia clássico. L2: <<samaritá>> é uma nota... é um complexo de notas... no meio do canto... na segunda parte // o canto praia clássico é dividido em duas partes... entrada de canto... canto de passagem... a segunda parte que a gente chama de módulo de repetição... então ele faz a primeira parte do canto toda... completa o módulo de repetição... depois ele fica repetindo... ele não volta mais no início do canto... então no início quando ele faz esse módulo de repetição... ele prepara o samaritá... (Sr. Olivier, 2020) Categoria: Canto. Nota: Samaritá é uma região da baixada santista onde os curiós desta área geográfica tinham um canto específico. Cada vez que o curió passa as duas notas do canto clássico chamadas "uil uil", ao retornar a essas mesmas notas no canto, equivale a um samaritá.*

SisPass *sm* Sistema de Controle e Monitoramento da Atividade de Criação Amadora de Pássaros. *L2: algumas entidades do governo éh:: responsável pela criação de aves... tem o sispass que é a entidade que tem a função de controlar a criação éh:: amadora de aves no território brasileiro (Sr. Franklin, 2020) Categoria: Criador amador.*

T - t

temporada *sf* período de acasalamento dos pássaros. *L2: então toda<< temporada>> a gente tem um número de curiós que é tirado da natureza que é pra essa atividade... curió que tem fibra... que tem muita raça mas infelizmente é da natureza... (Sr. Elliott, 2020) Categoria: Comportamento.*

torneio de canto *stm* tipo de competição em que se avalia a qualidade e o tempo em que os pássaros emitem as notas musicais requeridas pelos organizadores do evento. *L2: tem... o <<torneio de canto>> é um torneio que ele é avaliado pela qualidade do canto... por exemplo... o canto ana dias são trinta e sete notas musicais e o pássaro tem que colocar essas trinta e sete notas musicais sem errar... quanto menos ele errar a colocação dessas notas a pontuação dele é mais alta... quanto mais melodiosa a voz dele a pontuação é mais alta... quanto ele melhor se coloca pra cantar... quando mais calmo ele canta com a cabeça pra cima... melhor a nota dele... quanto mais repetição melhor a nota dele... então tem toda uma classificação pela qualidade do canto (Sr. Russel, 2020) Categoria: Treinamento.*

torneio de canto livre *stm* competição em que se coloca em uma estaca um pássaro para cantar, com o objetivo de monitorar a duração da cantoria. *L1: o senhor falou em canto livre... foi isso? L2: éh:: <<canto livre>>... é aquele que tu bota só o teu passarinho pra cantar e fica o juiz aqui com o relógio marcando quantos cantos ele dá em tantos minutos (Sr. Gardner, 2020) Categoria: Treinamento.*

torneio de fibra *stm* tipo de competição em que se privilegia a quantidade de notas musicais e o tempo/permanência em que elas são emitidas pelos pássaros, sem a preocupação de avaliar a qualidade dessas notas. *L1: você pode me falar sobre o torneio de fibra? L2: sim... o <<torneio de fibra>> é avaliado pela quantidade de canto éh:: não interessa a qualidade de nota... de altura... se o passarinho voa... e:: se ele não voa... interessa que em quinze minutos de marcação ele cante o máximo possível (Sr. Russel, 2020) Categoria: Treinamento.*

trincaferri *sm* sujeito que se dedica a criação de trinca ferro. *Ver: Trinca ferro. L2: eu cresci vendo os antigos né? os antigos trincaferri da minha região ÉH:: quando comecei a admirar os trinca ferros... eu sempre vi os modelos das gaiolas com o poleiro de meio pra impedir né? pra que impeça que o trinta ferro pule com muita velocidade de um lado para o outro (Sr. Benson, 2020) Categoria: Criador amador; criador comercial; comprador.*

trinca ferro *sm* Ave com aproximadamente 20 cm de comprimento e pesa de 38 a 46g, plumagem do lado superior direito verde oliva, exceto a cauda, garganta e sobrançelha branca e não existe dimorfismo sexual, seu canto é muito apreciado pelos criadores, por ser forte e alto e agudo (MARQUES, 2009). *L2: dentre as aves mais requisitadas pelos criadores o número um é o <<trinca ferro>> tá? o pixarro... trinca ferro e pixarro é a mesma coisa... hoje ele é o número um no Brasil... tem um canto muito potente (Sr. Russel, 2020) Categoria: Ave passeriforme.*

V - v

voadeira *sf* Variante: **gaiola** **voadeira**.

Ver: gaiola. L2: a <<voadeira>> é uma gaiola maior... de um metro... tem gente que usa até mais... para o pássaro voar após fazer sua muda de penas... voltar a sua forma física normal (Sr. Olivier, 2020)

Categoria: Moradia; treinament

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras estão contextualizadas no discurso. E os contextos em que são empregadas dão-lhes propriedades específicas. O *Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém* é uma obra terminográfica que constata a versatilidade de uso das palavras, que na atividade cultural da passaricultura manifestam-se com significações particulares, denominadas de termos.

Esta pesquisa de tese foi desenvolvida porque se comprovou a existência de uma atividade cultural em exercício na RMB, a passaricultura, com o emprego de termos pelos seus agentes sociais, os criadores de aves, quando conversam sobre a criação de aves passeriformes em ambiente doméstico. Uma vez confirmada a atividade e o conjunto de termos presentes no repertório linguístico e cultural dos passaricultores, procedeu-se à elaboração do VE, visando a estudar a terminologia presente na fala dos criadores de passeriformes da RMB. E mais especificamente elaborar um protótipo do VE, atendendo a critérios terminográficos; disponibilizar a nomenclatura do VE e fazer discussões linguísticas referentes às especificidades dos termos, bem como relacionar léxico e cultura.

Com os *corpora* orais coletados foi possível averiguar entre as teorias que se destinam a estudar o léxico especializado aquelas que mais fundamentavam as discussões entre a formação e circulação de termos em espaços culturais. E decidiu-se seguir os pressupostos da Lexicultura, da Socioterminologia e da Terminologia Cultural, uma vez que ofereceram consistência para se discutir e analisar os dados coletados nesta pesquisa de tese. As palavras com carga cultural compartilhadas e encontradas no *corpus*, o aspecto social de circulação dos termos e terminologias que circulam no contexto cultural são fenômenos tratados com prevalência pelas mencionadas teorias, respectivamente.

A metodologia que orientou o trabalho foi à abordagem do tipo quali-quantitativa, pois houve contabilização de termos e discussão dos resultados; a pesquisa de campo foi o procedimento adotado, fazendo-se uso de entrevistas semiestruturadas e questionário semiaberto, para conseguir coletar as informações dos passaricultores de forma menos invasiva, prezando pela harmonia entre pesquisador e participante, com vistas a obter resultados importantes à pesquisa. Percebeu-se que os criadores de aves foram receptivos e não fizeram objeções em falar sobre a atividade que desenvolvem: a passaricultura. Havia um desejo desses sujeitos em falar da criação de passeriformes; fazer-se ouvir e expressar seus

sentimentos em relação às aves. Com isso, os termos foram emergindo conforme a conversa progredia.

A transcrição dos áudios gravados foi feita manualmente. O tratamento do *corpus* contou com o auxílio do software *AntConc* e os verbetes do protótipo do VE foram elaborados no *Lexique Pro*. Esses programas computacionais facilitaram o trabalho do pesquisador, otimizando o tempo e disponibilizando resultados satisfatórios quanto à elaboração do produto terminográfico.

O VE foi o tipo de obra terminográfica escolhida para disponibilizar os resultados da investigação terminológica. Com base na frequência de uso dos termos no *corpus*, pertinência temática, pertinência pragmática e fiabilidade dos termos para compor o protótipo foram selecionadas e todas as nomenclaturas das 260 UTs inventariadas estão disponíveis aos usuários. O vocabulário especializado mostrou-se mais adequado para evidenciar o caráter original e inovador da terminologia da área temática estudada.

Quanto aos benefícios da pesquisa, destacam-se as discussões em torno da criação de aves em ambiente doméstico desde o período colonial brasileiro, percorrendo uma trajetória que desencadeou na situação cultural contemporânea. Mesmo com a criação de passeriformes atendendo a legislações vigentes, a exemplo dos participantes desta pesquisa, tem-se na contramão a prática da ilegalidade quanto ao aprisionamento, comércio clandestino e aquisição de aves silvestres canoras, o que deve ser uma preocupação de toda a sociedade. E no que se refere aos termos usados pelos criadores legais/passaricultores fica demonstrado o esforço para se alcançar padrões mais especializados na criação doméstica de passeriformes, sobretudo o curió, o bicudo e o trinca ferro; nessa atividade os criadores têm um repertório de terminologias que ainda não havia sido catalogada, e agora encontrou nesta tese um espaço de reconhecimento e divulgação.

Considerando a representatividade do trabalho desenvolvido, principalmente no que concerne à abordagem da atividade cultural, quanto à catalogação dos termos, espera-se que esta tese possa contribuir de forma positiva e esclarecedora para aqueles que estão a iniciar a prática da passaricultura na RMB, e buscam entender o significado das unidades terminológicas usadas, pois elas revelam o universo histórico, social e cultural da atividade. Com as discussões teóricas, a metodologia aplicada na coleta, seleção, tratamento, sistematização e a divulgação dos termos, almeja-se também oferecer à comunidade acadêmica uma referência quanto às possibilidades de pesquisa no campo terminológico.

Quanto ao resultado final, este trabalho vem mostrar que o léxico especializado está presente nas práticas diárias das profissões, sejam elas as de grande notoriedade ou de pouca

visibilidade social, econômica, histórica e cultural. O léxico se torna especializado à medida que os falantes de um determinado grupo começam a usá-lo em contextos específicos e com significados peculiares. Foi o que se confirmou neste trabalho de doutoramento, intitulado “O Vocabulário Especializado dos Passaricultores da Região Metropolitana de Belém”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Alice dos Santos; SILVA, José Maria Cardoso da. A Ornitologia no Brasil: desenvolvimento, tendências atuais e perspectivas. *In: ALVES, Maria Alice dos Santos et al.* (Org.). **A ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. *In: Alfa*, São Paulo, 50 (2), p. 85-101, 2006.
- ALVES, Ieda Maria. Definição terminológica: da teoria à prática. **TradTerm**, v. 3, p.125-136, 1996. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49898/54007>>. Acesso em: 27 de set. 2021.
- ALVES, Ieda Maria. **A pesquisa em terminologia: algumas considerações**. Disponível em: http://sw.npd.ufc.br/abralin/boletim21_sum.html. Acesso em 02 de fev. 2021.
- ARAÚJO, Ana Claudia Bentancor. **Diagnóstico sobre a Avifauna apreendida por órgãos de fiscalização na região central do Rio Grande do Sul**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia Florestal). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A Socioterminologia e Etnoterminologia das plantas medicinais no Nordeste. **Periódicos da Universidade Federal da Paraíba**, v. 15, n. 1, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53108/1/2010_art_mssaragao.pdf. Acesso em: 09 de abr. de 2021.
- AUGER, Pierre. "La commission de terminologie de l'Office de la langue française et la normalisation terminologique". *In Terminogramme*, 26-27, pp. 9-12, 1984.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino- aprendizagem de português língua estrangeira. **Filologia e Linguística Portuguesa**, (10-11), 31-41, 2009. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p31-41>. Acesso em: 2 de maio. 2022.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Ciência da Informação** - Vol 24, número 3, 1995 – Artigos. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/52773>. Acesso em: 14 de jan. de 2022.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *In: ALVES, Ieda Maria* (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BORBUJO, Arturo Santos. **Terminología y socioterminología**. *IN Real, E., Jiménez, D., Pujante, D. y Cortijo, A. (eds.), Écrire, traduire et représenter la fête*, Universitat de València, 2001.

BARROS, Almeida Lidia. **Curso Básico de Terminologia**. Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BEVILACQUA, Cleci Regina. **Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar**. 2004. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA), Barcelona, 2004.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. **Língua & Literatura**, 10-11, pp. 73-86, 2005. Disponível em <http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/40>. Acesso em: 05 de jun. 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O Dicionário padrão da língua. A ciência da lexicografia. **ALFA: Revista de Linguística**. Universidade Estadual Paulista. São Paulo. v.28. Supl. Janeiro. 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. In: **Letras de Hoje**, nº 70. Porto Alegre, PUC/RS. V.22, nº 4, dezembro de 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico**. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. ISQUEIRO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia e lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito Linguístico de Palavra. In: Basílio, Margarida (Ed.) **Palavra**. Departamento de Letras da PUC-Rio, 1999, p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Fundamentos da Lexicologia. In: **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOSQUE, Ignacio. **Sobre la teoría de la definición lexicográfica**. In: ____ Verba, Santiago de Compostela, n. 9, 1982. p. 105-123.

BOULANGER, Jean-Claude. "Une lecture socio-culturelle de la terminologie". **Cahiers de linguistique sociale**. (18). pp. 13-30. 1991.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix; FARIAS, Virginia Sita. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 55, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4167/3765>. Acesso em: 08 de jun. 2021.

CSERMAK JUNIOR, Antonio Carlos. **Fauna silvestre brasileira em cativeiro: criação legalizada, distribuição geográfica e políticas públicas**. Disponível em <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/5833/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em 21 de abr. 2021.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia: representación y comunicación - elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos**. Barcelona: Intitut Univeversitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CASCUDO, Luís Cascudo da Câmara. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

CALAVIA SAEZ, Oscar. 2010. **O melhor parente do homem**. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/o-melhor-parente-do-homem>. Acesso em: 09 de jan. 2022.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARVALHO, Luciana Menezes de; SCHEINER, Tereza. **Reflexões sobre museologia: documentação em museus ou museológica?**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/189036>. Acesso em: 14 jun. 2022.

CASARES, JULIO. **Introducción a la lexicografía moderna**. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CINTRA, Nicolas Farjo. **“Passarinheiros” – uma etnografia sobre pessoas & pássaros da ilha de Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis 2018.

COBRAP. Disponível em: <https://cobrap.org.br/sobre-a-cobrap>. Acesso em: 21 de abr. 2021.

COSTA, Fábio José Viana; RIBEIRO, Renata Esteves; SOUZA, Carla Albuquerque de; NAVARRO Rodrigo Diana. **Espécies de Aves Traficadas no Brasil: Uma Meta-Análise com Ênfase nas Espécies Ameaçadas**. v. 7 n. 2 (2018): FRONTEIRAS - ISSN 2238-8869. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/2168>. Acesso em 28 de jun. 2022.

COSTA, Viviany Amaral da. **Aves silvestres criadas em cativeiro em Santa Bárbara do Pará: aspectos sócio-culturais e etológicos**. Orientadora: Profa. Dra. Maria Luisa da Silva. 2012. 81f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) - Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, Pará, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/11787999-Aves-silvestres-criadas-em-cativeiro-em-santa-barbara-do-para-aspectos-socio-culturais-e-etologicos-viviany-amaral-da-costa.html>. Acesso em: 11 de jan. 2022.

CREVAUX, Jules. **Le mendiant de l'Eldorado. De Cayenne aux Andes, 1876-1879.** Paris: Phébus.

DE LA TORRE, María Mercedes Soáres. **Análisis contrastivo de la variación denominativa en textos especializados: del texto original al texto meta.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, España. 2004.

DESCAMPS, Jean-Juc. **Contribution à l'analyse des discours fonctionnels - Pédagogie des langues de spécialité et lexicographie contextuelle - Mémoire de synthèse concernant les travaux présentés en soutenance pour le Doctorat d'État.** Université Paris III (Sorbonne Nouvelle), 1977.

DEPECKER, Loïc. "Terminologie et standardisation", em **Jornada Panllatina de Terminologia**, Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 31, 1995.

DESTRO, Guilherme Fernandes Gomes; PIMENTEL, Tatiana Lucena; SABAINI, Raquel Monti; BORGES, Roberto Cabral; BARRETO, Raquel. **Esforços para o combate ao tráfico de animais silvestres no Brasil Publicação traduzida do original "Efforts to Combat Wild Animals Trafficking in Brazil. Biodiversity, Book 1, chapter XX, 2012" - ISBN 980-953-307-201-7).** Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/periodico/esforcosparaocombateaotrafficodeanimais.pdf>. Acesso em: 06 de jan. 2022.

DIKI-KIDIRI, Marcel. **Une approche culturelle de la terminologie.** Terminologies nouvelles, n. 21, p. 27-31, 2000 (n. esp. Terminologie et diversité culturelle).

DIKI-KIDIRI, Marcel. Une approche culturelle de la terminologie. **Terminologies nouvelles**, n. 21., p. 27-31 (n. esp. Terminologie et diversité culturelle), 2000.

DIKI-KIDIRI, Marcel. **Éléments de terminologie culturelle.** Cahiers Du Rifal. Vol. 26 (terminologie, culture et société), p. 14-25, 2007.

DUBOIS, Jean. *et al.* **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1978.

DUBOIS, Jean. *et al.* **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 2004.

DUBOIS, Jean; DUBOIS, Claude. **Introduction à la lexicographie: le dictionnaire.** Paris: Librairie Larousse, 1971.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathèe; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 2004.

DUBUC, Robert. **Manual práctico de terminología** (trad. castelhana de Ileana Cabrera). Chile, RiL Editores, 1999, 236 p.

DURANTI, Alessandro. **Antropología Lingüística.** Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FAULSTICH, Enilde. **À propôs de la catégorisation de la variation en terminologie.** Conférence. Université Laval, Le CIRAL, Le LaSIC, 1999. p. 13.

FAULSTICH, Enilde. **A Socioterminologia na comunicação científica e técnica.** Ciência e Cultura, v. 58, n. 2, p. 22-26, 2006.

FAULSTICH, Enilde. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação.** Brasília: UnB, LIV, 1995. 32 p.

FAULSTICH, Enilde. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina.** Ciência da Informação - Vol 24, número 3, 1995.

FAULSTICH, Enilde. Terminologia: cooperação e intercambio. *In: Jornada Panilatina de Terminologia*, IULA, Univerdade Pompeo-Fabra, Barcelona, Dezembro, 1995.

FAULSTICH, Enilde. Variacoes terminologicas: principios linguisticos de analise e metodo de recolha. **Actes: Reflexions méthodologiques sur le travail en terminologie et en terminotique dans les langues latines.** Nice, Realiter, Universite de Nice-Sophie Antipolis, p.15-19. 1996. Disponível em: <<http://www.realiter.net/spip.php?article630>>. Acesso em: 7 de fev. 2021.

FELBER, Helmut. **Manuel de terminologie.** Paris, Unesco/InfoTerm, 1987.

FELBER, Helmut. **Terminology manual.** Paris, Unesco, 1984.

FERREIRA, Clayton Martins; GLOCK, Luiz. **Diagnóstico Preliminar sobre a Avifauna Traficada no Rio Grande do Sul, Brasil.** BIOCÊNCIAS, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 21-30, jun. 2004.

FINATTO, Maria José Bocorny. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. **Organon**, Porto Alegre, vol. 12/n.26, p. 1-8, 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29563>. Acesso em: 09 set. 2021.

FINATTO, Maria José Bocorny. O papel da definição de termos técnico-científicos. **Revista da Abralín.** v. 1, n. 1, p. 73-97, 2002.

GALISSON, Robert. “Acceder à la culture partagée par l’entremise des mots a C.C.P.”. *In: Études de Linguistique Appliquée.* n.º 67. Paris: Didier Erudiction, 1987.

GALISSON, Robert. “Culture et lexiculture partagées: les mots comme lieux d’observation des faits culturels”. *In: Études de Linguistique Appliquée.* n.º 69. Paris: Didier Erudiction, 1988.

GALISSON, Robert; PUREN, Christian. **La formation en questions.** Paris: CLE International. Didactique des langues étrangères, 1999.

GAUDIN, Francois . **Pour une socioterminologie.** Rouen: Pub. Université de Rouen, 1993.

GAUDIN, François. **Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologia**. Bruxelas: De Boeck & Larcier S.A., 2003.

GAUDIN, François. **Socioterminologie. Des problèmes semantiques aux pratiques institutionnelles**. Rouen, Université de Rouen, 1993.

GIL, ISABEL TERESA MORAIS. **Algumas considerações sobre línguas de especialidade e seus processos lexicognicos**. MÁTHESIS 12 2003 113-130. Disponível em: http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat12/Mathesis12_113.pdf. Acesso em 25 de fev. 2021.

GOUADEC, Daniel. “**Nature et traitement des entités phraséologiques**”. Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs: Actes de la deuxième Université d’Automne en Terminologie. Paris: La Maison du Dictionnaire, 1994.

HAENSCH, Günther. “Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios”. In: ETTINGER, S. et alii. **La lexicografía. De la lingüística teórica a a la lexicografía prácticta**. Madrid: Gredos, 1982.

HARRISON, K. David. **When languages die: the extinction of the world languages and the erosion of human knowledge**. Oxford: Oxford University Press, 2007. 292 pp.

HERNANDEZ, Tangerino; FERNANDA, Erica; CARVALHO, Marcia Siqueira de. O tráfico de animais silvestres no Estado do Paraná. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v. 28, n. 2, p. 257-266, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3073/307324782008.pdf>. Acesso em: 08 de jan. 2022.

IBAMA. **Diagnóstico de delitos ambientais**. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 2019.

IBGE. **Estimativas de população**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 de jan.2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 de jan. 2022.

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 10 /2011, de 20 de Setembro de 2011. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/509494/>. Acesso em: 21 de jun. de 2021.

ISO WD 704.1. TC/37. **Terminologia: princípios e métodos**, 1996.

ISO - International Organization for Standardization. Norma 1087: Terminology - Vocabulary. Genebra, 1990.

ISO, 1990, Travaux terminologiques - Vocabulaire, Norme Internationale ISO 1087

ISO 1087:2019. Disponível em: <https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:1087:ed-2:v1:en> Acesso em: 23 de jun. de 2021.

KOCH, Ricardo. **Criação de Curió**. Tubarão, 10/03/2013. Disponível em: http://curioebicudo.weebly.com/uploads/6/9/7/3/6973981/manual_para_criao_de_curi.pdf. Acesso em 29 de dez. 2021

KRIEGER, Maria da Graça. **O termo: questionamentos e configurações**. TRADTERM, 7, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria & prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Do reconhecimento de terminologias: entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, A.N & KRIEGER, M.G. **As ciências do léxico**. V.3 Campo Grande, UFMS, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. A identidade da terminologia e o perfil do terminólogo. **Revista Trama**. Vol. 2. N. 4. 2º semestre de 2006. p. 155-164.

LARA, Luis Fernanda. **Curso de lexicologia**. México, D.F. El Colegio de Mexico, 2006.

LARA, Marilda Lopez Ginez de. **Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária**. Ci. Inf., Brasília, v. 33, n. 2, p. 91-96, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/D86QXCScKHzmMy8fd5qR3px/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 14 de set. 2021.

L'HOME, Marie-Claude. Understanding Specialized Lexical Combinations. **Terminology**, v.6, n.1, p. 89-110, 2000.

L' HOMME, Marie-Claude; HEID, Ulrich; SAGER, Juan Carlos. Terminology during the past decade (1994-2004). In: **Terminology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v.9, n. 2, pp. 151-161, 2003.

LE GUERN, Michel. Sur les relations entre terminologie et lexique. **Meta**, v.34, n.3, 1989, p.340-343.

LERAT, Pierre. **Las lenguas especializadas**. Barcelona: Ariel, 1997.

LIMA, José Júlio Ferreira; MOYSES, Arisitides (Org.). Como andam Belém e Goiânia. Rio de Janeiro: **Letra Capital**; Observatório das Metrôpoles, 2009.

LOBO, Telma de Carvalho. Léxico: espelho da história de um povo. In: Simões, Maria do Socorro. **Narrativa Oral e Imaginário Amazônico** (Org.). Belém, UFPA, 1999.

LOPES, Ana Cristina Macário; RIO-TORTO, Graça. **Semântica**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

MAGALHÃES, Janaina Silvestre. **Tráfico de animais silvestres no Brasil**. Disponível em <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2431/2/9760705.pdf>. Acesso em: 11 de abr. de 2022.

MARCONI, Marina De Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATORÉ, George. **La méthode en lexicologie**. Domaine français. Paris: Didier, 1953.
MEJRI, Salah. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. *In*: ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

MEL'ČUK, Igor. Lexical functions: A tool for the description of lexical relations in the lexicon. In: Wanner, L (ed.): **Lexical Functions in Lexicography and Natural Language Processing**, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. 1996, p. 37-102.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna** (volume I). E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 309 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10310>. Acesso em: 09 abr. 2021.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. ReVEL na Escola: Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/7e02a7f4cb22a2e4935d77ae89882e69.pdf>. Acesso em: 08 de jan. 2022.

MOUTAQI, Lahcen EL. Breve reflexão sobre o conceito da colocação, um estudo contrastivo de uso: português-árabe. **Signos**, ano 31, n. 1, p. 19-34, 2010.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. **A contribuição de um dicionário histórico: o dicionário histórico do português do Brasil**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28348/16996>. Acesso em: 03 de dez. 2021.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. **Dictionnaire historique: Trois siècles de mots de portugais du Brésil**. Cahiers de Lexicologie, n. 101, p. 73-91, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/221159>. Acesso em: 02 de dez. 2021.

NEVES, Felipe Martins; ERBESDOBLER, Eleonora D'Avila. **Estimativa do Tráfico de Aves Silvestres no Distrito Federal, Brasil**. Disponível em <https://revistaeletronica.icmbio.gov.br/BioBR/article/view/1683/1261>. Acesso em: 11 de abr. 2022.

NURC – Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4118190/mod_resource/content/1/NormasTranscricaoNURC.pdf. Acesso em: 08 de dez. 2021

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. Acesso em: 12 de abr. 2022.

OLIVEIRA, Aílton C. de; KANEGAE, Mieko; AMARAL, Marina Faria do; FAVARO, Fernando Lima. **Guia para observação das aves do Parque Nacional de Brasília, 2011.**

Disponível em:

https://www.icmbio.gov.br/cemave/images/stories/Publica%C3%A7%C3%B5es_cient%C3%ADficas/GUIA-AVES-PNB-COMPLETO.pdf. Acesso em: 12 de abr. 2022.

OLIVEIRA, Miberly Cavalcante de; PEDROZA, Diego. **Aves silvestres criadas em cativeiro na cidade de Eirunepé, médio rio Juruá, sudoeste da Amazônia brasileira.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Nat., Belém, v. 15, n. 2, p. 467-473, maio-ago. 2020.

Disponível em: [http://editora.museu-goeldi.br/bn/artigos/cnv15n2_2020/aves\(oliveira\).pdf](http://editora.museu-goeldi.br/bn/artigos/cnv15n2_2020/aves(oliveira).pdf). Acesso em: 18 de nov. 2021.

ORENHA-OTTAIANO, Adriane. **A compilação de um glossário bilíngue de colocações, na área de jornalismo de negócios, baseado em corpus comparável.** 2004. 246 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários) – FFLCH/USP, São Paulo, 2004.

ORENHA-OTTAIANO, Adriane. **Unidades fraseológicas especializadas: colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não juramentado.** 2009. 282f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) –

IBILCE, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

PADRONE, José Maurício de Brito. **O comércio ilegal de animais silvestres: avaliação da questão ambiental no Estado do Rio de Janeiro.** Orientador: Prof. Dr. Acácio Geraldo de Carvalho. 2004. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2004. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/17246/JMBPadrone.pdf;jsessionid=9EBD32B3D473EAB871452BAD93DDBE1C?sequence=1>. Acesso em: 11 de jan. 2022.

PASSEGGI, Luís Alvaro Sgadari. **Três concepções da relação dicionário-léxico e uma hipótese sobre a definição.** Anais do V Encontro da Anpoll, Recife, 1990.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. **Manual de terminologia.** Ottawa, Canada: Travaux publics et Services gouvernementaux, 2002.

PEDRESCHI, Aldo. **Parque de caça: um multiplicador da fauna.** São Paulo: Troféu, 1992.

PEREIRA, Glauco Alves; BRITO, Manuel Toscano de. **Diversidade de Aves Silvestres Comercializadas nas Feiras Livres da Região Metropolitana de Recife, Pernambuco.** Atualidades Ornitológicas, n.126, 2005. p.14.

PEREIRA, Pablo. Um crime que passa despercebido. **Revista Galileu.** 11(127), 2002, 24- 33.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português.** São Paulo, 1998.

PONTE, Juliano Pamplona Ximenes; LIMA, José Júlio Ferreira; CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; NETO, Raul da Silva Ventura; Guedes, Thiago Alan; Sabino Roberta Menezes Rodrigues; HANTANI, Danielle Saori; Barros, Nayara Sales. **A Região Metropolitana de Belém: territórios precários, condições de infraestrutura, moradia e a covid-19.**

Disponível em:

<https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wpcontent/uploads/2020/07/Dossi%C3%AA->

N%C3%BAcleo-Bel%C3%A9m_An%C3%A1lise-Local_Julho-2020.pdf. Acesso em: 14 de abr. 2022.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PORTO DAPENA, José. Alvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

PREUSS, Jackson Fábio; SCHAEDLER, Peterson Fernando. **Diagnóstico da fauna silvestre apreendida e resgatada pela polícia militar ambiental de São Miguel do Oeste, Santa Catarina, Brasil**. Unoesc & Ciência – ACBS, Joaçaba, v. 2, n. 2, p. 141-150, jul./dez. 2011. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/1087/pdf_193. Acesso em: 06 de jan. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RENCTAS. Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. 2001. **1º Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre**. 96p.

RENCTAS. Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. 2009. Disponível em: www.renctas.org.br. Acesso em: 15 de dez. 2021.

REY, Alain. **Essays on Terminology**. (Tradução de J. G. Sager) Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. 1995.

REY, Alain. **La Terminologie: noms et notions**. Paris: Presses Universitaires de France. 1979.

ROCHA, Michelle da Silva Pimentel; CAVALCANTI, Priscila Cordeiro de Miranda; SOUSA, Romero de Lima; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. **Aspectos de comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil**. Revista de Biologia e Ciências da Terra, v. 6, n. 2, p. 204-221, 2006. Disponível em: <http://joaootavio.com.br/bioterra/workspace/uploads/artigos/comercializacaoilegalaves-5181a6b395039.pdf>. Acesso em: 06 de jan. 2022.

ROMERO, Luiz. **Línguas em extinção**. Superinteressante. São Paulo: Abril, Edição 350, Agosto de 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/linguas-em-extincao/>. Acesso em: 10 de fev. 2021.

RONDEAU, Guy. **Introduction à la terminologie**. 2 ed., Gaetan Morin, Québec, 1984.

NEVES, Filipe Martins; ERBESDOBLER, Eleonora D'Avila. **Estimativa do Tráfico de Aves Silvestres no Distrito Federal, Brasil**. Disponível em <https://revistaelectronica.icmbio.gov.br/BioBR/article/view/1683/1261>. Acesso em: 11 de abr. 2022.

SAGER, Juan Carlos. **La terminología, puente entre vários mundos**. In: CABRÉ, M. Teresa. *La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

SAUTCHUCK, Inez. **Prática de morfossintaxe**. Barueri – SP: Manole, 2004.

SICK, Helmut. **Ornitologia Brasileira**. Edição revista e ampliada por José Fernando Pacheco. Rio de Janeiro, 1997.

SIQUEIRA MENDES, Fabrício Lemos de; MENDES MENDONÇA, Ygor de Siqueira. Análise da atuação do estado do Pará em relação às apreensões de animais silvestres na Amazônia. In: SENHORAS, Elói Martins (Org.). **Pesquisas interdisciplinares estimuladas por problemas concretos das ciências sociais aplicadas**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp Von. **Viagem pelo Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, v. 3, 1881.

TOSTES, Aloísio Pacini. **Criação de curios e bicudos**. Ribeirão Preto: Scala, 1997.

TOURINHO, Helena Lúcia Zagury; PINHEIRO, Andréa de Cássia Lopes; BELLO, Leonardo Augusto Lobato (Org.). **Estudo de delimitação da região metropolitana de Belém**. Belém: SEDOP, 2018.

VERDADE, Luciano. Mendes. **A exploração da fauna silvestre no Brasil: jacarés, sistemas e recursos humanos**. *Biota Neotropica*, 4(2), 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bn/a/HFFPDBr9FdDdf4Lxcv8z3Fb/?lang=pt>. Acesso em: 08 de jan. 2022.

VILELA, Mário Augusto Quinteiro. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1994.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico: Descrição e análise do Português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WILSON, Edward Osborne. **The Diversity of Life**. W. W. Norton, New York, 1993.

Sites consultados:

<http://www.ibama.gov.br/cif/186-acesso-a-informacao/institucional/1306-sobreoibama>. Acesso em 05 de set. 2022.

<http://www.ibama.gov.br/noticias/58-2016/108-dia-mundial-da-vida-selvagem-ibama-combate-o-traffic-de-animais-e-apreende-1-342-armadilhas-de-captura#:~:text=O%20Ibama%20tamb%C3%A9m%20coibiu%20o,%E2%80%9D%2C%20di z%20o%20texto%20legal>. Acesso em 05 de set. 2022.

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/aos-3-anos-joelaine-ja-mostra-ao-mundo-o-orgulho-em-ser-terena>. Acesso em 05 de set. 2022.

<https://lunetas.com.br/xerimbabo-animais-da-floresta-e-criancas/>. Acesso em 05 de set. 2022

<http://curiozeiros1.blogspot.com/2011/04/importancia-da-genetica-na-criacao-de.html>. Acesso em: 18 de nov. 2021.

<http://www.criadourojpd.com.br/especie.html>. Acesso em: 19 de jul. 2022.

<http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/periodico/esforcosparaocombateao trafico de animais.pdf>. Acesso em: 25 de jul. 2022.

<http://www.laurenceanthony.net/software.html>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

<http://www2.eca.usp.br/mapasconceituais/vocab/index.php?tema=66>. Acesso em: 25 de jul. 2022.

<https://aulete.com.br/>. Acesso em: 05 de out. 2021.

<https://blog.nutrify.com.br/32-anos-do-ibama-a-importancia-de-preservar/>. Acesso em: 23 de jul. 2022.

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/12/ciencia/1513086682_675302.html. Acesso em: 12 de jan. 2022.

<https://cobrap.org.br/sobre-a-cobrap>. Acesso em: 02 de set. 2021.

<https://journals.openedition.org/aa/110>. Acesso em: 11 de jul. 2022.

<https://lunetas.com.br/xerimbabo-animais-da-floresta-e-criancas/#:~:text=Em%20vez%20de%20cachorros%20e,brincadeiras%20e%20afagos%20dos%20pequenos.&text=Para%20esses%20bichinhos%2C%20se%20d%C3%A1,significa%20%E2%80%9Ccoisa%20muito%20querida%E2%80%9D>. Acesso em: 18 de jul. 2022.

<https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 12 de jan. 2022.

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/roda/>. Acesso em: 18 de dez. 2021.

https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=695:ix-torneio-estadual-de-curio-canto-classico&catid=17&Itemid=121. Acesso em: 10 de out. 2021.

<https://passaros.org/campeonatos/ccpp/campeonato-paraense/2021/fibra-de-curio/390>. Acesso em: 09 de out. 2021.

<https://passaros.org/campeonatos/ccpp/campeonato-paraense/2021/fibra-de-curio/390>. Acesso em: 16 de jan. 2022.

<https://software.sil.org/lexiquepro/>. Acesso em: 23 de set. 2020.

<https://www.cobrap.org.br/Downloads/regulamento-canto-curio-praia-classico-2021.pdf>. Acesso em: 12 de out. 2021.

<https://www.cobrap.org.br/Downloads/regulamento-canto-curio-praia-classico-2021.pdf>. Acesso em: 09 de jul. 2022.

https://www.icmbio.gov.br/cma/images/stories/Legislacao/Leis/Lei_5197_3dejan1967.pdf. Acesso em: 09 de jul. 2022.

<https://www.imed.edu.br/institucional/apresentacao-imed>. Acesso em: 09 de jul. 2022.

https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Municipios-integrantes-da-Regiao-Metropolitana-de-Belem_fig1_304456029. Acesso em: 18 de nov. 2021.

<https://www.ultimosrefugios.org.br/o-que-e-a-observacao-de-aves>. Acesso em: 23 de jul. 2022.

<https://www.icmbio.gov.br/cemave/quem-somos.html>. Acesso em: 26 de jul. 2022.

<https://www.to.gov.br/naturatins/noticias/mudancas-na-legislacao-para-criadores-de-passaros-silvestres-no-brasil/5y52l3ky4ssk>. Acesso em: 23 de jul. 2022.

<https://www.cpt.com.br/cursos-animais-silvestres/artigos/criacao-passaros-silvestres-ajuda-preservacao-especies>. Acesso em: 23 de jul. 2022.

<https://farenzenaadvocacia.jusbrasil.com.br/artigos/1481685982/criacao-de-animais-silvestres-em-cativeiro-e-possivel>. 27 de jul. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - NOMENCLATURA DO VOCABULÁRIO ESPECIALIZADO

- 01 **abrir asa**
- 02 **abrir fogo**
- 03 **ACPP**
- 04 **afinar**
- 05 **alcon**
- 06 **alongar o canto**
- 07 **alpiste**
- 08 **ana dias**
- 09 **andamento de canto**
- 10 **anilha**
- 11 **anilha aberta**
- 12 **anilha fechada**
- 13 **aprontar**
- 14 **armada**
- 15 **arriar**
- 16 **Associação dos Criadores de Pássaros do Pará**
- 17 **ave de cabeceira**
- 18 **ave de relação**
- 19 **avitrin**

- 20 **azulão**
- 21 **baixar a ordem**
- 22 **banco genético**
- 23 **banheira**
- 24 **bater fogo**
- 25 **batida de praia**
- 26 **bebedouro**
- 27 **bicudeiro**
- 28 **bicudo**
- 29 **bicuda**
- 30 **bigode**
- 31 **biotrin**
- 32 **bitola**
- 33 **bolada**
- 34 **cabeça de macaco**
- 35 **caboclinho**
- 36 **caboclo lindo**
- 37 **caçada**
- 38 **Cadastro Técnico Federal**
- 39 **cânhamo**

- 40 **canto artificial**
- 41 **canto goiana**
- 42 **canto lindo**
- 43 **canto pobre**
- 44 **canto praia clássico**
- 45 **canto praia liso**
- 46 **canto selvagem**
- 47 **canto timbira virado**
- 48 **canto trola**
- 49 **cantoria icoraci**
- 50 **cantoria regional**
- 51 **capa de gaiola**
- 52 **capa motel**
- 53 **CCPP**
- 54 **certificado de origem**
- 55 **chefe de roda**
- 56 **chia**
- 57 **churriar**
- 58 **cigarra**
- 59 **clube de criadores de pássaros do Pará**

- 60 **coccidiose**
- 61 **cocho**
- 62 **cocho alto da gaiola**
- 63 **cocho baixo da gaiola**
- 64 **cocho da gaiola**
- 65 **coleira maracajá**
- 66 **coleira parda**
- 67 **coleira preta**
- 68 **coleiro**
- 69 **coleirista**
- 70 **comedouro**
- 71 **comprador de ave**
- 72 **condicionamento de canto**
- 73 **conservação *ex situ***
- 74 **corruchiar**
- 75 **corrupião**
- 76 **criação de ambiente domestico**
- 77 **criação de cativoiro**
- 78 **criação em ambiente domestico**
- 79 **criação em cativoiro**

- 80 **criação legalizada**
- 81 **criação regular**
- 82 **criador amador**
- 83 **criador comercial**
- 84 **criador especialista em canto**
- 85 **criador especialista em fibra**
- 86 **criador legal**
- 87 **criador mateiro**
- 88 **criadouro**
- 89 **criadouro amador**
- 90 **criadouro comercial**
- 91 **criatório**
- 92 **criatório amador**
- 93 **criatório comercial**
- 94 **CTF**
- 95 **curió cabeça dura**
- 96 **curió cabeça mole**
- 97 **curió cabeceira**
- 98 **curió cantoria boa**
- 99 **curió de canto**

- 100 **curió de fibra**
- 101 **curió de ponto**
- 102 **curió de presa**
- 103 **curió fogo crônico**
- 104 **curió fogo firme**
- 105 **curió frio**
- 106 **curió maracajá**
- 107 **curió mateiro**
- 108 **curió pardo**
- 109 **curió preseiro**
- 110 **curió preto**
- 111 **curió quente**
- 112 **curió rabo duro**
- 113 **curió repetidor**
- 114 **curiola**
- 115 **curiozeiro**
- 116 **desasar**
- 117 **desmame de ave**
- 118 **dobrado**
- 119 **dobrar fogo**

- 120 **eimeriose**
- 121 **empoleiramento**
- 122 **empoleirar a gaiola**
- 123 **encarte**
- 124 **enfemear**
- 125 **engolir nota**
- 126 **entopetar**
- 127 **enxugar muda**
- 128 **esfriar**
- 129 **esquentar**
- 130 **estaca**
- 131 **farinhada**
- 132 **fêmea chocadeira**
- 133 **fêmea criadeira**
- 134 **fêmea reprodutora**
- 135 **fert-vit**
- 136 **fibra**
- 137 **fibrado**
- 138 **fiscal de roda**
- 139 **fogo crônico**

- 140 **fogo dobrado**
- 141 **foguear**
- 142 **gaiola**
- 143 **gaiola chocadeira**
- 144 **gaiola criadeira**
- 145 **gaiola de armada**
- 146 **gaiola de caçada**
- 147 **gaiola de cruza**
- 148 **gaiola de descanso**
- 149 **gaiola de manutenção**
- 150 **gaiola de passeio**
- 151 **gaiola de torneio**
- 152 **gaiola encapada**
- 153 **gaiola galadeira**
- 154 **gaiola padrão**
- 155 **gaiola piracicabana**
- 156 **gaiola preseira**
- 157 **gaiola voadeira**
- 158 **gaioleiro**
- 159 **galador**

- 160 **genética de fibra**
- 161 **genética de repetição**
- 162 **gerenciamento de anilha**
- 163 **grit mineral amgercal**
- 164 **GTA**
- 165 **IBAMA**
- 166 **Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis**
- 167 **jogar pena**
- 168 **levantar fogo**
- 169 **linhagem**
- 170 **machear**
- 171 **malha da gaiola**
- 172 **malhar**
- 173 **manejo**
- 174 **manejo para canto**
- 175 **manejo para vetorização**
- 176 **mantenedor**
- 177 **marcador**
- 178 **matriz**
- 179 **meia muda**

- 180 **mexida**
- 181 **módulo de repetição**
- 182 **muda**
- 183 **muda completa**
- 184 **muda crônica**
- 185 **muda de bico**
- 186 **muda de ninho**
- 187 **muda encruada**
- 188 **muda incompleta**
- 189 **muda repetida**
- 190 *norkill*
- 191 **nota alongada**
- 192 **nota de ligação**
- 193 **osso de siba**
- 194 **painço**
- 195 **pancuã**
- 196 **papa capim**
- 197 **parelha**
- 198 **passaricultor**
- 199 **passarinheiro**

- 200 **passarinho mateiro**
- 201 **pássaro de destaque**
- 202 **pássaro dobrado**
- 203 **pássaro fogo crônico**
- 204 **pássaro manso**
- 205 **pássaro nativo**
- 206 **pássaro sementeiro**
- 207 **pássaro travado**
- 208 **passeriforme**
- 209 **patativa**
- 210 **pegar na batida**
- 211 **peito seco**
- 212 **perrila**
- 213 **pintada**
- 214 **piusana**
- 215 **pivite**
- 216 **pixarro**
- 217 **plantel**
- 218 **poleiro da gaiola**
- 219 **ponto cego**

- 220 **presa**
- 221 **puxar pena**
- 222 **quebrar**
- 223 **ração de manutenção**
- 224 **ração extrusada**
- 225 **relação de pássaros**
- 226 **repetição de canto**
- 227 **repique de muda**
- 228 **retomada rápida**
- 229 **retorno de canto**
- 230 **roda**
- 231 **roda de fibra**
- 232 **roda de fibra de bicudo**
- 233 **rodar ninho**
- 234 **rolo**
- 235 **saia de gaiola**
- 236 **saiote de gaiola**
- 237 **samaritá**
- 238 **secar a muda**
- 239 **selo ouro**
- 240 **selo prata**

- 241 **separador**
- 242 **sexagem**
- 243 **SisFauna**
- 244 **SisPass**
- 245 **Sistema de Controle e Monitoramento da Atividade de Criação Amadora de Pássaros**
- 246 **Sistema Nacional de Gestão de Fauna Silvestre**
- 247 **temporada**
- 248 **tiririca**
- 249 **tiriricão**
- 250 **titela seca**
- 251 **torneio de canto**
- 252 **torneio de canto e fibra**
- 253 **torneio de canto livre**
- 254 **torneio de fibra**
- 255 **transferência de ave**
- 256 **Trincaferrista**
- 257 **trinca ferro**
- 258 **voadeira**
- 259 **voador**
- 260 **xeba**
-

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA
DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA

QUESTIONÁRIO APLICADO NA ENTREVISTA COM OS PASSARICULTORES
DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

FICHA PARA COLETA DE INFORMAÇÕES

Nº _____, Data, ____/____/____.

1. Nome: _____

2. Data de nascimento: ____/____/____

3. Local de nascimento: _____

4. Escolaridade: _____

5. Ocupação: _____

5.1. Renda (OPC): _____ 6. Estado Civil (OPC): _____

7. Endereço: Rua: _____ Nº _____

Cidade: _____ Estado: _____

8. Há quanto tempo é um criador de aves?

9. Como se tornou um passaricultor? Alguém o motivou?

10. Você ensina, incentiva uma pessoa a ser passaricultor? Por quê?

11. Pode me dizer como uma pessoa se torna um criador de ave?

12. Quais são os critérios para ser um passaricultor?

13. Você é passaricultor por razões comerciais, lazer ou pelas duas razões?

14. Onde se vendem, trocam os passarinhos?

15. Como é a venda dos passarinhos?

16. Você poderia dizer o nome dos passarinhos requisitados pelos passarinheiros?

17. Você poderia descrever as características de um bom passarinho?
18. Há algum preparo para o passarinho feito pelo passarinheiro?
19. Quais os alimentos dado aos passarinhos?
20. Quando é realizado o treinamento dos passarinhos? Têm torneios, atividades de disputa de canto? Você já participou?
21. Para você o que representa a atividade dos passarinheiros?
22. Tem algum nome dado a atividade dos passarinheiros?
23. Quais os períodos do ano mais se realizam atividade? Por quê?
24. Existe alguma vestimenta ou acessórios para essa atividade?
25. Em quais locais o passarinheiro mantêm os passarinhos?
26. Os passarinhos adoecem! Quais os nomes das doenças? Quais remédios você dá aos passarinheiros?
27. Existe alguma preparação para a atividade? Oração, palavras, gestos ou cerimônia? Podes descrever?
28. Você sabe me dizer qual a origem da atividade?
29. Para você qual a importância de ser um passarinheiro?
30. Você poderia nomear cada etapa da atividade e apontar as características dessas etapas.
31. O número de criadores está aumentando?
32. É difícil conseguir a liberação de órgãos competentes, a exemplo do IBAMA, para ser um criador legalizado?
33. Tem aumentado o número de criadouros legalizados? Considera essa prática positiva? Por quê?
34. Os passarinheiros se reúnem para conversar sobre a atividade? Sobre o que mais conversam?
35. Por que decidiu ser um criador legalizado?
36. Os passarinheiros legalizados têm representantes, líderes, ONGs?
37. Você tem alguma orientação sobre a melhor maneira de cuidar dos passarinhos? Quem dá essa orientação?
38. Você sente satisfação em ser passaricultor? Por quê?
39. Gostaria que a atividade dos passarinheiros fosse mais valorizada pela sociedade?
40. Você percebe alguma espécie de ave requisitada pelos passarinheiros em processo de extinção ou diminuição na natureza? Quais?

41. A criação em cativeiro é uma saída para diminuir a extinção de espécies de aves?
42. Há incentivo por parte de segmentos da sociedade para a criação e reprodução de aves em cativeiro?
43. Qual sua opinião sobre a atual realidade dos passaricultores na região metropolitana de Belém?

APÊNDICE C - CORPUS ORAL - TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA

Apresenta-se a transcrição de uma das entrevistas realizadas. Omitiu-se o nome oficial do informante para preservar sua identidade e foi dado a ele o codinome senhor Russel.

L1: Me dica seu nome completo... onde o senhor mora e a sua idade L2: sou Russel... moro em Belém do Pará... no bairro do marco e tenho cinquenta e um anos... L1: certo... qual a sua escolaridade? L2: éh:: doutor... médico veterinário... doutor... L1: qual seu estado civil? L2: casado... L1: qual a sua profissão? L2: sou professor L1: senhor Russel... a quanto tempo o senhor tem autorização para criar ave em cativeiro? L2: eu não lembro de cabeça... mas se eu não me engano é noventa e oito... por aí assim... desde mil novecentos e noventa e oito... L1: tem um bom já não é? L2: já... tem um bom tempo... L1: senhor Russel éh: eu chamo de... de passarinho também para os criadores de aves passeriformes... peço desculpas se o termo não estiver adequado tá? L2: tá... mas não é passarinho... é passaricultor... L1: passaricultor? L2: isso mesmo... L1: tá bom... L2: o termo passarinho... ele... ele... tá sendo retirado do nosso meio porque criou dentro da sociedade uma questão como se fosse é:: não só de predação... mas como se fosse aquele termo de quem vai pro mato... pra capturar... esse é o passarinho... é o cara que vai capturar passarinho no mato... e o passaricultor é o cara que trabalha com a criação e conservação de passarinhos... L1: perfeito... então esse termo já vai ficar registrado nessa pesquisa... já ouvi também se referirem a passarinho aquela pessoa que vai a natureza para fotografar... apreciar as aves... L2: também... mas não é tão usado... o passarinho é mais usado realmente para aquela pessoa que vai pro mato para capturar passarinho... L1: ótimo... então... gostaria de saber como o senhor se tornou um... um passaricultor... foi por motivação própria ou alguém lhe motivou a isso? L2: eu na verdade não sei quando comecei... a minha família... meu... meus tios... meu pai é:: quando me lembro por ser gente... eles já criavam pássaros... então... eu crio pássaro em gaiolas antes de ir pro colégio... então eu já fui de uma família que já vem de muita história de criadores de pássaros... agora... criar de forma correta... com o manejo correto... dentro do técnico do bem-estar... com autorização do IBAMA... aí só a partir de noventa e oito... L1: entendi... o senhor poderia comentar é:: por meio de sua experiência... como uma pessoa se torna um criador... o que motiva ela a ser um criador... no caso legalizado né? L2: eu acredito que é cultural... não tem outra explicação... a pessoa nasce já com... com a criação... ninguém resolve criar pássaro é:: do dia pra noite... é muito difícil... muitas pessoas entram no comércio... entram na questão comercial por você vê jornal... vê revista... ouvi alguém dizer que um bicudo campeão de

torneio pode custar trinta mil... quarenta mil e um filhote da linhagem do vigor lá do Valdir do realengo pode custar dez mil... aí a pessoa pode entrar com sendo pra participar de um negócio... mas essa pessoa não é uma pessoa que vai viver criando pássaros... L1: sim... L2: se o negócio dê errado... se caí o preço ou se surgir uma normativa nova dificultando a criação... quem vai ficar somos nós... quem vai ficar sou eu que crio desde quando me entendo por gente... aí veio a instrução normativa do IBAMA... hoje tá cada dia mais difícil da gente criar... porque nós temos hoje um monte de gente aí fora que acha que passarinho tem que viver fora da gaiola... você não pode criar... porque a gente tá capturando... você explica que você tem autorização... você explica que esses pássaros todos foram produzidos em ambiente doméstico... mas a pessoa acha que mesmo assim é errado... entendeu? então pro nosso meio mesmo quem cria é quem já tem cultura... o pai... o tio... o avô... alguém da família que criou ou que conviveu com gaiolas... pra gente é muito difícil a gente viver sem as gaiolas... L1: certo... L2: tá... é muito difícil... entendo... também acredito que a maior motivação o é a cultural... assim... o senhor sente satisfação em ser passaricultor? L1: demais... eu gosto... sempre gostei de criar... preservar... é uma satisfação cuidar das aves... bom... éh:: o senhor pode me falar sobre os tipos... categorias de criadores de aves... tem? L2: posso... tem o comercial... como o próprio nome tá dizendo... o criador comercial ele tem autorização pra criar como forma comercial é:: ou seja pra vender os produtos que ele cria... então ele tem autorização diferente da outra categoria... o comercial... ele é uma empresa... ele tem que montar uma empresa... tem que ter um responsável técnico sabe? que é um médico veterinário ou um zootecnista ou um biólogo tá::? que responde pela parte técnica e ele faz isso comercial... ele pode expor e pode vender esses produtos tá? o criador amador... a diferença pro amador é que a gente tem um número limitado de pássaro... não pode ser como a quantidade comercial... tem um número limitado e nós não podemos vender... nós podemos reproduzir o pássaro em casa... mas não podemos vender... os pássaros do criador amador ele... aliás... nenhum animal... nenhum tipo de animal ele tem dono... ele tem posse... o animal ele é da união... ele é de todos nós... então os meus pássaros de criador amador eles são cadastrados no IBAMA... via SISPASS e o IBAMA no momento em que houver necessidade... ele pode requerer alguns pássaros meus pra iniciar a criação de alguém ou pra fazer um projeto de... de reabilitação... esse tipo de coisa... o criador comercial não... o criador comercial... ele vende por nota fiscal ou seja... aí sim dá direito a posse... é bem diferente com relação a essa questão de posse mesmo tá? basicamente a diferente de forma geral é isso... L1: sim... entendi... o senhor falou na quantidade de animais limitada que um criador amador pode ter... o senhor sabe qual é essa quantidade? L2: eu não me lembro de cabeça... a IN 10 do

IBAMA diz isso... parece que são cem aves para o criador amador... L1: isso mesmo... em outras entrevistas mencionaram esse total de cem aves... L2: já o criador comercial não tem limite... o Valdir lá do criatório realengo... lá de Goiânia que é o maior criador comercial do Brasil... o Valdir tem mil e trezentas aves em casa... no criatório dele... L1: senhor Russel eu posso usar como sinônimo criatório e criadouro? L2: tanto faz... os dois é utilizado... criatório e criadouro L1: certo... senhor Russel e quando atinge por exemplo a:: a quantidade de cem aves o quê que se faz... digo no caso do criador amador? L2: o criador amador pode pagar multa por exceder a quantidade de aves para um criador amador... mas o criador amador pode se transformar em criador comercial... basta... basta ele requerer a transferência e ele... ele atingir os critérios básicos como a infraestrutura... o CNPJ... um responsável técnico... aquela coisa toda... aí ele pode se transformar... então se ele pode se transformar em criador comercial a partir do momento que ele atingir mais de cem aves... nada impedi que ele atinja mais de cem aves. L1: sim... L2: agora se ele atingir sendo criadouro... ou criador amador aí ele... ele entra em desacordo com a IN 10... aí ele paga multa... pode ser processado... esse tipo de coisa... L1: alguns criadores amadores já me falaram que... quando atinge o total de cem aves pode ser feita doações de aves... L2: isso... pode... pode... na verdade... na verdade a função do criador amador... a grande função do criador amador não é o cara ter o pássaro só pra ele... L1: sim... L2: o cara começa com dois pássaros aí:: ele vai reproduzindo... daqui a pouco ele tem dez... vinte... trinta... quarenta... cinquenta... sessenta... uma das funções do criador amador é essa... é essa socialização das aves entre eles próprios pra haja perpetuação e a manutenção é:: é:: de forma segura dessas... dessas espécies... por exemplo o bicudo *Sporophila maximiliani*... que é o bicudo verdadeiro... que é o bicudo do centro-oeste... tá em extinção em vida livre TÁ::... é o pássaro que eu crio hoje... é o pássaro que eu crio... aqui em casa eu ainda não comecei a fazer reprodução por questão de tempo... já tenho a infraestrutura... já tenho um local que é o criatório... tenho machos... tenho fêmeas... mas ainda não comecei a reprodução por questão de tempo... esse é um pássaro... por exemplo... que é muito importante que os criadores comecem a socializar mais pra poder você distribuir mais pássaros e aumente a produção... a unidade desses animais... porque eles estão em extinção... então é importante que a gente faça a sustentabilidade dessa espécie que já está extinta em área livre... L1: perfeito... senhor Russel... é:: no caso dos criadores comerciais... como é feita a venda dos pássaros? esses criadores podem vender pássaros pra qualquer pessoa? existe regra? L2: eles podem expor esses pássaros pela internet... podem expor... por exemplo... o criador amador não pode colocar seus pássaros em pontos de venda comercial... em lugar nenhum... numa padaria... numa farmácia... numa loja de produtos veterinários... eu

não posso expor meus pássaros lá... porque se eu expor meus pássaros num ambiente comercial seja ele qual for... denota que eu estou colocando a venda... então nós somos proibidos de expor pássaros em ambientes comerciais... o criador comercial não... ele pode expor os pássaros dele... ele pode colocar a venda e ele pode expor como uma mercadoria e ele pode vender pra qualquer pessoa... agora quando ele vende pra uma pessoa... ele coloca a nota fiscal no nome dessa pessoa e nos espaços ele coloca o CPF daquela pessoa como sendo comprador L1: certo... L2: Paulo... não é uma venda como um ventilador... como uma televisão que você recebi uma nota fiscal e leva pra sua casa... na verdade quando ele coloca o CPF do comprador nos espaços... o comprador tem o vínculo com o SISPASS... então aquele pássaro tem um vínculo com o CPF... então de certa forma não fica ponta solta... não é vender pra qualquer de qualquer jeito... sempre tem um critério... e esse critério é importante para que o IBAMA saiba qual é o destino mesmo comercial daquele pássaro... então no SISPASS fica o CPF de cada comprador... L1: entendi... realmente é criterioso... senhor Russel... nós falamos de criador comercial e criador amador... mas essa pessoa que compra a ave de criador comercial e que não ela não faz reprodução em ambiente doméstico... tem algum nome específico pra ela? L2: tem... tem uma terceira categoria... eu não me lembro agora o nome... porque o criador amador ele pode também não fazer reprodução como eu não faço... mas eu tenho o meu SISPASS e todos os meus pássaros são declarados no meu SISPASS e eu posso receber tanto pássaros de criador comercial... como eu posso receber pássaro de criadores amadores também... tá? quando eu pego o pássaro comercial eu tenho que solicitar a transferência da nota fiscal pra o SISPASS... porque eu sou criador amador... então todos os meus pássaros tem que tá no SISPASS... mesmo o de nota fiscal... agora se eu compro um pássaro... não tenho SISPASS... não sou cadastrado no SISPASS... aí eu vou lá no Pedro Amaro que é criador comercial e compro um pássaro... aí o Pedro Amaro me dá uma nota fiscal e coloca o meu CPF declarado no SISPASS dele... existe uma terceira categoria... que é:... eu não lembro o nome agora... L1: seria o comprador de ave...? L2: comprador de ave? não lembro direito... só olhando a IN 10 do IBAMA... tem o criador comercial... o criador amador e outro nome... que você não precisa ter SISPASS... mas só que você só pode ter pássaro de nota fiscal... não pode ter pássaro de criador amador porque aí você não tem SISPASS... não tem como transferir... L1: fiquei curioso para descobrir o nome dessa terceira categoria... L2: tu tens a cópia da IN 10 do IBAMA aí? L1: sim... tenho L2: então... você pode procurar essa terceira categoria na IN 10 do IBAMA... ela é de dois mil e oito se não me engano... na IN 10 tem tudo isso que nós estamos discutindo... L1: perfeito... obrigado pela orientação senhor Russel... eu vou pesquisar ela... Eh:: senhor Russel... eu sei que tem muitos

passeriformes... de aves canoras... são muitas né? mas o senhor poderia descrever as características... por exemplo... de um bom passarinho... quando o criador diz assim... esse aqui é um BOM pássaro? L2: na categoria dos pássaros a que eu mais gosto são os pássaros canoros... ou seja são os pássaros que eles socializam pelo canto... tá? então essa daí é a classificação básica... então... em primeiro lugar pra mim como criador... o que é que eu... o que é que eu quero num pássaro... primeiro que ele seja de origem é:: idônea... que ele seja legalizado... esse pra mim é critério básico de todos... ele tem que vim de um criadouro amador ou comercial... mas que ele seja... foi produzido em ambiente doméstico... entendeu? L1: certo... L2: o segundo ponto... é o pássaro que CANta é:: muito longo... são cantos longos... cantos de muita repetição... e que tenha... é:: digamos assim... muito... o retorno de canto seja muito rápido... o que a gente chama retorno... o canto seja bem próximo um do outro... esse é o pássaro ideal... é o pássaro que faça canto longo e o retorno é muito curto... ou seja canta e depois canta de novo e depois canta de novo... ou seja o ideal seria o pássaro que cantasse o dia todo sem parar... L1: coitado ((risos)) L2: pois é... isso não existe... ele tem que parar pra comer... tem que parar pra tomar água... tem que parar pra descansar e ele tem que parar pra socializar... então quando eu participo de torneios... os meus pássaros são pra participar de torneios é:: a minha procura constante é por pássaros que tenham cantos longos e com retorno curto... L1: muito bem... L2: olha... esse bicudo que está cantando aqui é um bicudo de torneio... você vê que ele tá aqui em casa quietinho... não está disputando... mas ele tá cantando todo tempo... L1: olha a conversa deu margem para a pergunta número vinte do roteiro de entrevista... que é justamente essa... quando... quando é realizado o treinamento com as aves... tem torneios... atividades de can:to... de disputa... como funciona isso? L2: tem... existe vários tipos de torneios tá? existe torneios de canto... que a gente chama de cantos clássicos... que são cantos artificiais... o curió tem o canto ana dias... que é o que eles chamam de canto praia... que é um canto que é chamado canto clássico... que é um canto totalmente artificial... que a linhagem gené::tica já tem que tê aprendido... L1: sim... L2: olha... hoje em dia a criação desses pássaros ela tá... ela tá tão... tão especializada que por exemplo... o canto clássico do ana dias... que o povo chama também de canto praia é:: existe linhagem de raças de curió que tem mais facilidade de aprendizado desses cantos... que são artificiais... L1: nossa... muito interessante... L2: então tu não pode pegar um pássaro do canto fibra... da categoria fibra... que uma ou::tra categoria de competição e colocar pra aprender a cantá o canto praia... que ele não vai aprender nunca... a dificuldade é muito grande... muito difícil dele aprender... mas se você pega das linhagens do canto clássico pra aprender o canto clássico... então é muito mais fácil... porque o pessoal já tá melhorando geneticamente... é isso

que os órgãos de fiscalização... eles ainda não entenderam... que a gente hoje tá criando de forma profissional... embora a minha categoria seja amadora... eu sou um criador amador... mas eu crio de forma profissional... L1: sim... L2: porque os meus pássaros hoje... eles têm treinamento... aqui em casa eu tenho voadeiras de um metro... meus pássaros vão pra essas gaiolas para terem condicionamento físico... porque meus pássaros são atletas... eles são... são competidores... então eles têm que ter condicionamento físico... eles têm que ter condicionamento de canto... eles têm uma alimentação especial... eles têm os dias de treinamento... que eu coloco eles pra treinamento... preparatório pré-torneio e pós-torneio... eles tem um período de descanso... de vitamina... de reabilitação... então eu crio de forma profissional... nós criamos de forma profissional... é o que eu gosto de fazer e o que eu aprendi a fazer e obviamente a gente tem hoje um grande número de pessoas que criam de forma profissional... L1: que interessante senhor Russel... realmente são informações valiosas sobre a criação de passeriformes L2: sim... então eu tenho muito cuidado... observo as linhagens dos meus pássaros que eu faço a aquisição... eu não compro qualquer passarinho de criador comercial e eu... e eu não recebo qualquer passarinho de criador amador... se um amigo meu vem e me liga e diz... olha eu tenho um filhote aqui... assim... tu quer ele pra ti... aí eu digo assim... quem é o pai... quem é a mãe... qual a origem... o tataravô... qual a árvore do pai... qual é a árvore da mãe... aí eu tenho meu conhecimento já aqui... aí eu olho e digo não... esse passarinho -- eu crio bicudo fibra -- esse pássaro vai cantar na casa dos quatro minutos... então não me interessa... eu já tenho um bicudo aqui que canta cinco minutos... seis minutos... L1: No::ssa... L2: pois é:: é isso mesmo... então eu digo eu não quero... eu já tenho um bicudo aqui que canta na casa dos quatro minutos... então eu não quero... muito obrigado e dê pra outro... L1: muito bem... L2: Paulo... nós estamos no meio profissional já hoje... não existe mais esse negócio de se encher a casa de passarinho é:: só por ter:: passarinho... já passou esse tempo... L1: tá... o senhor falou em canto... eu entendi que tem torneio de canto e tem torneio de fibra... é isso? e tem diferença? L2: tem... o torneio de canto é um torneio que ele é avaliado pela qualidade do canto... por exemplo... o canto ana dias são trinta e sete notas musicais e o pássaro tem que colocar essas trinta e sete notas musicais sem errar... quanto menos ele errar a colocação dessas notas a pontuação dele é mais alta... quanto mais melodiosa a voz dele a pontuação é mais alta... quanto ele melhor se coloca pra cantar... quando mais calmo ele canta com a cabeça pra cima... melhor a nota dele... quanto mais repetição melhor a nota dele... então tem toda uma classificação pela qualidade do canto... L1: certo... e... você pode me falar sobre o torneio de fibra? L2: sim... o torneio de fibra é avaliado pela quantidade de canto éh:: não interessa a qualidade de nota... de altura... se o

passarinho voa... e:: se ele não voa... interessa que em quinze minutos de marcação ele cante o máximo possível... L1: entendi... olha só... tem muita diferença... deu pra entender bem... e:: quando vocês vão pra realização de um torneio tem um local específico... vocês planejam antes? L2: tem... primeiro... primeiro que só quem pode fazer torneio são associações... tá? uma associação... uma federação ou um clube de criadores todos eles registrados no IBAMA... então um grupo de criadores não pode sozinho montar um torneio... é proibido tá? L1: sim... L2: então... só quem fomenta... só quem promove torneio são as federações... os clubes e as associações... todos eles registradas como empresa... CNPJ e cadastrados no IBAMA... aí a gente tem que se filiar a esse clube ou essa associação ou essa federação... L1: para poder participar dos torneios? L2: isso... tem que tá filiado... L1: é bem criterioso mesmo... L2: é sim... aí as associações... os clubes eles montam um calendário anual com as datas e os locais dos clubes... o IBAMA fiscaliza... faz a vistoria do local... pra vê se o local pode receber os pássaros... o ambiente deve ser fechado... mas nem tanta... deve ter um pouco de ar ou é um ambiente aberto... mas não pode ter predadores... não pode ter barulho... não pode tá é:: com muita gente ao redor então tem uns critérios que o IBAMA tem pra classificação do local... aí são dois torneios por ano... tem as datas marcadas e não pode mudar... porque se o IBAMA quiser fiscalizar ele sabe o dia e a hora e onde está acontecendo o torneio L1: perfeito... no seu caso... o senhor é filiado a alguma associação... clube? L2: sou filiado à associação de criadores de pássaros do estado do Pará... a ACPP L1: aí o senhor olha o calendário lá para ver os dias dos torneios... o local? L2: isso... agora parou tudo por causa da pandemia... mas os nossos torneios acontecem aqui no Senai da Duque... mauriti... bairro do marco... L1: eu sei onde é... L2: sabe? era ali nossos torneios... L1: essas regras pra torneios eu encontro na IN10 do IBAMA? L2: sim::... você encontra as regras para os clubes se filiarem... agora tem outro ponto... as regras para o torneio... para avaliação do torneio... aí você vai encontrar na COBRAP L1: COBRAP? L2: isso... a COBRAP tem o regulamento nacional de torneio ou seja... os nossos torneios aqui eles são regidos pelo regulamento nacional... ninguém cria normas tá bom? Então é a COBRAP que tem o regulamento nacional de torneios pra bicudo... pra curió... pra trinca ferro... cada espécie tem um regulamento... L1: senhor Russel tem algum período no ano que é mais propício pra realizar esses torneios? L2: sim... o verão... no verão é quando os pássaros mais cantam... o pássaro canta mais no verão... porque é:: o verão é o período de acasalamento e o pássaro no fundo... no fundo... ele não canta pra gente... o pássaro canta pra fêmea L1: ((risos)) claro... L2: ((risos)) ele canta pra disputar sua fêmea... ele canta pra ela e... e... pra botar o inimigo dele pra longe... então... na verdade a gente acha que eles cantam pra gente... mas não é pra gente... eles cantam pras

fêmeas // como primeira... verão é o período de reprodução... é:: o período que eles mais cantam... então normalmente são os melhores períodos para os torneios... mas aqui no Pará a gente tem torneio o ano todo... L1: por quê? L2: porque aqui a gente tem pássaros nativos que eles não fazem muda no inverno... então eles cantam bem no inverno também... então tem torneio o ano todo... L1: quando vocês vão participar de torneio... é:: vocês têm alguma vestimenta própria ou não tem problema em relação a roupa usada pelo criador? L2: normalmente a gente vai de... de... camisa comum... só não pode usar boné ou usar é:: algum aparelho sonoro... que... que... ofusque ou que os passarinhos estranhem... L1: tá certo... L2: tá? por exemplo... nesse período pós pandemia a gente não sabe como é que vai fazer com máscara... porque se você chegar com máscara do lado da gaiola os bichos vão achar estranho... L1: é verdade... realmente os pássaros podem estranhar... L1: senhor Russel... como o senhor já citou no decorrer de nossa conversa... eu gostaria que você citasse o nome de algumas aves que mais são requisitadas pelos passaricultores... sei que o senhor deve conhecer muitas... é um especialista... veterinário... L2: dentre as aves mais requisitadas pelos criadores o número um é o trinca ferro tá? o pixarro... trinca ferro e pixarro é a mesma coisa... hoje ele é o número um no Brasil... tem um canto muito potente... depois vem o curió... bicudo... as patativas... tsiu... é:: azulão... mas é basicamente isso... L1: tem coleira também? alguém se interessa? L2: acho que depois do trinca ferro é o coleiro hoje no Brasil... é um dos pássaros mais comercializados... em terceiro acho que é o bicudo... L1: o senhor falou em patativa... aqui na nossa região seria o que os criadores chamam de pintada? L2: pintada? L1: sim... L2: hum:: não sei te falar... não sei te falar se patativa é a mesma pintada... talvez seja L1: tá bom... agora vou lhe fazer uma pergunta que o senhor deve ter bem propriedade para falar... acredito que assim como os seres humanos... os pássaros também adoecem... o senhor poderia citar o nome de algumas doenças que são mais comuns nessas aves em cativeiro? L2: é:: hoje a principal doença desses pássaros em cativeiro é a eimeriose que é o que eles chamam de peito seco é::... é a principal doença que mais mata aves em ambiente doméstico... a gente tem algumas... tem alguma diarreia provocada por bactérias... nós temos pássaros que têm problema de muda de penas e eles têm deficiência de iodo... deficiência de algum mineral... e aí não faz as mudas de penas completas... muda de bico... morre muitos pássaros com muda de bico... porque o pássaro canoro quando ele muda pena ele também depois muda o bico... e aí deficiência de cálcio... porque os pássaros não comem direito... tem dificuldade pra comer... os seus proprietários não levam esses pássaros nos veterinários... eles têm uma maneira de fazer automedicação... medicar os bichos... dão medicação caseira ou da cabeça deles... as vezes os pássaros não... não... tem tanto valor comercial aí ele não leva no

veterinário... porque vai ter que pagar caro... tem varias doenças bacterianas... várias doenças virais... quem usa muitos esses pássaros para fazer essas presa... que são normalmente... são pássaros éh::...éh... do mato... pássaros capturados... que fazem essas brigas no campo... eles morrem muito por questões de bulba viária... que é um vírus que tem contato sangue... sangue... fungos... a gente tem muito problema de pneumonia por fungos... gaiola suja... o alpiste sujo... é uma infinidade de enfermidades que esses pássaros tEM... a gente perde muitos pássaros... L1: o senhor falou em uma doença que conhecida popularmente como peito seco... em outras conversas os criadores me falaram sobre coccidiose... é a mesma coisa? L2: éh:: a coccidiose e a eimeriose é a mesma coisa... L1: o senhor falou também em relação a muda da plumagem das aves... o senhor já ouviu falar em muda encruada e meia muda? você pode me explicar um pouco sobre isso? L2: já... já sim... o pássaro com problema de muda... quando ele não muda no período que a gente chama de muda encruada ou quando ele muda somente a metade das penas que é a meia muda ou muda incompleta... existe muito uma questão psicológica da própria ave... por exemplo... você comercializa uma ave e ela sai do ambiente que ela estava para um novo ambiente e aí no período de adaptação dela pra esse novo ambiente ela pode passar pelo período de muda sem fazer a muda ou não cai as penas... assim como muitas aves não se adaptam ao novo ambiente... L1: certo... L2: olha... a gente que trabalha com torneio é muito comum você pegar... adquirir um pássaro que tava bem no torneio e vai pra sua casa e de repente o pássaro cai a produção... cai o desempenho dele... nada mais é do que a mudança de ambiente... então o pássaro as vezes não se adapta como a gente não gosta de alguns ambientes e não consegui conviver... não tem diferença nenhuma... o sentimento é o mesmo... os pássaros não são diferentes... então eles tem sentimentos... aí o que acontece... alguns desses pássaros tem esses problemas psicológicos de prender a muda... esse é um ponto importante... outros pontos importantes é a alimentação desequilibrada... tem gente que acha que passarinho só come alpiste e painço... na verdade não... na verdade pra muda eles precisam de iodo... eles precisam de ferro... de alimentação bastante proteica... o pássaro no ambiente no ambiente natural quando ele entra em muda... ele sai da copa das árvores e vai mais pra baixa pra perto do chão... lá ele tem minhoca... lá ele tem aranha... tem um monte de insetos... ele deixa de comer mais o grão e come mais proteína... ele fica num local sem se cansar muito... porque ele vai precisar trocar as penas... a muda é como se fosse uma febre... o pássaro precisa estar recluso... ele precisa está num ambiente mais calmo... sem muito vento... sem muito sol ... aí as pessoas não sabem que o pássaro tá mudando... o cara põe na gaiola... põe pra fora... põe pra cantar... vai passear com o passarinho... mostra uma fêmea... ele termina que ele prende aquelas penas velhas e aí elas secam e atrofiam ali no... no

folículo da pena... no bulbo da pena... e aí elas não caem... aí fica atrofiada que é a muda encruada ou o pássaro muda só a metade e depois para de mudar... só pra explicar mais... quando o pássaro não muda no período certo que a gente chama de muda encruada (...) por motivos psicológicos ou de alimentação o pássaro prende as penas velhas e aí elas secam e atrofiam ali no folículo da pena... aí elas não caem... ficam atrofiadas L1: nossa... L2: entendeu? L1: entendi... e aí quando o pássaro fica com a muda encruada ou meia muda... isso baixa o rendimento dele em termo de canto... de fibra? L2: sem rendimento... não tem rendimento... o pássaro... o pássaro quando ele faz a muda completa... ele precisa de um tempo que a gente chama de tempo para enxugar a muda... o pássaro perde muito san::gue... porque os bulbos e canhão de aza... principalmente aza e rabo são muito irrigados de sangue... então eles ficam um pouco fraquinhos... eles precisam se reabilitar... aí a gente entra com ferro... entra com vitamina b12... entra com alimentação bem mais rica de proteínas... minerais para que esse pássaro se recupere... o pássaro quando não faz essa muda... ele se senti mal... ele se esforça muito... então ele não consegue disputar... ele não consegue se concentrar pra disputar... então o rendimento dele cai completamente L1: tá:: talvez o senhor não queira citar nomes de remédios... mas não tem problema nenhum... pra minha pesquisa quanto mais a pessoa citar termos como nome de doenças... nomes de remédios pra mim é melhor... porque eu sei que é algo recorrente na fala dos criadores e só vocês conhecem o significado dessas terminologias... por exemplo eu já ouvi alguns criadores falarem em canto lindo e avitrin... L2: sim... são duas empresas farmacológicas... canto lindo é uma empresa farmacológica que produz vários fármacos pra pássaros e o avitrin é uma multinacional... vende pro mundo todo remédio pra pássaro L1: e o fert-vit? L2: o fert-vit já é o nome de um medicamento... canto lindo é o nome da empresa que produz medicamentos... o avitrin é o nome de uma multinacional que produz medicamentos e o fert-vit é o nome de um remédio... L1: para que é indicado o fert-vit? L2: o fert-vit é um complexo vitamínico e:: é utilizado pra pássaro quando está em reprodução... L1: certo... L2: tem também selênio... tem vitamina e... que também ajudam na reprodução... L1: tem outros remédios que sejam bem clássicos... bem utilizados? L2: não... o avitrin... a marca avitrin ela tem o avitrin antibiótico... ela tem avitrin vitaminas... ela tem o avitrin aminoácido... ela tem o avitrin ferro... ela tem o avitrin cálcio... são praticamente todas as medicações que os pássaros precisam... temos outras empresas... mas basicamente é antibiótico... vitaminas... anti-inflamatórios... aminoácidos... cálcio... ferro... iodo... basicamente isso... tá::? L1: tá:: senhor Russel... o senhor falou agora a pouco em gaiola... inclusive o senhor falou em voador... o senhor pode citar nomes de alguns tipos de gaiola que vocês costumam colocar os pássaros? L2: é:: a gente tem gaiola de manutenção

que é a gaiola que fica em casa... assim... que são gaiolas mais baratas... hoje o grande problema das gaiolas são as dimensões... L1: sim... L2: tá::? A gente tá cada vez mais hoje é:: é:: necessitando de gaiolas um pouco maiores para que dê oportunidade que os pássaros façam pelo menos pequenos voos dentro dessas gaiolas... não há necessidade dele voar.. mas ele tem que pelo menos abrir as asas de um poleiro pro outro... como se fossem pequenos voos... essa seria a gaiola ideal... que permite que o pássaro faça pequeno voo... então... dependendo da espécie... você tem uma patativa que é pequenininha... tem um tsiu... um coleiro... que é minúsculo e você tem um trinca ferro... pixarro grandão... então a diferença de gaiola é enorme de um pro outro... porque o tamanho dos pássaros é diferente... agora quem trabalha num criadouro amador ou comercial... aí você tem que ter uns cinco tipos de gaiolas diferentes... você tem as gaiolas de cria... que são as gaiolas criadeiras... você tem as gaiolas de reprodução... você tem as gaiolas de manutenção... você tem as gaiolas voadeiras... que é o voador... que são para colocar os filhotes quando estão aprendendo canto... então são inúmeras as quantidades de gaiolas... em casa... você que cria pássaro em casa tem que ter um número maior de gaiolas de acordo com o número de pássaros... porque você sempre precisa tá tirando o pássaro daquela gaiola pra poder higienizar... entendeu? L1: entendi... L2: eu por exemplo... hoje eu tô com treze pássaros em casa... mas eu tenho umas vinte e três gaiolas... eu tenho umas dez gaiolas a mais... L1: nossa... L2: é:: justamente para que eu faça a higienização das gaiolas que os pássaros estão... a cada dois meses eu faço isso L2: então pra fazer essa higienização você transfere o pássaro para outra gaiola limpa... dá uns dias... L2: isso... aí lava a gaiola com produtos a base de solução de qboa... de cloro... porque o pássaro as vezes ele tá voando... ele defeca e fica sujando a gaiola... as talas... as malhas da gaiola... o cocho... o poleiro e essas fezes tem obviamente o fator de estética... uma gaiola toda suja não é legal... mas a gente participa de torneio e agente prioriza muito a... a... apresentação do pássaro na gaiola... porque os nossos torneios... eu esqueci de ti falar... o clube... ele obrigatoriamente tem que ter um rt... um responsável técnico do clube... da associação... então quando você coloca teu pássaro no torneio o veterinário vai lá e ele fiscaliza... se ele achar que teu pássaro tá numa gaiola suja ou tem algo errado... ele pode e deve pedir a retirada do teu pássaro do torneio L1: certo... é muito rigoroso mesmo... mas tá certo... tem que ser assim... é:: deixa eu lhe perguntar... quando vocês vão para os torneios eu já ouvi falar em algumas superstições que... que o criador usa... faz... o senhor já fez... já ouviu falar? L2: tem um monte de gente que faz um monte de coisa... mas eu acho que não é necessário... o passarinho quando tá bem condicionado... quando ele tá bem de saúde... quando ele tem a vontade de... de... de disputar... ele precisa ter essa vontade e ele tá bem trabalhado... tá bem

treinado... não há necessidade... ele vai fazer o serviço dele que eles são bem profissionais os pássaros... eles gostam de torneio... o pássaro... a principal socialização dele é o canto... então ele gosta de cantar... ele precisa do canto como forma social... então ele canta... aí a quantidade de canto e a qualidade do canto depende muito do manejo e da espécie... então não adianta tu estalar dedo... fazer biquinho... botar alho... fita vermelha... não adianta... durante o torneio... no momento do torneio existe os fiscais de roda que a gente chama é proibido o pro () é proibido o proprietário assobiar... bater dedo... pro seu pássaro... ele pode ser desclassificado se ele fizer isso... L1: o senhor mencionou um termo interessante é:: fiscal de roda... me fale mais um pouco sobre esse sujeito... L2: fiscal de roda é:: isso mesmo... no torneio de fibra a gente tem o fiscal de roda... que é um fiscal que ele pode tirar o pássaro... porque o pássaro quando você coloca ele na roda... na fibra o fiscal é que fica responsável por ele... então você não pode trocar água... você não pode fazer nada na gaiola... L1: e no torneio de canto tem também esse fiscal? L2: tem... tem sim... todo lugar tem fiscal... se não vira... vira uma loucura éh:: todo mundo quer ganhar... L1: acredito mesmo... L2: tem histórias antigas de criadores que pegava a fêmea e botava até no bolço pra poder ela piar pro passarinho macho escutar e cantar mais... tem um monte de coisa... L1: senhor Russel... nesses torneios se o seu pássaro sair vencedor tem alguma premiação? L2: o nosso aqui de Belém não... não tem premiação... ganha troféu... mas aí fora tem... no campeonato nacional que eles chamam... nos campeonatos estaduais... quando é no final tem até moto de premiação pro vencedor... L1: olha só... aí no caso o criador que tem bastante troféu em casa significa dizer que ele tem bons pássaros... que cantam muito... tem fibra... L2: exatamente... L1: Russel o senhor saberia me dizer sobre a origem dessa atividade e aí o senhor pode falar tanto da atividade do ponto de vista da ilegalidade quanto da legalidade? Quando começou? L2: não... difícil saber...ninguém sabe quando começaram os torneios... a gente sabe que os pássaros já estão sendo reproduzidos em ambiente doméstico a mais de sessenta anos... há mais de sessenta já se reproduz... principalmente o curió e o bicudo em casa... agora torneio eu acredito que é bem antes disso... a gente não tem história... eu já li bastante sobre isso... mas ninguém sabe... não encontrei nenhuma informação... L1: certo... L2: ninguém menciona sobre isso... não tem estudos... pesquisas... e em relação a captura de aves da natureza que no caso é ilegal pra se criar em casa sem a devida autorização... L1: eu acho que é uma prática muito mais antiga ainda não é? L2: acredito... parece que é uma prática muito antiga dos povos indígenas... acho que tudo começou por aí... o curió é conhecido como na linguagem tupi guarani como amigo do homem... L1: isso... perfeito... L2: ou seja... na época dos índios eles já conheciam o curió... então éh:: já remonta daquele tempo lá do xerimbabo que eles

pegavam os animais como sendo de estimação... então isso aí é uma coisa muito mais antiga que a gente pode pensar... L1: pelo que já li... quando os povos indígenas criavam as aves em casa como por exemplo o curió que é o amigo do homem... eh:: eles não tinham intenções comerciais... mas com a chegada dos colonizadores aí mudou bastante né? L2: verdade... verdade... L1: senhor Russel é::... na sua visão tanto de criador quanto de técnico também... o senhor acha que o número de criadores amadoristas... comerciais tem aumentado aqui no Pará? L2: não... não... pelo contrário... tem diminuído por causa dos rigores das fiscalizações do IBAMA propriamente dito... então... o sistema de fiscalização do IBAMA... ele não é um sistema educativo... ele é um sistema punitivo... então isso faz com que muitas pessoas que criavam pássaros... inclusive criavam de forma honesta... de forma éh:: legal passaram pra ilegalidade L1: mas isso é muito ruim... não acha? L2: éh:: eh:: o tiro que saiu pela culatra... por que isso? eu tenho cadastro no SISPASS e o IBAMA através do SISPSS tem meu endereço... L1: sim... L2: então se eu fosse um criador ilegal eles não sabiam onde eu tava... o IBAMA só sabe onde o criador ilegal tá quando houver uma denúncia... alguém ligar e dizer... olha lá na casa tal... número tal tem um cara que tem gaiola... só que quando se existem criadores legais em casa e que ninguém faz denúncia... então na verdade algumas pessoas preferem ir pra clandestinidade... isso é ruim né? L1: éh:: acho que pela rigidez das leis acaba que dificultando a questão da legalização... é uma pena... é uma pena fato de você querer muitas vezes ser legalizado... mas esbarrar na rigidez... por que acredito que é muito ruim não ser legalizado... você sair com uma ave na rua... dá um passeio com ela... fica apreensivo... fica com medo de a qualquer momento um órgão competente vim e tomar sua ave... lhe aplicar uma multa... L2: sim... sim... mas aqui em Belém a gente não sabe quantas pessoas criam pássaros de forma ilegal... mas são muitas pessoas... são muitas... são muitas... se você olhar esses bairros mais periféricos... guamá... terra firme... aqui na extremidade do marco que é onde eu moro é:: a cada três casas... uma tem gaiolas e a maioria é ilegal... L1: esses que são ilegais não podem participar dos torneios né? L2: não... não pode... o pássaro só pode participar com anilha... de nota fiscal ou no SISPASS L1: o senhor falou em um termo bem interessante... a anilha... o que contém na anilha senhor Russel? L2: a anilha hoje... a nossa liga nacional ela é fornecida a partir de uma licitação federal pela anilhas capri... uma empresa... que a anilhas capri fornece obrigatoriamente pra todos criadores amadores e conservacionistas e... e... comerciais... então só ela pode vender anilha... então a anilha tem as dimensões corretas pra cada espécie... curió é 2.6... 2.5... o bicudo é 3.0 ou 3.2 e aí ela tem o número do SISPASS... isso não é o criador que determina... já é determinado pelo IBAMA... então vem uma numeração... vem o tamanho da anilha que o diâmetro dela 2.6 por exemplo

e... e... data de nascimento do passarinho... identificação e data de nascimento... L1: o tamanho da anilha é de acordo com a espécie... L2: certo... L1: muita informação interessante senhor Russel... isso é muito relevante para a minha pesquisa... senhor Russel tem orientações de órgão competentes para melhor forma de cuidar desses pássaros em cativeiro... quem dá essas informações? L2: não... não tem... é... não IBAMA nem SEMAS eles te orientam... não nota padrão ou manual de como criar... isso aí é responsabilidade do criador... é o criador que tem que ter aprendido e alguns aprendem até de forma errada... mas não tem nada de orientação padrão não... L1: ao seu ver deveria ter uma orientação padrão para isso? L2: éh:: acredito que sim... seria interessante... porque na verdade se você for pegar livros da área veterinária... da área biológica... da área da zootecnia... você encontra ali como criar curió... como criar bicudo... isso é o que mais tem... mas não é o órgão competente que educa... não é o órgão de fiscalização... na verdade o órgão de fiscalização hoje só fiscaliza... L1: entendi... então essas orientações já são dadas por pesquisadores... pessoas interessadas em ajudar... L2: isso mesmo... L1: o senhor gostaria que essa atividade dos criadores fosse mais valorizada e mais reconhecida pela sociedade? L2: claro que sim... eu acho que a principal função nossa é a questão da conservação dessas espécies... porque:: quem TÁ acabando com essas aves que estão no meio ambiente não somos nós criadores... quem tá acaBANdo com essas aves do meio ambiente é a devastação do próprio meio ambiente... é a proteína animal... é a proteína vegetal... são essas... a enorme criação de gado... muitos campos devastados... é a plantação de soja que tá acabando com essas espécies... então o próprio homem que está destruindo a natureza... o que eu fico chateado muitas vezes com esses conservacionistas que ficam brigando aí contra a... a criação de silvestres de forma geral... não só aves mas qualquer outro tipo de silvestre é justamente por isso... porque esses caras que falam que não querem ver pássaro em gaiola... que não querem vê um papagaio dentro de casa... que não querem ver você criando paca pra produção de carne... mas eles enchem o bucho todo dia de produtos de proteína de carne... entendeu? usa algodão nas suas camisas... usam couro em cinto... nas bolsas... eles usam perfume... eles comem pão... comem trigo... tomam leite e aí bate no peito e diz que é contra a criação... na verdade todo mundo... todos nós hoje somos responsáveis pela destruição do ambiente... porque você precisa comer... você precisa queimar combustível fóssil... todo mundo tem ou quer carro... então se você queima combustível fóssil a natureza tá sendo destruída... L1: sem dúvidas... L2: então a grande função nossa é justamente manter esses pássaros... um grande exemplo que acabei de falar foi o bicudo verdadeiro o maximiliani... bicudo verdadeiro aquele que é de origem do centro-oeste não existe mais solto e não foi traficante que acabou com ele... foi a destruição do habitat dele... o maximiliani que

existe hoje todos estão nas gaiolas... então se não fosse nós os criadores esse bicho não existia mais em lugar nenhum... então tu vai no utinga hoje... tu vê a ararajuba... mas aquela ararajuba que tá lá no utinga hoje ela veio de um criador... porque ela não existe mais na natureza praticamente... aí tem mico-leão-dourado... tem rolinha azul... tem um monte de bicho que tão vindo dos criadouros que estão guardando esse material genético... L1: realmente... os criadores têm grande importância para a preservação das espécies... e o sabiá? ainda tem bastante ou tá acabando? L2: ainda tem muito... até porque o sabiá se adapta muito bem ao ambiente urbano... o bicudo não faz isso... o curió não faz isso... os sementeiros eles não conseguem se adaptar na região urbana... enquanto que os animais que são mais frutíferos... o sabiá... jandaia... muitas espécies conseguem conviver no ambiente urbano... mas os pássaros canoros não conseguem fazer isso... L1: Tem um passarinho chamado coleiro ou coleira... já ouvi os dois nomes... eu posso chamar o coleiro ou a coleira... é a mesma coisa... e mais... o senhor sabe por que esse passarinho tem esse nome? L2: pode chamar coleiro e coleira... é a mesma coisa... é chamado de coleiro porque ele tem uma malha preta no pescoço... ele é cinza e tem uma malhinha... tipo uma coleira mesmo no pescoço... L1: e o papa capim é a mesma coisa da coleira? L2: não... papa capim é uma coisa... coleira é outra coisa... tsiu é outra... caboclo lindo é outra coisa... existe uma variedade muito grande desse passeriforme... muito grande... são vários... é um gênero muito grande... L1: então eu não posso criar um verbete no meu vocabulário com o termo coleira e colocar papa capim como variante... sinônimo? L2: não... é diferente... o gênero é o mesmo mas a espécie é diferente L1: tá:: muito bem... então se eu digo que tenho um papa capim em casa não é uma coleira? L2: não... não é... mas isso pode mudar em algumas regiões... aqui na minha região coleiro é uma coisa e papa capim é outra totalmente diferente... o papa capim é mais verdinho... ele é menorzinho... o coleiro é um pouco maior... tem aquela alça preta no pescoço... é bem diferente... L1: tá bom... entendi... agora vou lhe perguntar aqui sobre algumas terminologias e... e aí o senhor me diz se o senhor já ouviu falar:: e se o senhor sabe o significado... tá bom? L2: tá bom... L1: eh::... o que significa plantel? L2: o plantel é a quantidade de animais... o volume de animais que você tem no seu ambiente doméstico... por exemplo hoje eu tenho meu plantel de bicudos de treze aves ... meu plantel são treze aves L1: tá certo... e o que é o encarte? L2: o encarte é justamente o aprendizado de um canto artificial... o canto que o passarinho vai aprender que não é dele... as notas não são naturais dele... mas ele vai ter que aprender... vai ter que encartar aquelas notas. L1: o senhor falou do canto praia clássico... é um canto que se aprende por meio do encarte? L2: isso... isso mesmo... L1: o que é um curiozeiro? L2: curiozeiro é um criador de curió... o cara que se dedica só a criação de curió...

já tem também o bicudeiro que é o cara que se dedica // tem surgido tantos nomes L1: ((risos)) L2: na verdade ele gosta mais da criação de bicudo L1: olha só:: interessante como vão se formando novas palavras... termos... L2: verdade... tem também os coleiristas... são aqueles que gostam mais de criar coleiros... coleiras... L1: quando vocês estão conversando sobre... sobre a criação de pássaros... aves... será que outras pessoas entendem o significado dos termos que... digo... que vocês usam? L2: olha... é verdade que quando a gente está conversando... digo um criador de ave com o outro... usamos palavras... assim... bem próprias... acho que só agente entendi o significado... éh:: acho que os outros não entendem mesmo ... mas isso é normal... é preciso participar da passicultura pra poder entender mais esse universo da criação de passarinhos... L1: muito interessante... senhor Russel vou lhe perguntar sobre gaiolas ((risos))... já ouvi falarem em gaiola preseira... já ouviu falar? L2: sim... já ouvi falar... infelizmente... é a gaiola do nosso curiozinho nativo daqui... que ela é bem pequenininha... ela tem vinte centímetro só:: e as malhas na lateral elas são mais fechadas justamente pra facilitar que o curió da gaiola faça a presa... aprende o curió solto... L1: como é essa presa? L2: o curió da gaiola pega o nativo usando o bico... ele agarra no pé ou no dedo e puxa para dentro da gaiola e fica segurando... L1: isso deve machucar bastante... L2: machuca muito... inclusive o curió do mato... mas o curió da gaiola também pode ser presado pelo curió do mato... não é muito comum... mas o curió do mato pode em algum momento pegar o curió da gaiola e pode ocorrer a morte de um dos dois né? é um ato comum aqui na nossa região do Pará... do Maranhão... que é o curió de presa... é ilegal... porque os curiós de presa são os nativos capturados e treinados em ambiente doméstico... tanto o curió fibra como o curió de canto clássico... eles não têm o hábito de pegar de presa... quem aprende a pegar de presa é o curió nativo... então teoricamente a maioria dos curiós que estão nas gaiolas que fazem presa são nativos... foram capturados... L1: tá:: senhor Russel e é o que o chamado canto selvagem? L2: o canto nativo:: são dialetos é:: que são nativos de cada região e eles são incontáveis... por exemplo a gente tem aqui no Pará... o que a gente chama de dialeto trola... o dialeto trola... ele... ele... em cada região do Pará... ele é diferente... porque um curió adquire canto ouvindo seus pais cantarem... então ele é um canto restrito a uma área limitada... se você vai em Santa Isabel... os curiós selvagens tem um tipo de canto... se você vai em Castanhal... trinta... cinquenta quilômetros a frente os curiós tem um outro dialeto L1: e o que seria o trola? ele tem um canto atrapalhado? L2: é um canto atrapalhado e... e sem colocações de notas longas... ele é um canto curto... porque os passarinhos eles não precisam tá repetindo um canto... eles cantam rápido e cantam curto... e são poucas notas... são três ou quatro notas só:: então é um canto bem pobre... L1: bem pobre de notas no caso né? L2: isso...

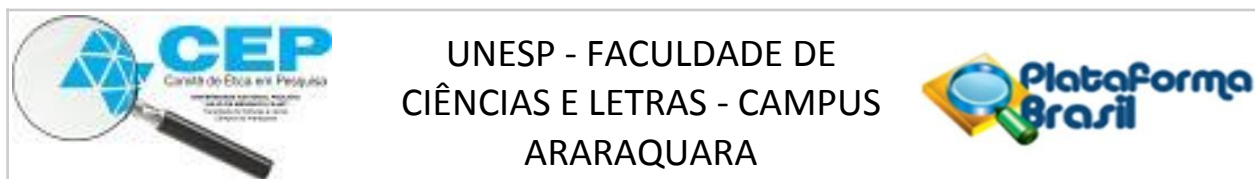
é um canto pobre de notas... com pouca diversidade de notas... aí tem também o canto rico... ele tem muitas notas musicais... L1: o senhor falou em roda... de se colocar as gaiolas em roda... eu já ouvir falar também em parelha... o senhor sabe me explicar? L2: a parelha são dois... dois -- a gente não faz isso aqui nas nossas competições -- a parelha... eles colocam dois pássaros pra competir um com outro L1: competir no canto? L2: isso... isso... a gente não faz essa modalidade pra cá não... pra cá é a roda... a gente chega a botar 60 pássaros numa roda L1: aí a intenção é ver quem é o vencedor... qual é o que canta mais? L2: isso mesmo... a oito da manhã você coloca o pássaro na estaca... aí umas onze horas você faz a mensuração de cada pássaro dez minutos... se ele tiver cantando abaixo de um minuto e meio... aí ele sai... ele é desclassificado... se ele não cantar... se ele abrir asa ele sai porque ele não tá bem... aí a roda fecha de novo... meio dia mais ou menos se faz uma nova mensuração... quinze minutos pra cada pássaro... aí ganha o pássaro que cantar mais em quinze minutos... L1: o senhor falou em abrir aza... se eu tiver conversando com uma pessoa e falar em abrir aza a outra pessoa não vai saber o que significa... L2: é:: significa que o passarinho tá estressado... significa dizer que ele não quer competir... tá com algum problema e ele desistiu... significa dizer que ele se entregou... L1: entendi... eu tinha escutado falar em parelha como sinônimo de pássaro bom de encosto... que seria aproximar as gaiolas L2: é colocar dois curiós pra brigar um com a gaiola colada na outra... que é outra ilegalidade também que se faz... L1: então não seria a mesma coisa que parelha? L2: não... eu conheço parelha quando você colocar dois curiós pra cantar um pertinho do outro... no encosto eles vão brigar... não vão cantar... é a mesma coisa do curió preseiro... L1: e qual o período que os pássaros cantam mais? L1: é o período da temporada L1: temporada? L2: isso... esse é o período que os pássaros cantam... cantam mais... é o período de acasalamento L2: hum:: entendi... e o que é um pássaro repetidor... um curió repetidor... por exemplo? L2: é um pássaro que faz um canto lo::ngo... ele é rico de notas tá? e ele pode fazer vários cantos um seguido do outro... aquilo que eu te falei no início... seria um pássaro ideal... seriam os pássaros repetidores... hoje temos pássaros bicudos... curiós... por exemplo o sentinela neto é um curió que uma cantada ele fez sete minutos... uma única cantada sem parar... ele iniciou e só parou de cantar com sete minutos após... recorde nacional praticamente... é uma repetição... L1: em relação ao canto... eu já ouvi falar em samarítá... o que é? L2: samarítá é uma nota musical do canto clássico... é uma única nota musical do canto clássico... são trinta e sete notas... L1: então numa disputa de canto é orbitário o curió cantar o samarítá? L1: sim... L2: antigamente o passarinho que não cantasse o samarítá era desclassificado... hoje ele não desclassifica mais... mas ele perde muita pontuação se ele não cantar o samarítá... L1: nossa... é muita coisa... e o que o pássaro

galador? L2: galador é o reprodutor é o pássaro que enche ovo... L1: e a curiola? L2: é fêmea do curió... a bicuda é a fêmea do bicudo... mas a curiola só significa que ela é feminina... L1: dentro de um criatório nem toda curiola é reprodutora? L2: não... não... até porque nem todas as fêmeas de um criadouro conseguem reproduzir... L1: existe algum nome específico para a fêmea reprodutora? L2: existe a fêmea reprodutora... a fêmea reprodutora ela é completa ela... ela produz os ovos... ela choca e ela cria... e existe a fêmea chocadeira que é a fêmea que só choca os ovos ela não põe os ovos... e existe a fêmea criadeira que é fêmea que cria os filhotes de outra fêmea L1: e a matriz? L2: a matriz é a fêmea reprodutora... é uma fêmea que ela reproduz bem... ela coloca os ovos... ela choca e ela cria os filhotes... é a matriz... olha... as vezes a gente demora para achar uma matriz... sabe? os pássaros// é sempre bom lembrar isso// tem seus comportamentos... nem todos são bons de canto// tem a situação... situação das fêmeas do curió... do bi-cu:do... as vezes elas não são matrizes... L1: entendi... eh:: outra coisa que quero lhe perguntar... já ouvi falar... falar de chia... o que é chia? L2: chia é um treinamento que é ilegal... é desumano... é um curió que se faz com o curió preseiro... os caras capturam o curió do mato... amarram um linha nele e fica dando pro outro curió bater... as chias morrem... morrem todas... L1: meu Deus... que triste... tem também um passarinho de borracha que compra na feira pra fazer esse treinamento... L2: tem... tem... é um manequim... um curiozinho de borracha que você faz a chia... mas nem todo curió pega o curió de borracha... eles gostam mesmo de fazer a chia do curió vivo... L1: entendi... e quando eu falo que um pássaro abriu fogo? L2: significa dizer que ele dobrou... é a mesma coisa... abriu fogo ou tá dobrado... porque quando o pássaro sai de muda a gente diz que ele tá frio... quando ele tá se recuperando... é o período de enxugar a mudar... então nesse período ele canta muito pouco... ele não estoura pra fêmea... ele fica meio frio mesmo... o termo é esse... depois que passa esse período que ele se recupera ou quando ele tá doente que ele se recupera da doença... quando ele abriu fogo ou seja quando ele dobrou o fogo é quando ele tá bem... quando ele tá cantando...tá repetindo... tá estourando pra fêmea... quando ele tá no período dele normal... L1: aí ele está pronto para participar dos torneios e todos os desafios... L2: isso... ele tá dobrado... L1: tá fogoso... L2: muito bem... tá fogoso... correto... L1: o que é passarinho xéba? L2: é usado para o passarinho que não presta é ruim...passarinho que não canta... não tem fibra... aí não tem valor de troca... comercial... L2: senhor Russel... qual sua opinião sobre a atual realidade... éh:: dos passaricultores na região metropolitana de Belém? L2: eu acho que podemos fortalecer a criação... fortalecer sabe? o contato entre os criadores... incentivar a criação legal... fortalecer o clube... divulgar nossas práticas sabe? para que as pessoas comecem a mudar o jeito de ver o criador legalizado... não aceitar em nossas

residências aves ilegais... buscar atender a legislação... nossa rea... realidade ainda não é boa... mas podemos melhorar fazendo isso que falei... temos uma boa quantidade de criadores legais... e podemos aumentar... ajudar na preservação das espécies... L1: certo... senhor Russel eu acredito que o senhor meu deu bastante explicações importantes... fortaleceu alguns conceitos que eu estava com dúvidas além de ter acrescentando informações muito relevantes com a citação de terminologias que sem dúvidas farão parte do vocabulário dos criadores de passeriformes que pretendo elaborar... eu lhe agradeço imensamente pela sua disponibilidade tá? em conversar comigo... peço desculpas por ter tomado parte do seu tempo... espero elaborar um bom trabalho e dar um retorno a sociedade com minha pesquisa... e principalmente... quero que seja valorizado o trabalho dos passaricultores dessa região... atividade que eu acho muito interessante e relevante para a preservação das espécies... L2: espero ter colaborado... foi um prazer... L1: muito obrigado

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Vocabulário especializado dos passarinhos da Amazônia paraense

Pesquisador: PAULO SANTIAGO DE SOUSA

Área temática:

Versão: 3

CAAE: 18119019.0.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Dados do Parecer: 3.646.929

Apresentação do Projeto:

O projeto apresenta o objeto de estudo, os objetivos e a metodologia coerentes com a área de estudo e, de modo geral, considero a proposta exequível.

Objetivos da pesquisa:

Este projeto de pesquisa visa "elaborar um vocabulário especializado em língua portuguesa dos termos usados pelos passarinhos na Amazônia paraense, possibilitando o reconhecimento da linguagem de um discurso que se situa na prática da tradição social, profissional e cultural".

 <p>CEP Comitê de Ética em Pesquisa</p>	<p>UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CAMPUS</p>	 <p>Plataforma Brasil</p>
<p>Avaliação dos riscos e benefícios: ARARAQUARA</p>		

Foi especificado como riscos mínimos: "A pesquisa pode causar algum tipo de desconforto e inquietação, por envolver a gravação em áudio, questionamentos durante a entrevista, ou pela breve mudança de rotina na vida do entrevistado".

Com relação aos benefícios: "Demonstrar por meio dos dados inquiridos a diversidade linguística no Brasil, sobretudo no que se refere aos estudos terminológicos. E apresentar aos interessados um material acurado em nível de Doutorado sobre a cultura e o léxico dos passarinhos na Amazônia paraense".

Comentários e considerações sobre a pesquisa:

O cronograma está adequado de modo que os instrumentos de coleta de dados só serão aplicados em 2020. O instrumento de pesquisa é especificado como entrevista. O "roteiro a ser usado na entrevista" foi incluído como documento em anexo.

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1	CEP: 14.800-901
Bairro: CENTRO	Município: ARARAQUARA
UF: SP	E-mail: comitedeetica@fclar.unesp.br
Telefone: (16)3334-6124	

Página 01 de 03

Continuação do Parecer: 3.646.929

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCL apresenta:

- Concisão e objetividade;
- Linguagem adequada ao nível sócio-cultural dos sujeitos de pesquisa;
- Descrição suficiente dos procedimentos;
- Referência a riscos mínimos como "A pesquisa pode causar algum tipo de desconforto e inquietação ao senhor, por envolver a gravação em áudio, ou mesmo pela mudança de rotina em sua vida.

No entanto o pesquisador buscará evitar ou reduzir ao máximo os efeitos e condições que possam causar algum dano ao informante".

- Explicitação das garantias:

"Caso o senhor se sinta prejudicado com a participação na pesquisa em eventuais situações, tem o direito de solicitar uma indenização".

Recomendações:

As recomendações foram atendidas

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há mais pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr/Unesp, reunido em 16/10/2019, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. O relatório final deverá ser entregue até 06 (seis) meses após a data de finalização da pesquisa, conforme projeção do cronograma constante do projeto aprovado.

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1344517.pdf	30/09/2019 11:22:39		Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista.docx	30/09/2019 11:21:14	PAULO SANTIAGO DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_consentimento_livre_esclarecido.docx	19/06/2019 19:17:56	PAULO SANTIAGO DE SOUSA	Aceito
Projeto Detalhado	projeto_doutorado_linguistica_lp_un	19/06/2019	PAULO SANTIAGO	Aceito

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1 Bairro: CENTRO UF: SP Telefone: (16)3334-6124	Município: ARARAQUARA CEP: 14.800-901 E-mail: comitedeetica@fclar.unesp.br
---	---

Página 02 de 03

Continuação do Parecer: 3.646.929

/ Brochura Investigador	esp.docx	19:03:06	DE SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	19/06/2019 18:59:05	PAULO SANTIAGO DE SOUSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARARAQUARA, 17 de Outubro de 2019

Assinado por:**ROSANGELA SANCHES DA SILVEIRA****Coordenador(a)**

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1	CEP: 14.800-901
Bairro: CENTRO	
UF: SP	Município: ARARAQUARA
Telefone: (16)3334-6124	E-mail: comitedeetica@fclar.unesp.br

ANEXO B -TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor está sendo convidado para participar, como voluntário, da minha pesquisa. Meu nome é PAULO SANTIAGO DE SOUSA e sou aluno da Universidade Estadual Paulista – *Campus* Araraquara. Pretendo fazer ao senhor algumas perguntas sobre a atividade dos passarinhos, incluindo: os nomes dos pássaros, os tipos de alimentos e treinamentos, doenças que podem acometer os pássaros em cativeiro e os tratamentos necessários, os critérios de compra e venda de um pássaro, as qualidades de um pássaro mais cobiçadas pelos passarinhos, bem como os critérios para legalizar um criadouro de aves, a importância dos criadouros de aves em cativeiros e os regulamentos para um indivíduo se tornar um passarinho autorizado pelos órgãos competentes, a exemplo do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Vou gravar nossa entrevista e escrever no papel ou computador apenas aquilo que estiver relacionado à atividade dos passarinhos e depois fazer uma lista com as palavras mais específicas usadas pelos passarinhos.

Abaixo, estão os detalhes sobre a pesquisa e, após ficar ciente de como participará do meu projeto, o senhor deve assinar as duas vias deste documento. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável, que sou eu.

O senhor não é obrigado a colaborar, por isso, se não concordar, não será penalizado de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, o senhor poderá entrar em contato com O pesquisador responsável, PAULO SANTIAGO DE SOUSA, nos telefones: (91) 98500-6616; (16) 9 8831-9698. E-mail: profpaulosantiago@gmail.com

Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, o senhor poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – *Campus* Araraquara, nos telefones: (016) 3334-6224 ou (016) 3334-6466.

ANEXO C - INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA EMITIDAS PELO CEP

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

NOME DO PROJETO: VOCABULÁRIO ESPECIALIZADO DOS PASSARINHEIROS DA AMAZÔNIA PARAENSE

JUSTIFICATIVA:

É importante a realização desta pesquisa dada à natureza da atividade dos passarinheiros, repleta de termos especializados e dotada pela dinâmica na mobilidade para realizar a criação, treinamento e comercialização de aves passeriformes. Há a necessidade de catalogar o léxico dos passarinheiros da Região Metropolitana de Belém para a realização de um estudo terminológico que contemple sua natureza linguística, pois é na observância da atividade desses sujeitos que se percebe o quanto é usual o emprego de termos com significados específicos e, por vezes, tão específicos que suscitam saber sobre sua constituição. Além disso, o vocabulário especializado servirá como obra de referência para pessoas que queiram compreender esse léxico ou se tornar um passarinheiro, visando sempre à preservação e proteção do meio ambiente.

OBJETIVOS:

Objetivo Geral:

- ✓ Realizar um estudo relativo à terminologia presente na oralidade dos passaricultores da RMB, quando dialogam sobre a atividade da passaricultura, a partir de um *corpus* representativo oriundo de gravações de entrevistas com esses sujeitos sociais, que possibilita o reconhecimento de uma língua de especialidade, apresentada em um vocabulário especializado (VE), cujos termos que compõem a obra terminográfica situam-se na prática da tradição cultural, social e profissional.

Os objetivos específicos que norteiam a elaboração da tese são:

- ✓ Elaborar um protótipo do vocabulário especializado monolíngue em língua portuguesa referente à atividade da criação de aves passeriformes da Amazônia paraense;

- ✓ Organizar o protótipo do vocabulário especializado dos passaricultores a partir de critérios terminográficos;
- ✓ Sistematizar e disponibilizar a nomenclatura do VE, contendo todos os termos coletados e validados;
- ✓ Desenvolver reflexões linguísticas e culturais acerca das unidades terminológicas presentes no protótipo do VE;
- ✓ Estabelecer discussões que relacionam língua, cultura e léxico, visando à compreensão de situações que favorecem o surgimento e circulação dos termos especializados que compõem a repertório linguístico do grupo sociocultural dos passaricultores da Amazônia Paranse.

PROCEDIMENOS UTILIZADOS DA PESQUISA:

Primeiramente, vamos fazer uma apresentação, para poder conhecer o (s) senhor (es) que iremos entrevistar. Depois, num próximo encontro, começaremos as entrevistas em um lugar onde o entrevistado se sinta mais a vontade e facilite o transcorrer da entrevista. Será utilizado um gravador ou celular para registrar a conversa e, logo depois, colocaremos o texto oral no papel ou computador, ou seja, vamos registrá-lo na forma escrita.

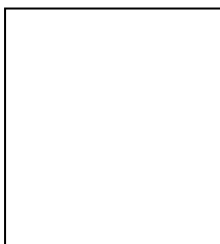
- A pesquisa pode causar algum tipo de desconforto e inquietação ao senhor, por envolver a gravação em áudio, ou mesmo pela mudança de rotina em sua vida. No entanto o pesquisador buscará evitar ou reduzir ao máximo os efeitos e condições que possam causar algum dano ao informante.
- Caso o senhor se sinta prejudicado com a participação na pesquisa em eventuais situações, tem o direito de solicitar uma indenização.
- Os participantes não terão nenhum tipo de gasto financeiro com a pesquisa.
- A participação nesta pesquisa não inclui nenhuma forma de pagamento ou gratificação. Se aceito, deve ser feita gratuitamente.
- É garantido sigilo, de modo que asseguramos a privacidade dos sujeitos entrevistados quanto aos dados confidenciais que por ventura venham a se envolver na pesquisa.
- O participante tem total liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – FONE: (16) 9 9329
5344

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador também me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara - UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

Local e data



POLEGAR DIREITO



Nome e Assinatura do entrevistado

Testemunha

ANEXO D - COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

	UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CAMPUS ARARAQUARA	
COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa:	Vocabulário especializado dos passarinhos da Amazônia paraense	
Pesquisador:	PAULO SANTIAGO DE SOUSA	
Versão:	1	
CAAE:	18119019.0.0000.5400	
Instituição Proponente:	Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara	
DADOS DO COMPROVANTE		
Número do Comprovante:	093590/2019	
Patrocinador Principal:	Financiamento Próprio	
<p>Informamos que o projeto Vocabulário especializado dos passarinhos da Amazônia paraense que tem como pesquisador responsável PAULO SANTIAGO DE SOUSA, foi recebido para análise ética no CEP UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara em 31/07/2019 às 08:49.</p>		
Endereço: Rod. Araraquara-Jaú Km1		
Bairro: CENTRO		CEP: 14.800-001
UF: SP	Município: ARARAQUARA	
Telefone: (16)3334-8124	E-mail: comitadeetica@fclar.unesp.br	

ANEXO E - FOLHA DE ROSTO – PLATAFORMA BRASIL



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Vocabulário especializado dos passarinhos da Amazônia paraense			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 15			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: PAULO SANTIAGO DE SOUSA			
6. CPF: 771.205.232-87	7. Endereço (Rua, n.º): Avenida Agostinho Sônego, Campus Ville, 409 ARARAQUARA SAO PAULO 14800737		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 91988818990	10. Outro Telefone:	11. Email: profpaulosantiago@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> <p style="text-align: center;">Data: <u>31</u> / <u>05</u> / <u>2019</u></p> <p style="text-align: right;"><u>Paulo Santiago de Sousa</u> Assinatura</p>			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara	13. CNPJ: 48.031.918/0026-82	14. Unidade/Orgão:	
15. Telefone: (16) 3301-6224	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Responsável: <u>Cláudio Cesar de Paiva</u> CPF: <u>137.082.868-39</u></p> <p>Cargo/Função: <u>Diretor</u></p> <p style="text-align: center;">Data: <u>31</u> / <u>05</u> / <u>2019</u></p> <p style="text-align: right;"><u>Prof. Dr. Cláudio Cesar de Paiva</u> Assinatura</p>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			